FON FON
ANNO XXIV — N.º 39
Rio, 27 de Setembro de 1930
PREÇO 1$000

DORES NA CINTURA
DESORDENS DOS RINS—

V. S. PODE EXPERIMENTAR GRATIS

Este famoso tratamento

Se V. S. é victima de Rheumatismo Chronico, Dores na Cintura, Musculos Doridos, Articulações Inchadas, Desordens dos Rins e da Bexiga, pode agora mesmo e sem obrigação alguma, livre de gastos, experimentar um tratamento excellente que tem quarenta annos de existencia.

Não duvidamos que o seu medico lhe dará sua opinião sincera sobre o valor das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Consulte-o sobre a excellencia da formula. Outros pacientes que soffreram como V. S., encontraram allivio para suas doenças graças a este tratamento.

Provar não custa nada. Para que debilitar o corpo com saes purgativos se só se necessita estimular o bom funccionamento dos Rins? Não se trata de uma preparação secreta; a formula está impressa sobre a caixa, e o producto se encontra em todas as Pharmacias. Estamos convencidos de que um pequeno tratamento lhe demonstrará a efficacia do producto.

Milhares de pessoas comprovaram que, submettendo-se a um breve tratamento com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, voltaram a desfrutar de uma vida sã. Os frascos deste preparado vendem-se por milhões no mundo inteiro.

Tome as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, contra Dores nas Costas, Rheumatismo, Dores Articulares e Desordens dos Rins. São boas para moços e velhos. Não são drogas perigosas, mas um tratamento que combate a enfermidade. Para comprovar a sua rapidez de acção, peça-nos um fornecimento gratis para experiencia; dirija a sua carta a E. C. De Witt & Co., Ltd., (Depto. M. 10), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Pilulas De Witt

PARA OS RINS E A BEXIGA

PARA OBTER SUA CAIXA GRATIS, ESCREVA AO ENDEREÇO ACIMA INDICADO.

M. 10 — PREÇOS NO DISTRICTO FEDERAL | Rs. 7$000 O FRASCO PEQUENO | Rs. 12$000 O FRASCO GRANDE — LICENCIADAS PELO D. N. S. P. SOB O No. 146

Quatro conselhos de belleza

Graças ao CREME HINDS

Meninas casadeiras

—Que te fez pedir a mão de Maria?

—Porque não dizes as mãos? Repara como são alvas e finas, apezar de todo o trabalho.

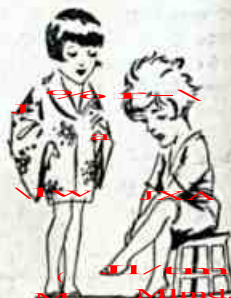
Nota: Maria usa o *Creme Hinds*

Um bom conselho

—Que rosto tão luzente e que nariz tão oleoso! Não haverá uma alma caridosa que lhe ensine a evitar semelhante horror, usando o Creme Hinds?

Pergunta inutil

—Mas o teu pó não cáe?

—Por certo que não, pois uso o Creme Hinds antes de applicar o pó. Experimenta-o e verás.

Não mais rasgões

—Põe o Creme Hinds nas tuas mãos e evitarás os rasgões nas meias e desfiar da roupa de seda.

CREME HINDS

O radiomaniaco

De Eugenio Rio

VENANCIO [illegible] era um amigo da [illegible]. Nascêra em uma fazenda do interior e lá crescêra. A sua infancia, passou-a ali, no meio das mucamas e escravos, entre o terreiro e a sala da fazenda, ou então em rapidos passeios á igrejinha que se erguia sobre uma verde collina e a sala do engenho, onde os antiquados instrumentos trabalhavam tendo como força motriz a quéda dagua do ribeirão, aproveitada por uma roda hydraulica.

Era ali, na sala do engenho, que o pequeno Venancio gostava de estar, vendo trabalhar moendas, "monjólos" e despolpadores.

Os machinismos tinham sobre o menino uma attracção formidavel.

Quando foi necessario faz'l-o estudar, seus paes enviaram-no para a Côrte e Venancio atirou-se aos livros com tal prazer que, em breve era o primeiro da classe.

Assim foi até o curso superior.

Os revezes da vida, porém, embaraçaram os desejos do joven Venancio e elle, que sonhava com o titulo de engenheiro, teve que se contentar com um logar em uma repartição publica, como rabiscador de papeis.

A' força de habito, acostumou-se, acclimatou-se á burocracia e esqueceu por completo o annel symbolico que tantas vezes, em sonhos, contemplara, mettido no seu "fura-bolos".

A inclinação para a engenharia era, porém, nelle, como uma tára; parecia mesmo que a lei do atavismo fazia com que elle fosse buscar, em ascendentes remotos, aquella inclinação.

O homem lia, apaixonadamente, tudo quanto lhe cahia sob os olhos e que tratasse de grandes invenções e descobertas sensacionaes.

A navegação aerea empolgou-o quando Santos Dumont e Severo illudiram o mundo com os seus inventos; o homem leu tudo quanto se escreveu sobre o assumpto e o surto do homem para o azul deixou Venancio deslumbrado.

O seculo das grandes descobertas nascêra e, dia a dia, a humanidade conquistava mais uma victoria no terreno da sciencia.

Afinal, surgiu, um dia, a telegraphia sem fios.

Venancio achava que a descoberta de Marconi não poderia passar de experiencias de laboratorio, que jamais trariam á humanidade vantagens praticas.

Para elle, Morse seria ainda, durante muitos annos, o grande transmissor do pensamento á distancia.

Pouco a pouco, porém, o genial invento do engenheiro italiano ia tomando vulto e quando, um dia, não só os signaes telegraphicos, mas tambem a voz humana, foram transmittidos á distancia, Venancio comprehendeu que o progresso na actualidade era mais vertiginoso do que outróra.

Com o advento do centenario da Independencia do Brasil irrompeu na cidade a febre do radio-telephone.

Venancio, o pacato e calmo burocrata, o pae de familia methodico e simplorio que, ordinariamente, se deitava ás oito da noite e se levantava ás seis da manhã, tratava dos canarios e do jardim e depois de se barbear e almoçar partia para a sua repartição pelo mesmo bonde de sempre; Venancio, o empregado exemplar, que jamais faltava á repartição e que nunca assignára o ponto em segundo logar; Venancio, que jamais deixára de, após o jantar, fumar o seu charuto sentado na sua cadeira de balanço, a conversar com d. Ignacia e com os seus quatro herdeiros; Venancio, esse homem exemplar, mudou de repente.

Um bello dia, regressou á casa sobraçando livros e revistas escriptas em italiano, em francez e em inglez e, depois do jantar, fugindo ao seu charuto e á palestra em familia, engolfou-se na leitura dos livros, em risco de ter uma congestão.

A's oito horas, consoante o habito, d. Ignacia bateu as almofadas, preparou o leito e, depois de esperar uns dez minutos, chegou junto ao marido:

— Seu Venancio! Você não vem deitar?

— Já vou, Ignacinha.

A's dez horas, d. Ignacia sahiu do quarto, em camisa de dormir, e disse:

— Seu Venancio! Que escandalo é esse?! São dez horas!

— Ignacinha, não me amole!

D. Ignacia metteu-se na cama, sem poder atinar com a razão de tamanho disparate.

No dia seguinte, o nosso homem acordou fóra da hora; não tratou dos canarios, não fez a barba e quasi perdeu o bonde do costume.

Dahi por deante, todos os habitos do homem mudaram como por encanto.

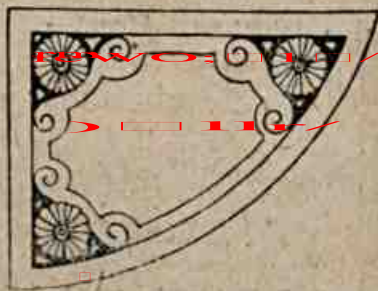
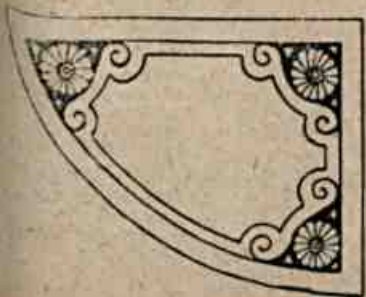
Os canarios eram tratados por d. Ignacia, o jardim encheu-se de tiririca e algumas vezes o Venancio perdeu a hora do ponto.

Elle andava com a barba de quatro dias, recebia reprimendas e conselhos do chefe da sua secção e em casa tornava-se irritadiço e pouco tratavel.

Até a Tatá, a caçula de tres annos, que era o "ai Jesus!" do papae, tinha sido victima da irritação do homem.

Serrando madeira, fazendo bobinas, enrolando e desenrolando fios, trepado no telhado a montar antennas e furando o chão em busca do cano dagua para linha de terra, o homemzinho escangalhava as mãos, arranhava o encerado da casa, quebrava telhas e gastava um horror de dinheiro.

Afinal, construido um apparelho de radio, um modesto detector de galena, o homem começou a procurar ouvir as estações transmissoras.

Com os phones nos ouvidos, Venancio exigia o maximo silencio, para que pudesse syntonizar o apparelho; ninguem tinha licença de

encostar-se á mesa onde estava o apparelho, porque um balanço poderia fazer o estylete sahir do ponto sensivel da galena.

D. Ignacia, a senhora que jamais conhecera aborrecimentos depois que casára, agora vivia pelos cantos a maldizer a radiotelephonia.

Pelo pequeno apparelho, que mal podia apanhar as irradiações locaes, Venancio ouvia mal os concertos musicaes.

Maldizia mesmo a uniformidade dos programmas que todo o dia lhe davam os mesmos trechos de operas, os mesmos pedaços de musica classica em discos de zonophones e executados por amadores.

— Decididamente, necessito ouvir mais longe; S. Paulo tambem irradia — dizia Venancio.

Novamente, o homem, já agora "radiomaniaco", encetou a construcção de um novo apparelho, com o qual pudesse ouvir S. Paulo.

Gastou tempo e dinheiro, e a paciencia de d. Ignacia chegou a faltar:

— Seu Venancio, você acaba ficando maluco, com essa porcaria! Gasta um horror de dinheiro com essas babozeiras e, quando acaba, o Zézé está sem sapatos, Lilica não tem uma pasta para ir á escola, Julico está com um chapéo de palha que já tem dois annos, e você não faz outra coisa senão botar o dinheiro nesses fios e nessas trapalhadas. Além de tudo, está um "ranzinza" de primeira agua, não brinca com os filhos, não conversa com a gente, não trata mais da horta nem do jardim, não liga mais aos canarios, e até passou a ser um mau empregado. Está, positivamente, maluco.

— Senhora, metta-se lá com a sua vida, porque você não está no alcance de comprehender essas coisas. Assim que eu conseguir ouvir S. Paulo, montarei um alto-falante para que todos possam ouvir. Talvez seja até possivel ouvirmos Buenos Aires.

— Estou mesmo crente de que você acabe ouvindo o Hospicio Nacional.

Venancio acabou ouvindo São Paulo.

O RADIOMANIACO

(Continuação)

Os programmas eram os mesmos. A "Marcha Funebre", de Chopin, a estafada "Lucevan le stelle", a musica futurista de Debussy e de Rinsky-Korsakow, "La Donna é mobile", do "Rigoletto", e outras repetiam-se numa monotonia terrivel.

— Isso aqui, no Brasil, não passará disso mesmo! — murmurou o homem, largando os phones, depois de ouvir a "serenata" de Toselli pela decima vez.

No dia seguinte, Venancio adaptava mais uma valvula ao seu apparelho e, depois de muito manobrar, ouviu uma voz grossa dizer:

— *Aqui habla la estación argentina de.....*

Venancio exultou:

— Ignacinha! Estou ouvindo Buenos Aires!

— Dá-lhe lembranças! — gritou, do fundo da cozinha, d. Ignacia.

Com uma profunda ruga na testa, Venancio ouviu que, em Buenos Aires, uma victrola tocava "Adios Muchachos" e logo após "Questa o quella", do "Rigoletto".

Largou os phones e, passeando deante do apparelho, monologava:

— Isto aqui, na America do Sul, ainda está muito atrazado; necessito ouvir mais longe.

Novamente o homem se engolfou na leitura de revistas e compendios.

Dias depois, sahindo de uma casa de "prego", onde deixára o seu Pateck-Phillipp, Venancio entrava em uma casa de apparelhos de radio.

— Com este, o senhor ouvirá os Estados Unidos, a Hollanda, a Inglaterra e até o Japão — disse o mercador.

A' tarde, Venancio entrou em casa com o carregador, que trazia ás costas um pesado movel.

— Que é isso, seu Venancio! Um guarda-comidas?

— Guarda-comidas?! Isso é um super-audio Grimmstowsky, modificado para ondas ... s. Ago... deremos ouvir até ... Japão, ... antipodas!

— Uhé! Nunca ouvi falar ... nação!

— Nossos antipodas são os ... tralianos; elles pertencem ao ... que está localizado ahi, em ... dos nossos pés.

D. Ignacia olhou para os ... procurando, talvez, ver os a... lianos.

— Olhe, seu Venancio, será ... que você, amanhã, passe no ... sultorio do dr. Bôa Morte; vo... tá perdendo phosphatos.

— Triste ignorante!

— Ignorante?! Então você, Venancio, quer que eu acredite ... os australianos moram aqui, ... baixo dos nossos pés?! Você p... que eu tambem estou maluca?

— Tambem?!

— Sim, porque você já ... in... du... bi... ta... vel... men...

Venancio ia responder, mas o... o relogio e, enfiando o capacet... phones na cabeça, começou a ... curar Pittsburgo.

Uma hora depois, ouviu o "s... ker" norte-americano annun... um "fox-trot" e, logo após, a ... chestra atacou a marcha dos ... dados do "Fausto", de Gounod.

Venancio, irritado, manob... procurando Londres.

Londres chegou. Ao piano, ... "primeiro premio" do Royal C... servatory executava uma so... de Beethoven e, logo após, o ... rilhão de Westminster batia as ... ze badaladas da meia noite ... "speaker" disse qualquer coisa ... de Venancio só comprehen... "good night".

— Hoje cheguei tarde — d... elle.

— Por que, seu Venancio?

— Imagine você, Ignacinha, ... ouvi bater meia noite em Londr...

D. Ignacia olhou o relogio, ... marcava oito horas e cinco.

— Seu Venancio, ou você ou... mal, ou os inglezes adeantaram ... relogio.

— Não diga tolices, Ignacia! Você não sabe o que é a differe... de meridianos?

— Nem quero saber! Só sei é ... você está cada vez mais maluco.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barrozo — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2-0377 — Administração: 2-4135 — Caixa Postal 97

RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

As auras marinhas e a Cutis

Terão se conjurado as aguas e o ar marinhos e os raios do sol para fazer a perdição de sua cutis, amargurando assim as suas ferias? Si tal confabulação houvesse, desbaratal-a-ia fazendo uso da "CERA PURA MERCOLIZED", com a qual lhe será possivel, passar todo o dia no banho ou estendida na areia, exposta aos raios do sol, sem que por isso venha a soffrer no minimo a sua cutis. A "CERA PURA MERCOLIZED" applicada todas as noites antes de deitar-se por meio de uma massagem suave, faz com que a cutis do rosto, do collo e dos braços se conserve tão clara e louçã como se nunca tivesse devido soffrer a energica acção dos raios solares e da agua salgada.

E o segredo desta immunidade está em que a "CERA PURA MERCOLIZED" ajuda a Natureza na funcção de renovação da cutis, pois, diaria e imperceptivelmente dissolve e elimina as particulas velhas e gastas da pelle que são o que impede a apparição de nova e perfeita cuticula que se acha encoberta, cuticula que mercê da acção da "CERA PURA MERCOLIZED" tem assim a opportunidade de vir a superficie para resplandecer na plenitude de sua sã formosura natural.

Obtenha "CERA PURA MERCOLIZED" em qualquer pharmacia, e desfructará as suas ferias conservando inalteravel a belleza de sua cutis.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure mercolized wax")

eu já prometti a Santa Therezinha dez velas de cêra para que ella faça você ficar bom dessa maluqueira! Querer me convencer que agora, ás oito horas, é meia noite em Londres! Isso é que nem você, nem outro mais sabido poderá me fazer acreditar! Esse diabo desse radio é que te poz nesse estado!

Venancio sorria, superiormente, e, comsigo mesmo, pensava em ouvir, no dia seguinte, o Japão.

— Lá, talvez não estejam com essa molestia das musicas classicas — dizia elle. — Musicas que já meu avô assobiava e que essa gente não cansa de ouvir. Será possivel que não se invente coisa mais nova? Amanhã, ouvirei, com certeza, as musicas regionaes japonezas, cantadas por alguma "geisha" de olhos obliquos e acompanhadas por uma orchestra de instrumentos barbaros. Mesmo porque, para ouvir os horriveis "fox-trots" americanos e os classicos de Grieg, Liszt e Beethoven, eu não precisaria captar as ondas de Kobe ou de Pittsburgo, da Hollanda ou da Inglaterra!

No dia seguinte, a estação japoneza de Kobe entrou nas bobinas e valvulas do "super" do Venancio.

O "speaker" japonez mastigou uma phrase, que Venancio não entendeu, mas que achou de um sabor estupendo.

Logo após, ouviu uns accordes

O RADIOMANIACO

(Conclusão)

---

de piano e uma voz feminina começou a cantar a "Meditacion de Thais".

Acabada essa musica, alguem executou a "Réverie", de Schumann, e, logo após, um violino plangente "chorou" as notas melancolicas da "Elégie", de Massenet.

Ao iniciar-se o "Prologo" de "I Pagliacci", Venancio atirou com violencia os phones sobre a mesa; com um formidavel pontapé derribou o "super-audio" de Grimnstowsky, modificado para ondas curtas, e, tomando de um martello, reduziu o apparelho a cacarécos.

D. Ignacinha correu; ao ver, porém, seu marido com os olhos esbugalhados, a face entumescida e violacea, espumando pelos cantos da bocca, julgou que o accesso de loucura chegára afinal.

Venancio contemplava os destroços, empunhando ainda o martello destruidor.

D. Ignacia correu a buscar um copo com agua de melissa:

— *Seu* Venancio, beba isto! Acalme-se!

Elle bebeu, acalmou-se e, automaticamente, dirigiu-se para a sala de jantar, onde se jogou em uma cadeira, cabisbaixo e taciturno.

De repente, ergueu a cabeça e olhou para a gaiola dos canarios: saltitando, enganado pela luz electrica, o canario executava trinados, volatas e gorgeios maravilhosos.

Venancio escutou attentamente o cantorzinho alado e, de repente, virando-se para d. Ignacia, disse:

— Ignacinha, amanhã vamos acasalar este "salsa-pintado" com aquella canaria gemmada; esses dois vão dar-me uns filhotes de estrondo. Amanhã mesmo, eu vou pedir ao compadre Jurumenha, o canario "limoado" para juntar com essa canaria nova. Pretendo fazer um bonito na proxima exposição do Club dos Canaristas.

D. Ignacia ouviu o marido com expressão do espanto e da alegria no rosto gordo.

Sorrindo, ella interpellou o esposo:

— *Seu* Venancio: afinal... o radio...

— Que o leve o diabo! — respondeu.

D. Ignacia caminhou para o marido, pousou-lhe um beijo na careca luzidia e disse:

— *Seu* Venancio, você tem que me dar vinte mil réis para eu pagar a promessa que fiz...

Um grande defeito que salvou duas vidas

PARA despedir-se da vida de solteira, Lucia offereceu um chá ás amiguinhas, na vespera do seu casamento.

A sua clara e chique sala de jantar regorgitava de alegres mocinhas. Seus risos e pilherias foram interrompidos com a chegada duma retardatária. Era a Isabel, uma romantica e franzina moreninha. Ella beijou effusivamente Lucia e lhe disse:

— Hontem, ao chegar de minha viagem á Europa, fiquei surpresa quando me contaram que te vaes casar amanhã. A ultima vez que te vi, ha dois mezes passados, tu me disseste que tencionavas namorar bastante e não casar tão cêdo! Conta-me a tua aventura amorosa, querida.

Lucia encheu de chá a chicara da amiga e falou-lhe:

— Esse meu amor principiou na primeira vez que sahi sózinha. Como sabes, mamãe acompanhava-me sempre á Escola Normal, mas, um dia, adoeceu e eu fiquei sem ter quem me levasse lá. Pedi-lhe que me deixasse ir sózinha, ella se oppoz e o papae objectou: "Namoradeira como és, não mereces a nossa confiança, minha filha." Eu chorei e, depois de muito jurar que não olharia para rapaz nenhum na rua, consegui que me deixassem ir sózinha á escola. Mas, no bonde que tomei, havia um moço excessivamente triste, que parecia fazer um grande esforço para suster as lagrimas que lhe marejavam os olhos, e eu, condoida, o olhei com insistencia. Elle tambem me fitou e, esquecendo o juramento que fizéra a meus paes, resolvi namorál-o. No fim da viagem, já eramos bons amigos, e, quando nos despedimos, marcámos um encontro para o dia seguinte. Na segunda vez que estivemos juntos, elle me beijou as mãos e falou-me: "Lucia, você me salvou a vida. Eu era noivo duma leviana que não merecia o meu amor. Um dia, contaram-me que ella estava namorando um vizinho, e, ao me certificar de que isto era exacto, resolvi matál-a e suicidar-me em seguida. Hontem, quando a encontrei no bonde, ia perpetrar esses dois crimes; mas ao notar você tão bonita a me fitar insistentemente com um olhar compassivo, senti que ainda podia amar outra mulher e renunciei ao meu plano sinistro." Foi graças ao meu defeito de ser extremamente namoradeira que salvei duas vidas e arranjei um marido, minha querida Isabel.

BEATRIZ DA COSTA AMARAL

URODONAL

e a Gotta

A gotta provém como o rheumatismo, com o qual não deve ser confundida, da diathese arthritica. A gotta é pois, afinal de contas, uma forma de uremia. Isto é o envenenamento do sangue pelo acido urico e uratos. O que interessa aos gottosos é saber que fabricam acido urico em excesso; ser-lhes-á portanto necessário sujeitar-se a uma dieta, não abusar da alimentação, abster-se de trufas e vinhos, de extra-dry e caça, evitando ao mesmo tempo os resfriamentos e fazer exercicio para queimar os seus excreta. Ser-lhes-á necessário, além disso, eliminar a sua plethora eliminando o acido urico naturalmente insoluvel o que é o papel do URODONAL. O poder dissolvente é 37 vezes maior que a lithina e absolutamente inofensivo, substituindo-a por completo. O professor Lanceaux, ex-presidente da Academia de Medicina de Paris, recommendou o URODONAL no seu tratado da gotta, bem como numerosos outros professores.

O URODONAL limpa o rim, lava o figado e as articulações. Torna flexiveis as arterias e evita a obesidade.

Rheumatismo
Lithiasis
Arterio-esclerose
Azia

COMMUNICAÇÕES

Acad. de Medic., 10 de Nov. de 1908
Acad. das Scienc. 14 de Dez. de 1908

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro. N. 82. - 10 de Junho de 1910.

O martyrio do gottoso.

Etablissements CHATELAIN

12 Grandes Premios

Fornecedores dos Hospitaes de Paris.
2 et 2 bis, rue de Valenciennes, Paris
A venda em todas as pharmacias e no depositario ou representante.

Depositarios exclusivos: ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Rua Uruguayana, N.º 27 — Rio

Unicos depositarios: INFANTE & CIA Rua São Pedro 192 - Rio

PRIMEIRO SOCCORRO | **Agua Oxygenada VEGA**

O PEQUENO HARPISTA

Ugy Mario

DESDE que o sol morria, Tonino, interrompendo os seus arpejos, envolvia a sua harpa numa velha capa verde e dirigia-se, lentamente, para a cidade.

No verão, o passeio era encantador. O rapaz collocava o seu instrumento, ás vezes, á margem do caminho, e tocava. O sitio era deserto. De um lado, havia o mar; do outro, era o campo, que se estendia luxuriante e perfumado.

Tonino quebrava um ramo de jasmim, ria aos insectos e se divertia com os passaros.

"Pardal, serei feliz?", dizia elle. A ave fugia e parecia responder: "Menino, tu és livre. Não é essa a verdadeira felicidade?"

No inverno, o caminho parecia mais bello ainda. Os limoeiros, as laranjeiras, as mimosas, os cravos, as violetas floriam, abertamente, embalsamando o ar com os seus aromas esquisitos. E a criança ia, directamente, á cidade de Nice.

Em Pont-Magnan, elle fazia invariavelmente uma parada, para sacudir a poeira das suas vestes, antes de entrar na longa rua de França.

Tonino estava pobremente vestido de um costume meio usado; os sapatos estavam em mau estado. Mas tudo bem cuidado.

Os seus paes deviam ter fallecido havia muito tempo: Tonino não se recordava de sua mãe, nem de seu pae. Uma boa senhora tomava conta delle. Quem lhe havia ensinado harpa? Seu pae e os amigos, sem duvida. Seu pae quanto aos dedos ageis, os amigos quanto ao encanto da sua musica.

Elle era um artista perfeito.

Logo que se punha a tocar, uma alma nova acordava nelle. Um sôpro invisivel e forte o arrebatava. Fazia vibrar todo o seu ser. Os que o escutavam, á noite, executar velhas arias languorosas, valsas lentas ou improvisos, se mostravam surprehendidos.

Ganhar a sua vida e a da sua avó, era a sua preoccupação.

Quando a noite cahia, elle se installava no terraço dos cafés e executava dois ou tres trechos do seu repertorio. As pratas choviam no seu pires.

Fóra a magra alimentação, o aluguel do quarto, as cordas do instrumento, não havia outra despesa entre elles. E quando a criança entrava, por volta da meia noite, havia um contentamento indizivel. Contava-se a féria, sem a preoccupação do dia seguinte.

• • •

Mas a desgraça, que espreita as suas victimas, sem descanso, cahiu sobre o lar feliz. Uma noite em que a criança se fazia ouvir na avenida Gare, uma tempestade cahiu, fulminante. Tonino se abrigou do melhor modo. Mas a sua pobre camisa era fina. Elle se resfriou.

Ao chegar á casa, tremendo de frio e de febre, a criança se viu obrigada a guardar o leito. Um, dois, tres dias, a sua avó, attenta á cabeceira do enfermo, lhe preparava infusões quentes e emplastros; mas o estado do garoto era alarmante.

Foi chamado o medico, a toda a pressa, que prescreveu o transporte do doente para o dispensario do dr. Lenval.

A velha, sem recursos, entrou para o asylo da velhice desamparada.

* * *

— Como isto é bello! — disse Tonino, certa manhã, acordando no seu leito branco collocado no meio do dormitorio. Como é lindo! Será o paraiso?

Largas janellas deixavam o sol penetrar na sala ampla. Ao longe, a voz sonora e alegre de um pescador subia para o céo claro. Gaivotas voavam sobre o mar. O crespo ondular das aguas, o ruido dos remos, o perfume dos jardins formavam um admiravel conjuncto. E a criança repetia: "Será o paraiso?"

— Não, não, meu filho — respondia o doutor. Não é o paraiso. Você está em Nice, em um estabelecimento hospitalar, onde se trata das crianças.

— O senhor me curará?

— Sem duvida.

— E verei ainda a minha avó?

— Sim. Quinta-feira ella virá até aqui.

— Que felicidade!

— Agora, durma. Vou dar-lhe uma poção calmante.

Tonino tomou docilmente o remedio. Pousou a cabeça sobre o travesseiro e fechou os olhos.

O doutor sacudiu a testa. Estava tudo acabado. A criança ia morrer. Tanta intelligencia, graça, bondade, belleza. Tudo aquillo se ia apagar. Que força irresistivel attrahiria o artista para o além? Quem sabe si elle ainda não voltaria ao mundo para ser rico, invejado, celebre?

— Ah! — murmurou o doutor. — Talvez seja melhor que a morte realize a sua obra. A vida é tão dura para os pobres! Quem dirá que esse menino não lutasse com a miseria e a fome? Quantos artistas desconhecidos vegetam por ahi?

O assistente do medico, crendo o joven doente adormecido, aproximou-se e, mostrando a fronte pallida, onde o suor da agonia se emperolava, disse baixinho:

— E' o fim, mestre.

— Talvez seja esta noite!

Todos os dois se afastaram um pouco e não viram duas grossas lagrimas nas faces do pequeno enfermo, que os havia escutado.

Tonino juntou as mãos e fez uma prece: "Menino Jesus, si vós me tomaes no céo, eu vos confio a minha avó e a minha harpa." Depois, fazendo um supremo esforço, chamou, com uma voz fragil:

— Senhor, Senhor!

— Que queres, pequeno?

— Queria uma coisa... uma coisa...

— Um brinquedo? Fructas? Doces? Fala. Tua avó te trará tudo isso...

— Quinta-feira! Senhor doutor, o senhor sabe que quinta-feira será tarde. Muito tarde. Não diga não. Ouvi tudo. Então, o senhor sabe, os votos de um moribundo... são... sagrados... Não m'os recuse... Eu lh'o peço, chorando. Eu queria rever minha harpa... Meu unico bem.

— Podemos ainda te salvar. A esperança não deve cessar senão com o ultimo sôpro. Tua mocidade e a primavera nos auxiliarão. Retoma a tua coragem.

— Sim, doutor... Mas dê-me a minha harpa.

— Tu a terás.

— Ainda hoje?

— Dentro de uma hora.

— Obrigado.

Ordens foram dadas. Meia hora depois, o instrumento estava no dormitorio. Todos os meninos enfermos rodearam o leito de Tonino, palpitantes e curiosos.

Retirada da sua capa verde, a harpa foi collocada numa sala clara e arejada.

Auxiliado pelo doutor, Tonino se poz de pé.

"Eis-te, minha querida companheira, minha amiga de infancia, minha irmã, eis-te ahi, afinal! Vem para perto de mim. Sinto as tuas cordas chorarem sob os meus dedos..."

A criança pousou as suas mãos frageis no instrumento. Mas os seus dedos escorregaram e a harpa soltou um gemido, em vez de accorde.

Tonino deixou a cabeça cahir para traz, fechou os olhos e não mais respirou.

* * *

O instrumento do menino foi vendido a uma joven russa, que o pagou generosamente. Com o producto dessa venda, uma pedra foi collocada sobre a sepultura do pequeno.

O silencio cahiu sobre a sua morte. Mas Deus, que havia dado ao garoto a alma e o coração de um artista, quiz embalar o seu ultimo somno com bellos cantos eolios.

E sobre a tumba ensolarada, onde ninguem virá trazer flores, dois cyprestes, sacudidos pela brisa, vibram e fremem como harpas de ouro...

FORA DA LEI

De F. BARRIOS VALLEJO

ELIAS Kaminsky havia sido desalojado do campo fiscal, em nome da lei, grave e severa. Em vão, elle protestou contra essa violencia:

— Isso é uma injustiça, sr. juiz. Sou um dos mais antigos moradores da cordilheira, e a lei me devia proteger.

O juiz, depois de miral-o de modo ameaçador, replicou, com ironia:

— E a lei te protege, sim. Que pensas tu? E, no emtanto, estás sempre a te queixar da sorte. Em vez de te prender, deixamos que andes em liberdade como os guanacos e avestruzes. Si eu fosse outro juiz, ias ver que belleza seria a tua vida... Logo te levaria preso ao povoado, com as algemas nas mãos. Percebes? Serias levado á policia por resistencia á prisão. Coisa facil! Resistencia á mão armada; e si fosse necessario, inventariamos a historia de uns tiros, sabes? E, finalmente, te deixariam á disposição do juiz. Que sopa, hein, rapaz? Cento e cincoenta leguas a pé com as correntes ás costas. Que dizes? Sabes tambem que, por menos do que isso, outros têm tido o espinhaço aberto a pauladas e estão presos num carcere do territorio para que não façam trampolinagem. A ti já fizemos de mais. Fizemos um grande obsequio em perdoar-te a vida. Na Russia, não te tratariam com tantas distincções. Dá graças a Deus que vivas na Patagonia... Pois do contrario... Quem sabe lá onde estariam agora os teus ossos?

* * *

Quando se retiraram o juiz, o commissario e os soldados que escoltaram a comitiva, Elias logo se deu conta de que nenhuma divina nem humana creatura poderia permittir semelhantes atropelos. Como não se atreveu a desmentir o juiz, elle se arrependeu disso. Por que não lhe havia demonstrado a sua vilania? Por que guardara silencio deante da burla e da affronta de que fôra victima?

Kaminsky não se calou por covardia. Sabia muito bem que os juizes de paz e os commissarios, no deserto da Patagonia, são, com raras excepções, os senhores da forca e do facão. Não era possivel rebellar-se nem discutir com elles; sempre sahiria perdendo. Mas, acaso, existia ainda alguma coisa que elle não tivesse perdido? A principio, lhe roubaram uma das ovelhas; depois outras; e, por fim, o resto do rebanho.

Restava-lhes, apenas, o campo; e como este era muito rico em pasto, e possuia boas aguadas, corria o risco de que o tirassem dalli, deixando-o ao desamparo da lei. Como? Pretextos não faltam nunca!

Acaso teriam empregado muitos expedientes para lhe roubarem as ovelhas? Quantos não se deitavam á noite, donos de uma legua e, no dia seguinte, não possuiam um palmo de terra!

Nos ouvidos de Kaminsky ainda zumbiam palavras capciosas do commissario.

— E agora, russo dos diabos, vae-te arranjar!...

Elias cruzou os braços sobre o peito; e, com o olhar humedecido de lagrimas, ficou a contemplar as largas silhuetas dos ginetes que subiam um alto serrote.

Subito, ecoou um grito selvagem:

— Canalhas! E' assim que pagas aos homens que vêm povoar e civilizar estas terras?

E, com uma blasphemia, jurou vingar-se daquelle ultraje.

* * *

Era tão facil, que Kaminsky não pensou muito no caso. Naquella mesma tarde, chegava secretamente ao povoado. Orientou-se, desde logo. Alli estava, num logar afastado, deserto, o pavilhão onde as autoridades se reuniam todas as noites. Esperou que os gallos cantassem. A hora propicia chegou. Saltou a cerca e deslisou pelas trevas. Em uma das janellas havia luz. Em torno a uma mesa, viam-se o juiz, o commissario e varios vizinhos. Escutou: o que se commentava era o esbulho do russo...

A voz do commissario chegava até os ouvidos do homem. Uma voz bronca e rude. Aspera. Uma voz forte, que atravessava os vidros da janella:

— Deixal-o-emos no caminho como a um rato. Não o mataremos, e é favor que o não façamos. Esperei que elle reagisse. Mas é um covarde...

O juiz, por sua parte, ajuntou:

— Tinhamos que deixal-o fóra da lei, porque o campo nos foi pedido por um capitalista de Buenos Aires.

— Sem embargo — observou um do grupo — o russo estava no campo havia trinta annos; e tinha direito á sua propriedade.

— Direito? — resmungou o commissario.

— E como não? — insistiu o outro. — A lei...

— Deixem-se de tolices — interrompeu o juiz. — A lei nem sempre é lei.

— E no seu caso — disse outro dos jogadores — eu havia renunciado. Não é possivel que um juiz se preste a essas coisas. Eu, como argentino, protesto contra o esbulho commettido contra o pobre russo, que é, afinal, um elemento de trabalho de que o meu paiz necessita.

— Falas serio? — exclamou o juiz, fazendo-se livido.

— Está mau! — notou o commissario.

E atirando um forte murro sobre a mesa, rugiu e disse:

— Deixem-se de penas com o russo! O grande cão! Juro que o farei desapparecer do mappa. O paiz necessita é de naturaes, é de sua gente; e não de estrangeiros perigosos, que não valem o pão que comem.

Kaminsky, ao ouvir essas palavras, precipitou-se pela janella; e antes de mais nada, descarregou o seu revolver sobre o juiz e o commissario. Em seguida, aproveitando a confusão, voltou ao seu logar e desappareceu nas trevas. Minutos depois, tomava o seu cavallo e rumava para terras desconhecidas, onde só vivem homens que se puzeram fóra da lei.

* * *

Os jornaes da metropole davam conta, no dia seguinte, de um audacioso assalto, levado a effeito pelos bandoleiros do povoado da Patagonia.

E ajuntavam:

"O juiz de paz e o commissario de policia, assassinados perversamente, eram dois funccionarios honestos, correctissimos, cumpridores dos seus deveres; e tanto é assim, que desempenhavam as suas funcções a contento da povoação."

Si o novo bandoleiro da cordilheira, Elias Kaminsky, tivesse lido por acaso, alguns desses jornaes, teria sentido uma grande amargura.

Esse episodio demonstra, claramente, como se escrevem muitas paginas da historia.

Investigações

(continuação)

— Sim, conheço — foi a breve resposta, em voz estrangulada.

— Assim, também, Mr. Lushing, da Secretaria da Guerra?

Jungmann arregalou os olhos, e a côr fugiu-lhe das faces.

— Veiu lembrar-me que tenho um encontro marcado com elle.

Levantou-se apressadamente, mas Lashings segurou-o pela mão.

— Mr. Lushing tambem o tem, mas não com o senhor. O inspector Rouse o substituirá na audiencia marcada. Deixe-me apresental-o agora ao inspector Rouge e a Mr. Mugsley, o inventor do *Projectil Illuminado-Mugsley*. Penso que a este já tinha encontrado, não?

Mugsley estava boquiaberto.

— Encontrou-me antes... onde?

— Na rua Gluck. Esqueceu-se, então?

Rouse, a um signal de Lashings, fez um subito movimento. Seguiram-se, então, as exclamações. "Ah! que quer?" e o inspector e Jungmann tombaram juntos ao chão, com grande ruido. Estabeleceu-se, de repente, uma confusão terrivel. Os dois corpos, enlaçados, rojando-se com violencia de encontra á mesa, fizeram tinir e quebrar os copos e as louças do jantar. Jungmann lutava desesperadamente, com uma furia de espantar, mas não era superior em forças ao inspector, que o dominou dentro em pouco, pregando-o ao assoalho.

— Agora — disse Rouse, meio suffocado pela luta — tire-lhe isto da mão, Mr. Lashings!

Rouse segurava o pulso de Jungmann.

Lashings inclinou-se, desembaraçou os dedos de Jungmann do velho e pequenino revolver e collocou-o sobre a chaminé. Os dois homens puzeram-se de pé com a respiração anhelante, e o allemão, vendo que seria inutil a resistencia, submetteu-se á revista.

Rouse fel-o rapidamente, com as suas mãos muito praticas no mistér, emquanto o outro ria, num riso escarninho, suspendendo os braços acima da cabeça, e dizendo:

— A's ordens! A's ordens! Facilito-lhe até a revista! ... Que deseja?

A revista foi cuidadosamente feita, mas sem resultado.

— Onde estão os papeis de Mr. Mugsley? Fará melhor entregando as copias dos planos que roubou, Mr. Jungmann.

— Papeis? Não tenho papeis; não tenho planos!

Jerry franziu as sobrancelhas; a ansiedade de Mugsley voltava; Jungmann retomava um pouco a sua compostura; Rouse fumava.

— Com a sua permissão, Mr. Lashings, revistal-o-ei neste quarto ao pé.

— Sim, pode fazel-o, inspector Rouse.

Mugsley, afinal, explodiu:

— Por que lançar mão de tal meio, Mr. Lashings?

— Tire as conclusões que quizer... — foi a laconica resposta.

— Mas o senhor disse que elle possuia as copias.

— E as possue. Faz-me o favor de passar a soda?

Mugsley ficou carrancudo e Lashings serviu-se de soda. Jerry fazia cigarros. E depois os tres homens se puzeram a fumar, por um bom quarto de hora. De quando em quando, Mr. Mugsley mudava, inquieto, de posição.

Conto de

COURTENAY POELOCK

E ao voltar, o inspector, afinal, com Jungmann, trazia as mãos vasias. Mugsley deixou escapar uma exclamação de angustioso desapontamento. Rouse encolheu os hombros, com um ar desdenhoso.

— Não ha um pedaço de papel com elle. Revistei-lhe o interior das roupas e o corpo. E agora, Mr. Lashings?

— Talvez não o fizesse convenientemente.

E Lashings sorriu, como seguro do que dizia.

— Digo-lhe que o despi e esquadrinhei todas as peças do seu vestuario.

— E, comtudo, examinou-as muito superficialmente!

E voltando-se para Jungmann:

— Mãos ao alto!

O homem riu, com ar zombeteiro, mas fez o que Lashings mandara.

— Mais alto! — ordenou Lashings. — Inspector Rouse, por que este rolo de linha ali, no paletó de Mr. Jungmann, se a linha serve apenas para coser o tecido?

Rouse resmungou:

— Está apaixonado por um enigma obcecante, cuja solução não ha de encontrar.

— Ah, mas tenho encontrado sempre respostas para as suas perguntas. No caso presente, o que ha é o seguinte: "Quanto mais alto, melhor".

E assim dizendo, estendeu o braço, segurou e apertou firmemente a mão de Jungmann na sua, sacudindo-a violentamente. Houve, em seguida, uma forte luta semelhante á primeira, de curta duração, porém. Jungmann foi abatido sobre uma cadeira e Lashings suspendeu entre os dedos uma coisa qualquer. Adeantou-se em seguida para Mr. Mugsley:

— Permitta-me restituir-lhe a copia do seu invento, Mr. Mugsley.

Mr. Mugsley estendeu ansiosamente as mãos, e Lashings fez escorregar pelo seu dedo minimo um pequeno annel de ouro.

* * *

— Bravos! A' saude, Mr. Lashings! — E o Inspector ergueu o seu copo. — E eu teria prazer em saber como conseguiu alcançar o alvo, se estiver disposto a fazer-nos saber, já se vê...

— Oh! pelo modo mais simples possivel. O recibo do armazem de bagagens fez-nos conhecer o endereço de Craig, o que era pouco. Minha visita ao Departamento da Guerra foi mais productiva.

Lashings narrou o que se tinha passado.

— Descobri na Directoria este endereço: *Palace Street*, 54, e, procurando a casa com este numero, soube que estava alugada a um tal Mr. Lushing. O Whitaker deu-me a conhecer que Lushing era um dos auxiliares do director do Armamento, e o homem de meia idade que falava no Departamento — pae de Lushing, segundo disseram — tinha ligação com o outro, que, pelas palavras que eu conseguira ouvir — *"não havia encontrado difficuldades"* em fazer um negocio qualquer em que existia alguem *machucado*, num sitio que adivinhei ser a *Praça do Theatro Francez*. Muito bem.

Telephonei-lhe, como se deve lembrar, Mr. Mugsley, e perguntei-lhe por que rua fôra ter á Prefeitura depois da aggressão da rua Gluck. Conheço perfeitamente Paris e sei, por isso, que o caminho mais rapido é pelo Theatro Francez. Dobrou a rua Gluck, e lá pelas proximidades do theatro, tomou um taxi. Foi ao entrar no taxi que ficou sem os seus papeis; elles foram roubados nesse momento.

— Mas — objectou Mugsley — foram-me roubados antes, por occasião da luta na rua Gluck.

INVESTIGAÇÕES

(conclusão)

— Não. Esse é um velho truc. Jungmann tirou-os do bolso interior do seu sobretudo, na rua Gluck, mas o rondante chegou, e Jungmann não pôde fugir com elles; pol-os, por isso, no bolso do lado de fóra, onde não lhe occorreria procural-os, eh? Sem duvida nenhuma. Então Craig, o cúmplice de Jungmann, que se encontrava vigilante, seguiu-o, Mr. Mugsley offereceu-lhe o carro em que estava e, ajudando-o a abrir a portinhola do taxi, alliviou-o dos planos.

— Agora, a historia de Jungmann, que elle me trouxe, tomado de pânico, tem detalhes falsos e verdadeiros. Elle, porém, esquichou-se redondamente, entregando-me este enveloppe. E' dirigido a Franz Jungmann, o que me fez pensar. Entreouvi este nome de — Franz — no Departamento. Notei também que o enveloppe era de papel de linho, registado e posto no correio em Paris, justamente tres horas depois do senhor tomar o taxi na Pralça do Theatro. Lashings collocou o enveloppe bem junto á luz. "Veja este pedacinho escuro de celluloide adherente ainda á extremidade gommada do enveloppe. E' um minusculo fragmento de pellicula photographica: que me diz a isto? E, melhor ainda, ouça: Meu auxiliar, Mr. Worthington, reconheceu-a logo como tal, assim que eu lh'a mostrei.

Jerry olhou de través para Lashing, que continuou, com um brilho scintillante nas pupillas:

— Soube, por umas tantas interrogações feitas á dona da estalagem em que Craig se encontra, que elle é empregado num "studio" photographico. E' fácil de presumir-se, então, que tenha photographado os seus planos, sem perda de tempo, enviando-os, logo em seguida, á Prefeitura, para afastar toda a suspeita de terem sido copiados, e registado o negativo para Jungmann em *Maida Yale*.

"Agora, nunca tomei por verdades evangelicas tudo que os meus clientes dizem, e a narração de Jungmann, relativamente ao annel e ao alto valor que lhe deu, indo, no emtanto, offerecel-o como lembrança a um amigo, no momento de uma separação banal, puzeram-me curioso. Procurei afastar Jungmann de casa, expedindo-lhe o telegramma que o trouxe aqui. Tive, então, uma boa hora de trabalho naquelle seu pequeno esconderijo e arranjei a collecçãozinha que lhes mostrei. Os pedaços de vidro prestam-se perfeitamente para esclarecer os quadros informativos sobre a arte de lapidar diamantes. *Amsterdam*, como sabe, é o centro da industria, e o emprego do nome como passaporte veiu fortalecer a minha opinião de que Jungmann era um lapidador de diamantes e que o seu perfeito conhecimento da arte tivesse sido aproveitado para algum trabalho em relação com os planos roubados. Sua sociedade com Craig ficou amplamente provada quando a dona da estalagem comparou a letra deste enveloppe com a do seu hospede, num rol de roupas enviadas á lavanderia, em que a calligraphia era idêntica.

Craig é tido como homem trabalhador e diligente, mas extraordinariamente fácil. Foi um dócil instrumento nas mãos de Jungmann, e seu cúmplice na mais manhosa obra de espionagem que a minha boa fortuna me fez descobrir.

— E como foi que Jungmann recuperou o seu annel?

— Fui ao seu encontro no Café Royal; mostrei-lhe o annel encontrado, promettendo contar-lhe tudo depois, e elle deu-me duzentas e cincoenta libras por elle. E sobre a minha palavra de honra como vale tal somma; é uma obra habilmente trabalhada. Sim, retire-o do dedo e aproxime-se da luz; feche agora um olho. Veja como a imitação do diamante é feita de duas peças; a minúscula photographia encontra-se entre ambas e a pequenina lente em cima. Claro está que não é a única obra no genero. Compram-se lembranças assim nas festas religiosas: paizagens dos arredores sobre facas de papel, lápis e pennas.

— Maravilhoso! — exclamou Mugsley.

— E se não fosse a facilidade e a ambição de Craig, tudo teria corrido bem para Jungmann. Craig empenhou o annel com certeza ao prestamista que maior somma lhe offereceu e que ignorava completamente a especie de joia que adquiria...

— E depois de tudo isso, perdeu a sua aposta, hein, meu velho camarada?

— Não assim, Jerry; pois não tive tudo em tuas mãos, annel e invento, quando Jungmann te cumprimentou á chegada?

NÃO SEI SI TE AMO...

Mas si te vejo esbelta, pisando com as azas leves dos teus pés a poeira luminosa das calçadas em que passas, em meu coração se derrama, suave, o balsamo fragrante de uma ventura egoísta.

Não sei se te amo...

Mas, si o nosso olhar se cruza, a vida então me parece mais doce. E o círculo da sombra que me envolvia ha pouco, se esvae serenamente sob a influencia mystica das tuas olheiras roxas...

Não sei se te amo...

Mas, á despedida, apertando ainda as tuas mãozinhas frias, os passaros que chilreavam alacres vão fugindo, batendo suas azas douradas no rythmo syncòpado de uma angustia.

As arvores se despem e se desnudam num dilúvio vez de folhas. E ellas vão cahindo, sangrando impiedosamente a alma triste da sombra. E tudo é sombra. E caminho ás cegas dentro della.

Não sei se te amo...

Mas, quando, á noite, vencido pela luta fatigante de cada dia, penetro no meu misero cubiculo, não lamento a pobreza que me cerca, lamento a angustia de estar só.

E a lagrima que, a custo, reprimia lá fóra, vem deslisar de leve na superficie livida do meu rosto.

Estou só, tão só e não sei ainda se te amo!

Olho a rua em silencio. E' um silencio triste, o da rua: sem luz, sem côr, sem emoção, sem vida.

Como é triste o silencio da rua!

Olho o céo. Mas o céo que contemplo não tem o resplendor argenteo das noites de plenilunio. Além desta nuvens que ensombram a celica planura, devem estar as estrellas, a lua, a luz, a côr e a vida. Além da minha solidão, devem estar os olhos, a graça e o sorriso daquella que não sei se amo ainda.

Sinto-me tão só...

Mas, que ruido é esse? Quem está aqui junto a mim? — Uma mulher! Quem és tu? Como são tristes teus olhos com esses reflexos opalescentes! As tuas vestes sombrias causam-me médo. Parece antes a concretização de uma dôr que tu ha pouco sentia. No emtanto, como é bello o teu semblante espiritualizado pelo sentimentalismo ultra-lyrico de uma esperança de amor. Tu és triste e és bella.

Mas... creio que já nos encontrámos... Sim... Sim, eu te conheço... E's a saudade.

Senta-te, minha doce amiga; eu já te esperava. Tardaste tanto... Estava tão só! Agora sou mais feliz...

Walter de Azeredo.

CARLITOS (S. Paulo) — O proximo livro de Mario Poppe é *Você me conhece?* Nada tem de carnavalesco; mas tem muito de psychologico e moderno, por que é um livro de lindas chronicas, sobre a vida da cidade. De Mario Poppe, que mais é preciso dizer? Elle é o conhecido chronista leve, radioso, delicado e sempre deliciosamente encantador.

Martins Capistrano, por ora, só publicou o seu livro de contos *Vertigem*, que já vae para a segunda edição. Está á venda em todas as livrarias do Rio. *O Suave Enlevo* é encontrado na Livraria Alves, á rua do Ouvidor 166.

DIANA (S. Paulo) Fico muito contente por saber que acertei com a sua graphologia. Para mim não é surpresa o facto de ter acertado. O que me espanta é que v. ex. tenha concordado com os signaes desagradaveis que apontei no seu caracter. E' incrivel! Por que o graphoiando nunca está de accordo, senão com aquillo que o envaidece e lisonjeia. (*Vanitas vanitatum!...*)

Disse que, pela sua graphia, v. ex. *devia ser moça e bonita*. E accrescentei: "Não o garanto." V. ex. me remette agora a sua photo, e eu constato, com a maior alegria, que v. ex. é joven e bonita.

Quer dizer, estou fazendo um assombroso progresso.

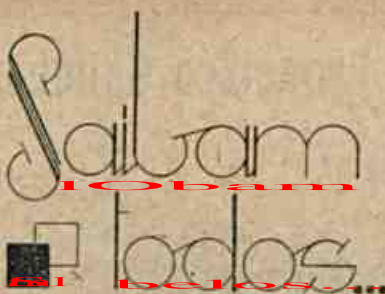
E no fim de tudo, os *coronais* não querem pagar o estudo que faço delles! Que gente de coração duro, não acha, mademoiselle?

SONIA (S. Paulo — Como não me hei de lembrar de v. ex.? Recordo-me da sua honrosa visita a esta redacção.

V. ex. até pisa duro, com aquelle entono soberbo das paulistas bonitas e cheias de dinheiro. Quando v. ex. entrou, parece que uma estrella havia caido do céo, pelo telhado: a redacção illuminou-se que ficou um deslumbramento, depois, quando v. ex. me estendeu a sua mãosita enluvada, e lá se foi no rythmo do seu passo seguro, ficou no ar a musica da sua voz e uma espiral de perfume, enroscada, imaginariamente, numa interrogação inquietante... E emquanto fugia, deixava uma série de reticencias de sons na sala e no corredor...

Como é que não me hei de recordar de sua figurinha *mignonne*, de pelle de lis e rosa?

A photographia da sua fazenda revela um symbolo impressivo: arvores, um lago e, longe, um cafezal.

As arvores, com as suas sombras e os seus fructos, indicam a alma hospitaleira do paulista do interior; o lago, a serenidade e a singeleza da vida campezina, descançada e feliz; o cafezal, a riqueza das fazendas... "in illo tempore"...

Agradeço-lhe a sua boa lembrança. Apezar de que ella veio apenas se juntar a outras que já existiam. O livro que me offereceu ainda está na minha estante com a sua fininha encarnada e a sua dedicatoria gentil.

PULCHERIA (Goyaz) — O rapaz, cuja vida deseja saber, é casado. Que pena! Tambem v. ex. iria amedrontal-o com aquelle queixo da sua caricatura, os olhos brancos(?) e os outros detalhes caricaturaes.

Juro que v. ex. exaggéra. Faz uma bôa piada. E talvez seja ao contrario do que diz. Mande-lhe a sua photographia. E' o mais pratico.

ALAOR (Paraná) — Meu caro Alaor, estou aqui ás suas ordens para attender o seu pedido. O que lhe não posso é enviar-lhe os endereços dos bons poetas que deseja conhecer. E isso pela simples razão de que conheço poucos bons poetas, ignorando-lhes os endereços.

J. M. (S. Paulo) — Infelizmente, não sou o dono da 3ª edição d'*O Suave enlevo*: ella pertence á Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, e que tem filial em S. Paulo. Si o sr. me enviar o exemplar a que se refere, eu o autographarei com muito prazer.

LOURA (S. Paulo) — Mas, afinal de contas, esse cinza da sua missiva me conduz a um raciocinio interessante: antes de abril-a, penso que a sua autora deve possuir muita massa cinzenta...

Leio a carta, e chego á conclusão de que a sua massa cinzenta... é incolor... Não é cinzenta, é massa apenas. Nem outra coisa poderia eu pensar de uma missivista que escreve uma carta sem pé nem cabeça, falando do frio que a enregela e de outras coisas que têm tanta relação com esta pagina e com o seu encarregado como a que pudesse existir entre Xantipa, a furibunda esposa de Socrates e o inverno paulista; entre um problema de geometria descriptiva e uma receita de pudding ou de torta au crême; entre o Pegaso mythologico e a maçã do Paraiso; entre a cabeça do burro de Buridan e uma borboleta de maio; entre... Entre que mais, senhorita Loura? Imagine as coisas mais absurdas deste mundo e a relação que a sua missiva, anti-sentimental, (conforme declara) possa ter com o *Saibam todos!!!*

LADY VINDERMERE (Sergipe) — Muito obrigado pela sua carta gentil. V. ex. é hespanhola? Qual a sua nacionalidade? Adoro a lingua de Cervantes. Ha qualquer coisa de ingenuo no que fica expresso nesse idioma sonoro, colorido e elegante.

O assumpto de sua missiva é de natureza intima. Só interessa á minha pessôa. Por isso não lhe darei a resposta que me pede, se não particularmente. Graphologicamente, v. ex. revela uma neurasthenia que já lhe abalou o physico de maneira notavel. Principalmente o coração.

Agradeço-lhe tambem a lembrança amavel que teve de me offerecer uma oração tão impressiva. Como não sou egoista, e não desejo ser apenas quem recebe as graças do bom Deus, publico na integra a formosa prece que me enviou, fazendo votos para que todos os leitores do *Saibam todos*... gozem dos seus beneficios ao recital-a.

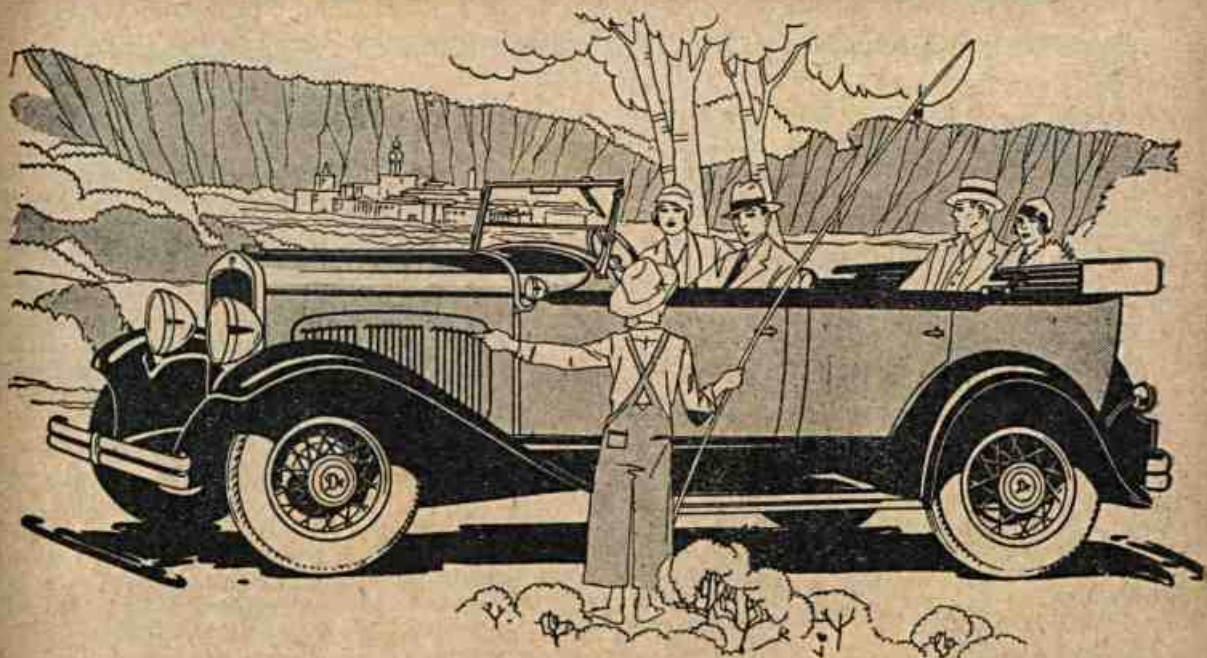
Eil-a:

AO DIVINO SOBERANO

O' meu Deus Infinito! Supremo e Grande Senhor de todas as coisas, para quem o mysterio não existe; Vós que tudo conheceis, favorecei-me com a Vossa diaria Assistencia e fazei com que um raio da Vossa luz illumine o cerebro perturbado do Vosso servo; mostrae-me a Vossa santa verdade, afastae de meus olhos o véo que os cobre; ouvi a minha prece, ó Grande ser; dae calma ao meu fatigado coração e guiae-me pelas vossas veredas secretas. Dae-me o poder de supprimir o mal e de propagar o bem. Concedei-me a Vossa luz, eu Vos supplico, Senhor! Assim seja! (*Reze-se um Padre nosso.*)

NAGIB (S. Paulo) — Oh! que pena! O sr. é tão amavel na sua missiva e, no entanto, não me é possivel publicar o seu soneto *Deus*. Que Deus nos perdôe. Ao sr., por fazer versos maus; a mim, por lhe não poder bater palmas.

Mas o Omnipotente é misericordioso. Elle ainda ha de permittir que o sr. realize uma bella arte, plasmando os poemas com poesia e talento.

Quando isso se dér, — eu irei á Candelaria ("honny soit qui mal

POPULARIDADE CONQUISTADA EM MENOS DE UM ANNO

Nenhum outro automovel tem sido objecto, durante o seu primeiro anno, de um acolhimento tão enthusiastico como o De Soto Six, construido pela Chrysler.

Depois de decorridos varios mezes do segundo anno, as vendas ainda continuaram augmentando, com encommendas enviadas por pessoas que já possuiam um ou mais de um De Soto Six. Bello, possante e facil de conduzir, o De Soto Six conquistou logo a preferencia do publico.

Nunca se offereceu um carro que reunisse tantos elementos de estylo, conforto e perfeição de funccionamento por um preço tão reduzido como o De Soto Six. Este automovel não é sómente o mais vantajoso de todos, é a verdadeira sensação da éra de maior concorrencia e de maiores exigencias na historia do automobilismo.

DE SOTO SIX

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

Verifique os novos preços da tabella, na

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA S/A

Exposição: AV. RIO BRANCO, 247

Officinas: RUA DOS INVALIDOS, 123 — RIO

y pense...") irei á egreja da Candelaria levar uma vela ao bom Deus; e o sr., que me parece turco, irá a alguma mesquita imaginaria, bemdizer e louvar o grande nome de Allah...

Que diz, caro sr. Nagib?

RAPHAEL (S. Paulo) — Como são relativos os conceitos que se podem ter das coisas! Raphael, na pintura, é um nome que pode encher de luz seculos e seculos de arte; mas pode ser tambem seu Raphael, o nome de um *poeta*, capaz de encher de versos o espaço de uma cesta de vime...

Quer uma prova? Aqui está a sua carta, acompanhada do seu soneto...

"Snr. Yves. Venho á vossa presença solicitar o obsequio, de analysar este meu soneto e publica-lo, caso esteja bom, pelo que desde já vos fico mui grato.

Eis o soneto:

"SAUDADES..."

Oh! como é triste a vida de quem
[chora,
De quem chora de amor e de
[saudade.
Oh! como é triste, o vêr que a
[felicidade,
N'esta terra de impios, já não
[mora.

Oh! que de encantos tem na primi
[idade,
'Sta vida vã, porém, após a aurora,
Estes encantos, dentro em pouco,
[embora
Vão, nos deixando apenas a sau-
[dade.

A vida é assim; as illusões são
[bellas.
Noutes inteiras eu passei em velas,
Triste..., saudoso, recordando al-
[guem...

Alguem de cuja voz, os echos
[somem,
Cuja lembrança os tempos não
[consomem,
Que os olhos meus chorosos já não
[vêm

SAIBAM TODOS...

Sem mais, peço-vos desculpar-me e acceitar cumprimentos, do um vosso admirador. — *Raphael*.

Em todo caso, parabens. O sr. ainda é capaz de encher de versos uma cesta... Ha por ahi muitos Raphaeis que nem isso conseguiriam.

Dos males o menor...

FILGUEIRA FILHO (Rio G. do Norte) — Tenha paciencia: a sua collaboração é fraca. Não serve para o Fon-Fon. Mande coisa melhor, e o sr. será attendido.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Graphologia — condições *indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2.º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 27-9-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

CORINA (Capital) — A sua graphia? Direi sinceramente o que ella me suggére, pedindo não suppor que faço psychologia...

Antes de tudo: V. ex. é uma creatura prodiga, capaz de gestos largos, materialmente falando. Energica, violenta, autoritaria, é dessas que sabem fazer valer a sua vontade. Combativa, um tanto rija nas suas opiniões, é amiga da luta, e muito se esforça para galgar, na vida, uma situação de relevo. O que vale dizer: é ambiciosa. O seu raciocinio é seguro, claro, perfeito, o que não impede que seja demasiado voluvel, — principalmente em se tratando de sentimentalidade. E' extremista, quasi sempre. Assim, justificando a sua volubilidade, tanto está bem agora, nesta latitude, como naquella longitude. E' profundamente emotiva; sensivel como uma pellucia.

Vibrante, enthusiasta, ardente, possue uma grande vivacidade; e a sua intelligencia é de uma penetração de punhal, que vara o amago das coisas mais occultas, mais difficeis de serem desvendadas.

Sob uma fórma de simplicidade e discreção, é altiva e fátua, dessa fatuidade que busca attrair a attenção para a sua pessoa. E' generosa. Clemente. Inclinada ao perdão. A's vezes, é irreductivel: obstinada na condemnação e no desprezo, no desdem.

Dotada de uma intelligencia creadora, é realizadora e, ao mesmo tempo, pode gabar-se de um espirito sériamente equilibrado, não necessitando, por isso, de mentor para se conduzir pela vida. Deve ser displicente e desastrada, em relação a certas coisas, que não occupem um primeiro plano nas suas cogitações.. Habilidosa, possue bom gosto, um bom gosto *raffiné* para as execuções de arte — factos e trabalhos que dependam de um certo *savoir faire*.

AS APPARENCIAS

DE JAVIER DE VIANA

COM o seu cavallo suarento e meio enlameado, chegou o indiozinho Nereu ao rancho do Silva...

Era meio dia.

No alpendre, dois gauchos, andrajosos, espojados como gallinhas ao sol, falavam preguiçosamente. Um delles interrogou o recem-chegado:

— Vens em busca de remedios, para galopar ao meio dia, com este sol de rachar?

— Ando á procura de nhô Cassiano. Não o viu por aqui?

— O velho Cassiano Frias?

— Sim, senhor.

— O sanfonista?

— Elle mesmo.

— Não. Não o vi.

— Desde manhã que o procuro por todos os logares. E ninguem me sabe informar nada a seu respeito.

— Comtudo, deve encontral-o em alguma taverna. Pois o velho está para o paraty como a vibora para o leite.

— Já sei, sim, senhor. Por isso é que o fui procurar em todos os armazens...

— Foste á tasca de Tertuliano Pintos, no Abrojal?

— Não, senhor. E' o unico estabelecimento onde ainda não estive.

— Pois vae até lá. Si o não encontrares lá, é porque está morto.

— Bem, vou já já — disse o homem —

E cumprimentou-o, ao sair. O gaucho deteve-o, perguntando:

— Não pagas uma genebra, pela informação?

— Desculpe. Ando arrebentado da bolsa.

* * *

A' margem de um caminho poeirunt", que cruza um campo mau, quasi totalmente coberto de pedroucos, havia um pequeno rancho negro. A' frente do da morada, estava uma longa taquara enfiada; e na sua ponta, uma bandeirola vermelha. Depois, nada mais havia. Nem um galpão. Nem o minimo resguardo contra as ventanias fortes, as pamporadas hibernaes, nem contra o mormaço estival: era ahi o rancho de Tertuliano Pintos — refugio da gauchada da ultima ralé.

* * *

Nereu chegou resfolegando.

Apeou-se, largou as redeas ao matungo — que, farto de pastar estava com preguiça — e penetrou na estreita e obscura morada.

Sentado sobre um cepo, viu um homem de bombacha negra, coberto com um poncho negro, fechado á altura dos olhos.

O indiozinho se acercou do gaucho que se adeantou para elle:

— Diga: não viu por aqui don Cassiano Frias?

— Aqui está elle, para servil-o — grunhiu o vulto negro.

— E' o senhor dom Cassiano?

— Em corpo e alma. Que deseja de mim?

— Veja, senhor... — gaguejou o indiozinho — Meu patrão dom Camillo Saguna... que o sr. ha de conhecer...

— Sim, da Canada Grande. Conheço-o... Que tem elle?

— Casa-se esta noite, e me pediu que o viesse procurar...

— Para que? — atalhou o outro.

— Para tocar safona. Elle lhe pagará muito bem...

— Já sei, já sei. Conheço o pago e sei distinguir perdiz de chimango. Mas, olhe cá, angelito... Não é possivel. Não vê que estou de negro, como si fosse um corvo? Ha tres dias recebi a noticia do fallecimento da minha mulher E si bem que ella fosse mais fatigante que "bicho colorao", comprehende que é preciso salvar as apparencias... Quando eu soube que a terra a havia tragado, vesti de negro e tomei uma carraspana. Quer um gole da "branca"? Não? E' frouxo, o senhor... Puxa! E seria bello... Conheço o Camillo Laguna. Gaucho de lei. Generoso Desprendido. Mas tenha paciencia: não posso ir, moço. Não posso! E' triste, mas que fazer? Bem que eu gostaria de attender o pedido do Camillo! Que pena!

— Caramba! E o patrão que estava certo de sua presença.

O sanfonista pensou um momento. Disse, a seguir:

— Deixe-me pensar um pouco... Pode ser que encontre um meio de accommodar a consciencia com a conveniencia.

Pouco depois, elle dizia:

— Já posso resolver: vamos, amigo!

* * *

A sala, com tantas velas, parecia uma noite estrellada, linda, fulgurante. Muita gente. Um fervilhar de moças e rapazes. E todos á espera do sanfonista para entrar nas danças.

Chegou dom Cassiano. Tomou logar num tamborete. E no meio de grande silencio que se fez, elle disse:

— Faz poucos dias que se enterrou minha esposa. E' verdade que si a tivessem enterrado antes, seria bem melhor. Mas... temos que salvar as apparencias. Para lhes ser agradavel, vou tocar um pouco; mas...

Coberto com o poncho negro, com a sanfona occulta debaixo do manto, don Cassiano Frias preludiou uma mazurka:

— Traça, traça, traça, traça, traça...

Todos se atiraram ás danças. Bailavam. E dom Cassiano permanecia triste, sério, abysmado na sua dôr immensa de viuvo que havia perdido uma mulher ingrata que o abandonára havia vinte annos, ou mais.

As apparencias!

O Estratagema

NAQUELLA quinta-feira, quando Alberto Pira voltou a casa, ao anoitecer, havia deixado a residencia da noiva. Chegou em tal circums-tancia, que trazia esta convicção: si alguma vez havia querido a sua promettida, fóra num passageiro accidente sentimental.

Verificando isso e certo de que ia arriscando pas-sos em falso, era preciso retroceder.

Célia del Solar era uma mulher bonita, espiritual, de intelligencia cultivada, simples até a humildade; docil, amantissima, tolerante, porém com taes vir-tudes, que era uma preciosidade. Si no começo das suas relações, foram ellas um attractivo irresistivel para elle, — passado um anno de noivado, o joven deu-se conta de que não obstante essas galas pre-ciosas, sentia uma indifferença mortal pela noiva.

Como safar-se de tal situação? Porque já não po-dia tratal-a como dantes.

— Célia, tu me aborreces soberanamente. Ter-nemos uma vez por todas com essa situação equi-voca. Eu não te amo. Tu me amas... Ora, esque-ce-me.

Alberto comprehendia que não era capaz de reso-lução tão indecorosa; mas sentia que ella não have-de surpreheuder Célia, porque esta, com a sua fina perspicacia, descobrira o seu desapego.

Qualquer outra mulher — pensava Alberto, — ante uma indifferença comprovada, teria feito scenas de paixão, acompanhada de chuiliques e desmaios.

Mas Célia, em certa occasião, argumentou:

— Alberto: estou certa de que já não me queres! Si soubesses como me magôa essa certeza... Equivo-camo-nos ao querer-nos tanto! Quanta tristeza me causa esse pensamento! Mas si o desejas, não repro-varei a tua attitude. Faze o que te parecer melhor. Coisas da vida! Esta tem sempre surpresas desagra-daveis. Não desconsolam tanto quando sabemos re-cebel-as.

Célia lhe falou assim, um pouco firme, mas com lagrimas nos olhos. Alberto não póde responder, entre emocionado e temeroso.

Contemplou-a curiosamente durante breves ins-tantes. Despediu-se com frieza, promettendo que voltaria. Que remedio! Aquelles dois fios de lagrimas prendiam-no a Célia, e considerava-se covarde, para se libertar.

* * *

Uma sexta-feira, á tarde, Célia do Solar recebeu uma carta que o correio lhe trouxe. Era uma missiva dactylographada, apócrypha, pois era uma assigna-tura illegivel a que trazia, com o proposito, sem di

De Eduardo O. Zapiola

vida, de dar á mesma o valor de um documento epistolar.

Quando Celia abriu a tal epistola, uma commoção a impelliu a devorar com o olhar o seu texto, que dizia: "Senhorita Celia del Solar. Dirijo-lhe esta carta, para lhe fazer sciente de uma coisa desagradavel, que se refere á sua pessoa e que, certamente, ignora.

Não é uma delação, é um aviso sincero.

Um cavalheiro, que se considera digno desse nome, deve sempre velar pelo bom nome das mulheres que tão dignamente o levam, em todas as circumstancias da vida."

E a carta denunciava que Alberto Pirán era um individuo corrompido: jogador de profissão, ébrio contumaz, traficante e explorador de mulheres. E terminava a impressionante missiva: "Que uma sorte melhor a liberte desse patife. Aja a senhorita como bem entender, posto que, para o seu decôro, insinúo a conveniencia de cumprir com o seu dever de mulher honesta, que eu, como homem digno, acabo de cumprir com o meu. Saudações..."

* * *

Celia leu mais cinco vezes a terrivel epistola, presa de incontido desejo de desatar em pranto. Por ultimo, as lagrimas lhe saltaram dos olhos. Quando se refez da sua grande emoção, poz-se a conjecturar sobre as intenções que teriam levado o remettente da carta a escrevel-a.

Celia sentou-se na sala; e pareceu-lhe ouvir, no aposento contiguo, rumor de passos. Ergueu-se viva mente, e começou a cantarolar.

Os homens, quando são surprehendidos com uma desagradavel surpresa, entram a vociferar; as mulheres andam e cantam. Quando aprenderão os homens esse delicado exemplo de bom e seguro sentimento das coisas?

Os passos que Celia ouvira extinguiram-se pouco a pouco. Arrancou a carta de sob as almofadas, onde a occultara, rapidamente, e tornou a lel-a.

E pensou: Tratar-se-ia de uma vingança? De quem? Por que? Alguma pessôa despeitada, que odiava o seu noivo? Seria, ao contrario, alguma pessôa que desejava a sua felicidade? E o queria extranhamente?

Celia dobrou a carta e occultou-a no seio, cruzando os braços sobre elle. E assim permaneceu extactica, o resto com uma expressão estupefacta, a cabeça erguida, por instante. Subitamente, cairam duas lagrimas lentas das suas palpebras... Depois, outras... Mais outras... E ella chorou, longamente.

(Conclúe na pag. seguinte).

Quadro Gaúcho...

DE ALVARO DELFINO

Occaso.

Outomno secco. Ventinho...

Só, na beira do barranco, longo da estrada, ao pé do alambrado, o guaipéca esperto olha, as orelhas em pé, o rabo baixado, uma das patas deanteiras levantada, a granja vizinha, onde tem de passar, para voltar á estancia do seu dono...

Por que?

Porque a cachorrada da granja é grande e má; não perdôa nada...

O guaipéca espera, "pensa"... Depois, deita-se ao comprido; torna a levantar-se, por fim. Vem chegando a noite. A fome tambem... E nada de vir a coragem. Cada vez, fica peor a impressão. A cachorrada acuando, braba, esperando uma presa...

O guaipéca tenta duas ou tres vezes, mas recúa. Nada! Bem sabia elle que aquella cachorrada, principalmente o "Reuno", si o pegassem, nem a "alma" escapava...

Afinal, resolve voltar. Sempre havia, perto, na estrada mesmo, um capãozinho para abrigar...

Volta. Mas, nem meio passo andado, vê, atraz, do lado da coxilha, um cachorro grande, o "Badalo". Bem o conhecia. Era de outra fazenda, do Valle. Teve medo, porque o "Badalo" era forte e respeitado, respeitadissimo... Teve vontade de fugir... mas, para onde?... De um lado, os lobos da granja; do outro, o "Badalo", rei canino daquellas zonas...

As pernas afrouxaram, o rabo afundou e um risquinho de agua correu, gelado...

Mas o "Badalo" viu, devagar, cheirando. O guaipéca espichou na terra, com os olhos fechados, o coração parado, esperando o bote... Mas, não! O cão grande cheirou, lambeu, fussou... "disse" decerto alguma coisa, porque o cusco se levantou rapido e seguiu, a trote largo, pela estrada, ao lado daquelle rei...

Guaipéca ia folheiro, escaceando...

Passaram deante da porteira da granja. A cachorrada toda correu acuando; mas retrocedeu rosnando, vendo a figura impavida, erguida, do "Badalo"...

Quando dobraram a estrada, lá em cima, de onde já se via o fumo da casa e os potreiros da estancia, o "Badalo" parou. Tornou a cheirar, a lamber e a fussar o guaipéca, e voltou...

Vinha contente, pela baixada, o "Badalo"... Nem prestou attenção a duas ou tres mulitas que lhe passaram na frente, debochando...

As pernas corriam, velozes, em direcção á "Granja do Valle"; mas os olhos não olhavam para fóra: "viam" para dentro, na consciencia limpa, o acto nobre que praticára, protegendo, desinteressadamente, aquelle pequenino...

Quando a gente vê uma coisa destas, começa a pensar na vida e muito principalmente nos homens...

Por que será?...

O ESTRATAGEMA

(Conclusão)

No dia seguinte, quando ella acordou, tomou a resolução, definitiva, de pôr um termo áquelle estado de coisas. Mas que fazer? Aguardar o primeiro encontro com seu noivo? Escrever-lhe? Uma providencia era urgente e se impunha a todo transe.

Com os pés nús, ella se ergueu do leito e foi ao telephone...

A's onze e um quarto Alberto chegou. Celia o recebeu á entrada da sala. Ao surprehendel-a transfigurada, Alberto inquiriu della:

— Que houve? Por que me chamaste?

E ella sem titubear:

— Lê esta carta.

Alberto tomou o documento e atirou-se a um sofá, sem que Celia tirasse os olhos de cima delle, attenta aos seus menores gestos. A placidez facial de Alberto não soffreu alteração. Terminada a leitura, dobrou o papel e devolveu-lh'o com ar displicente.

— Disseram a verdade — suspirou elle com attitude resignada.

Contra o que esperava, notou que Celia se acercava delle, tomando assento no sofá. Tomou-lhe as mãos, tremendo, e declarou, docemente:

— Precisas de mim, então!

Alberto se surprehendeu ainda mais, ficando estupefacto. Perguntou-lhe admirado:

— Mas é que me amas tanto, mesmo?

— Até o heroismo... — respondeu ella, com simplicidade.

Alberto, ante a revelação, comprehendeu que Celia era uma creatura excepcional. Não uma dessas machinas calculadoras, a quem se chama mulher... porque vestem saias. Toda a sua indifferença, dos ultimos tempos, se transformou numa infinita ternura, fertilizando o seu coração, incapaz, até ali, do florescimento de uma affeição funda e purissima.

Caiu, então, de joelhos, aos pés da sua Celia.

— Querida, és adoravel! E eu te adoro! Eu te venero!

Ella sorriu. E tomando-lhe a cabeça, estreitou-a sobre o coração com maternal transporte.

* * *

Celia ignorou sempre que fôra elle proprio o autor da tal carta, que elle escrevera com o intuito de vêr-se livre della, por aquelle meio. Ella, porém, resultara uma formosa mentira. E foi a chave com que elle abriu o coração da linda e honesta joven, que guardava o immenso thesouro do seu affecto grandioso.

Alberto pensou nos homens que abandonam um amor sem o haver avaliado antes. Elle avaliou o della, casualmente, graças a um estratagema, o qual, precisamente, procurava o contrario. E sentiu-se feliz, por haver sido, por esta vez, um grandissimo estupido...

O meio mais seguro de lavar as roupas frageis!

A espuma maravilhosa de Lux limpa sem necessidade de esfregar

Com o uso de Lux as roupas não precisam ser esfregadas. As finissimas escamas de Lux, tão differentes dos sabões ordinarios, com todas as suas impurezas, transformam-se em uma espuma branda e purificante apenas cahem em agua quente.

O methodo Lux é tão facil! Lançar em uma bacia com agua quente uma quantidade ufficiente de Lux para produzir uma espuma oundante. Remexer a agua até que as escamas se dissolvam e então accrescentar agua fria para que a solução fique apenas tepida. Espremer com cuidado as roupas entre os dedos (mas nunca esfregando). Passar em agua limpa e morna . . . e a lavagem está concluida.

LX 12-080 B2

S.A. IRMÃOS LEVER
CAIXA POSTAL, 2745
SÃO PAULO

WILSON, SONS & CO. LTD
AV. RIO BRANCO, 37
RIO DE JANEIRO

WALTER & CIA
RUA SÃO PEDRO, 71-1º
RIO DE JANEIRO

TOSSE? ...
BROMIL

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 39

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1930

A LUTA DOS SEXOS

DESDE que Eva, sem temer a cólera do Senhor, tentou e enganou Adão, seus descendentes naturaes — os homens de todos os tempos — continuaram a ser tentados e ludibriados por qualquer casquinha da millenaria maçã paradisíaca. Era o atavismo da tentação — a bizarra delicia do peccado original a se transmittir de geração a geração, com o mesmo encanto e o mesmo fresco sabor do velho fruto primitivo.

Eva, triumphante, exultou com a facil victoria dos seus artificios e da sua seducção. E velou de mysterio sua malignidade diabolicamente feminina.

Contra ella — a impenitente e impiedosa tentadora — ergueu-se, na terra cheia de peccado, a voz dos santos e dos sábios.

Em vão, porém, porque a abafal-a, continua e incessantemente, se levantava, á sombra agazalhadora de todas as macieiras, o clamor de delirio dos enamorados que a exaltavam e victoriavam, disputando, tontos de amor, os beijos quentes que floriam em seus lábios.

E a Arvore interdicta do Bem e do Mal continuou a florescer e frutificar, amadurecendo, no recesso esconso da sua folhagem verde, o malsinado fruto prohibido — a pepita de oiro com que Eva acenava ao homem para a delicia do peccado, para o gesto de rebeldia contra Deus.

Escravizado, rendido a seus pés, aquelle, Eva, envaidecida e orgulhosa, sorriu ante a obra que marcava a eternidade do seu triumpho.

E, como Isis mysteriosa — a temida e implacavel deusa egypcia que punia com a morte o audacioso que tentasse erguer uma ponta ao véo que lhe encobria o rosto — ella, também mysteriosa, parecia guardar intangivel, impenetravel, o mysterio de sua alma.

Desencantou-a, porém, sua propria vaidade.

Os sábios modernos estudaram-na nos seus laboratorios. E ficou-se sabendo que ella... mentia por... fatalidade, como disse Lombroso; que não era "profunda", como se suppunha, porque sequer não chegava a ser "chata", como asseverou Nietzsche com a sua irreverencia; e teve-se, mesmo, a confirmação da estreita relação existente entre os seus cabellos e as suas idéas, já contida naquelle perverso conceito de Schopenhauer de que a mulher era um animal de cabellos compridos e idéas curtas.

A' proporção que os cabellos foram encurtando, foram "crescendo" as idéas, e, a mulher de hoje, de cabellos curtos, de cabecinha "arejada", é bem mais intelligente que a antiga.

Não pensa assim, porém, a doutora Lewin, que attribue o actual desenvolvimento da intelligencia das mulheres á... moda, á abolição dos colletes constringentes, que impediam a circulação, aos vestidos commodos e "ligeiros", aos decótes rasgados, etc.

O sangue, circulando livremente, conseguiu subir-lhes ao cerebro, preparando-as para a admiravel actividade mental dos nossos dias, em que ellas, em franca concorrencia com o homem, se empenham, ardorosamente, na luta espiritual e material dos sexos.

Nivelada ao homem, pela intelligencia e pela cultura, Eva quer, agora, supplantal-o, vencendo-o espiritual e materialmente...

E, louca, inconsciente do mal que se faz, sequer não tem ouvidos para ouvir o fragor do throno millenario, feito da filigrana de oiro de todos os corações, e da poesia de todos os sentimentos, que o homem erigiu em sua honra, collocando-a tão alto, tão acima delle proprio...

A voz, o clamor surdo, o grito interior do instincto, conter-lhe-á, porém, um dia, a sanha, os pruridos iconoclastas.

Descoberto e provado que o triumpho espiritual da mulher de hoje é devido, unicamente, á moda synthetica, simplificada, dos nossos dias, como o triumpho physico da mulher de sempre foi devido á folha de parra, ficará, ipso facto, provado que a mulher en état naturel, a mulher-instincto, a Mulher Núa, emfim, será sempre a Eva Triumphante.

E Deus seja louvado!

ELCIAS LOPES

A carta interrompida...

TOMEI, com dedos tremulos, uma folha de papel côr de rosa, tarjada de ouro. E a penna de aço foi traçando, com tinta azul, as letras irregulares da minha calligraphia nervosa:

"Querido. — Um beijo e um adeus. Um adeus de quem morre de saudade, antes de partir.

Sei que não me comprehenderás. Nem poderias comprehender esta alma antiga de mulher moderna

Si soubesses quanto me custa mandar-te esta carta côr de rosa como o amor que floresce nos teus labios, toda gravada de palavras transbordante de sonhos, cheia de alegria de viver! Mas não devo prendel-a. E's poeta. O mundo é teu! Eu não creio na eternidade do amor. E' ephemero e lindo como tudo que passa...

Perdôa-me, querido; perdôa-me si não tenho coragem de sorver até o fim a ambrosia dos teus labios, até que a taça se quebre..."

Suspendi a penna.

Fiquei absorta, os olhos parados, fitos num ponto imaginario. O pensamento longe... perto de ti.

A campainha tilintou por toda a casa.

O sr. embaixador do Chile e exma. sra. Novoa Valdez, commemorando a data da independencia de seu paiz, offereceram, quinta-feira penultima, no palacio da embaixada, uma elegante recepção ás autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico e á nossa alta sociedade. Foi essa a primeira festa offerecida pelo distincto casal Novoa Valdez depois de sua recente chegada a esta capital.

Minutos depois, estavas ao meu lado e num gesto de carinho, teu braço forte me enlaçou. Mas, mergulhando os teus olhos nos meus, perguntaste:

"— Por que choras, meu amor?"

E eu respondi, sorrindo entre as lagrimas que embaciavam os meus olhos:

"— E' de felicidade!"

E lendo as tuas cartas, recordei-me da primeira vez em que nos vimos. Ainda te lembras daquella tarde de maio, em que a cúpula do céo tinha os tons desmaiados das glycinias lilazes?

E, depois, um telephone moderno foi o cumplice mudo do nosso amor romantico, á 1930.

Reli as tuas cartas.

Suaves como dias de primavéra vibrantes como a tua alma de poeta! Aquellas cartas que traziam o sol dos teus cabellos loiros e a esperança dos teus olhos verdes.

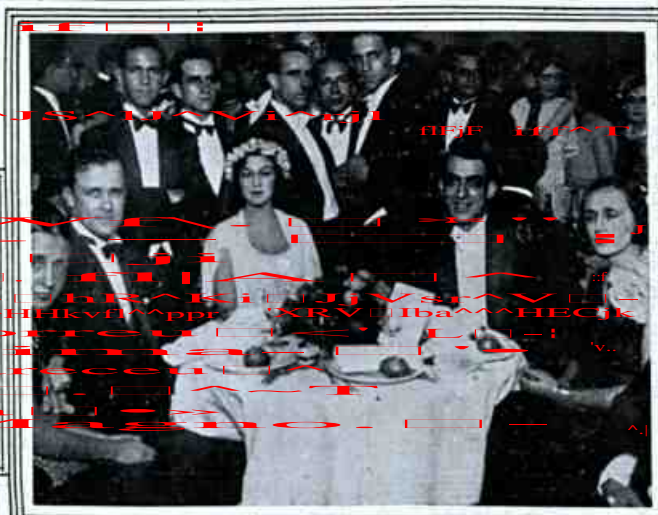
Tu, que vens de uma terra distante, cercada de praias brancas, banhadas pelo mar Tyrrheno e coroada de flores, encontraste uma affinidade subtil em minha alma, cinzenta e triste como a garôa que envolve o céo da minha terra.

Minhas cartas eram tristes como a fumaça de um sonho que passou...

Mas é preciso que comprehendas, meu amor, que nunca mais me deves ver.

Amo a tua mocidade gloriosa.

E emquanto a tua bocca buscava a minha bocca, esmaguei entre os dedos a carta côr de rosa.

LYSE DONISON

Lindo, sob todos os aspectos, foi o «reveillon» que se realizou no Hotel Gloria, sabbado ultimo, encerrando as festas em beneficio da «Casa do Estudante», promovidas pela escriptora Anna Amelia. A esse baile, que decorreu num ambiente de grande animação e esplendor, compareceu «Miss Universo», que a nossa gravura focaliza, dando o braço ao poeta Paschoal Carlos Magno.

Faianças

Os nossos crepusculos

ANTONIO NOBRE cantou no "Só" os bellos crepusculos de Paris; Justino Montalvão, os da Italia "coroada de rosas"; Pierre Loti, os de Stambul; Jean Moréas, os da Grecia — como os seus grandes poetas...

E, todos elles, creando paginas immortaes, exaltam a belleza dessas horas suaves, de apotheose ao dia, de gloria ephemera do poente e do céo... Horas em que a tarde é branca e de uma virgindade do commungante, e o sol lembra uma hostia de ouro, na transparencia violeta, do occidente... Horas em que...

En la azul transparencia de esta
[tarde estival
cae el sol mansamente — tibio sol
[i-esperal —
Sobre el campo que duerme en un
[sueño letal...
Sol de oro en los campos, y en el
[alma sol de oro...

Os crepusculos!

Que maravilha não diriam aquelles mestres do estylo si vissem os lindos crepusculos cariocas!

Quando a tarde cáe, por cima das arestas dos morros, como sobre um leito de Procusto, um largo leito de angulosidades aggressivas, o nosso céo se veste de pompas deslumbrantes, de glorias de luz, de magias, de nuances, deante das quaes a penna de um escriptor magistral seria sempre uma coisa ridicula, si tentasse pintal-as.

O mesmo se daria com um mestre de pincel. Nem Murillo, que foi o mago, o fixador admiravel das coisas puras, simples e cheias de luz, daria uma idéa vaga dos crepusculos cariocas.

Eu gosto de vel-os sobre os cimos dos morros da Tijuca, de Grajahú, dos morros pobres dos suburbios, com os seus casarios incertos, irregulares, amontoados na esmeralda da relva, como naquellas visões de presepio, das lindas noites de Natal... Gosto de vel-os morrer dentro dessa nevoa azul, violeta e ouro, que se alarga como um sudario de gloria, na longa faixa do caes de São Christovam, até se diluir no mysterio da noite, que se aproxima com os seus passos de sêda e de sombra...

Que maravilha é o panorama, que sonho mystico, para a sensibilidade dos que amam a belleza, é essa confusa hora em que os perfis dos paquetes, dos barcos, dos bateIões, dos saveiros, das canôas, das lanchas, se recortam como fantasmas do mar!...

De repente, brilham nos mastros balouçantes luzes vagas, cujos reflexos se projectam n'agua crespa e oscillante. O fumo de uma chaminé se confunde com a fumaça da luz que se decompõe em sombras esfarrapadas.

Aqui, azulescem os montes numa opalização doce e macia; além, outros montes, quasi indistinctos, ardem na fogueira do sol. Mas, pouco a pouco, o crepusculo se desmancha, e é apenas uma sombra azul e diaphana, onde as primeiras estrellas faiscam, sorriem, como a dizer á metropole: "Boa noite..."

Volubilidade feminina

"LA donna é mobile..."

E' conhecido o resto da canção. Mesmo porque a preoccupação do homem é pôr em relevo a volubilidade da mulher.

Nâo ha escriptor, poeta, artista, homem de pensamento, emfim, que não se tenha dado ao prazer, á volúpia, ao sport, de frisar que a mulher é inconstante.

Ora, si a regra é a filha de Eva ser volúvel, é claro que todos vós já devíamos estar habituados a essa versatilidade.

Não esqueçamos que não se pode modificar a natureza. Nem a cósmica, nem a humana.

Querer impedir que a mulher seja volúvel e mentirosa é o mesmo que pretender dizer ao vento que só corra de norte para sul; é o mesmo que prohibir as borboletas e os colibris de esvoaçarem sobre as rosas, as differentes rosas de um jardim; é o mesmo que forçar uma ventoinha a girar num sentido só; é o mesmo...

Não! Paremos ahi. Eu ia dizer: "... é o mesmo que obrigar o homem a ser sincero..."

Mas espero que outro chronista escreva essa heresia...

YVES.

A senhorita Adda Macaggi, fascinante poetisa e declamadora, que, ultimamente, se vem dedicando ao violão. A senhorita Macaggi, canta, de preferencia, os versos de motivos regionaes, imprimindo-lhes encanto e graça; o encanto da sua intelligencia e a graça luminosa da sua figurinha.

O tamanho do amor

CERTA vez, alguem me perguntou:

— De que modo se deve amar? E quanto tempo deve durar um amor para que seja um amor?

Respondi:

— Ha certas coisas que se fazem ou não se fazem. Ama-se ou não se ama...

— E quando se ama...

— Quando se ama, não se mede o amor com uma fita metrica, como quem mede organdy, "georgette" ou fita... Nem tão pouco como quem mede vinho, num litro de porcelana, mesmo que esse vinho seja Chianti ou Porto...

Foi assim que falei. O amor não se mede: dá-se todo, tal como é, ou não se dá. O que ha de bizarro em tudo isso é que elle póde ser longo, immenso, e vivo como a dôr de uma saudade, ou pequenino, breve e fugaz como um beijo...

A senhorita Anna Maria Tonetti é uma figura de relevo na alta sociedade paulista. (Photo De los Rios).

A "dama mysteriosa"

NO começo, a grave "mulher mysteriosa" não queria apparecer. Della se sabia apenas que era uma escriptora temente a Deus, protestante, leitora assidua da Biblia, e "mulher mysteriosa"...

Uma mulher mysteriosa, que é escriptora, protestante e leitora assidua das santas escripturas, é uma dama que escreve sob o controle do digno esposo — um excellente e pacato burguez. E' elle tambem quem lhe escolhe os livros e fiscaliza as leituras, afim de que não se maculem as virtudes fortes e bemditas que Deus lhe deu...

Si alguém lhe pede uma entrevista, sobre literatura ou religião, a illustre "dama mysteriosa" declara: "Vou consultar o meu consorte".

Pautada, virtuosa, digna, correcta, como quem anda pela vida como sobre um arame — mas sem acrobacias — a dama que escreve e é protestante só se exprime com escrupulo e rebuscamento de termos. Eis porque não diz: "meu marido", o "Fulano", o "meu esposo", ou mesmo — "o meu velho", de sabor genuinamente nacional. Diz: "meu consorte". E é tudo!

"Meu consorte" é o seu mentor, o seu oraculo, o seu tudo.

Mas um dia a "dama mysteriosa" percebe que se vae tornando importante. Si até os jornaes já a procuram, para lhe pedir entrevistas... E' indicio de que ella deve quebrar a sua linha de mysterio...

E começa a fluctuar numa onda immensa de vaidade.

Telephona para as redacções. Fala de si com desembaraço. Faz insinuações que levam a este dialogo:

— Sou a escriptora X... a ex-dama mysteriosa, que lê a Biblia e cultiva as nobres virtudes domesticas.

Do outro lado, o jornalista, que já lhe esqueceu o nome, que o occupou eventualmente, como um méro accidente, como um simples *fait divers* da sua vida jornalistica, responde indifferente:

— Muito bem. Que deseja?

— Desejo pedir-lhe a publicação dos meus pensamentos de mulher virtuosa...

— Pois sim...

Silencio. A dama encabula:

— Pode ser?

O jornalista, que não entende nada daquillo, responde:

— E' possivel.

— Não diz que é possivel? O sr. ainda vacilla? Olhe que pretendo apresentar-me ao sr. E no dia em que me vir, estou certa de que ficará encantado...

— Pois bem.

A "dama mysteriosa" está impaciente. Será admissivel que ella, uma mulher tão importante — segundo julga — não preoccupe a attenção do seu interlocutor?

— Olhe: não sou uma Xantipa; o sr. está enganado a meu respeito. Sou joven, bonita e intelligente.

E, uma tarde, depois de muitas consultas, si deve ou não apparecer, ella envia a sua photographia ao jornal, para ser publicada.

Sabem o que revela a photo? Uma rotunda madame que parece aquelle Pipa do cinema, mas um Pipa que vestisse saia e trouxesse um buço louro e espesso. — Yves

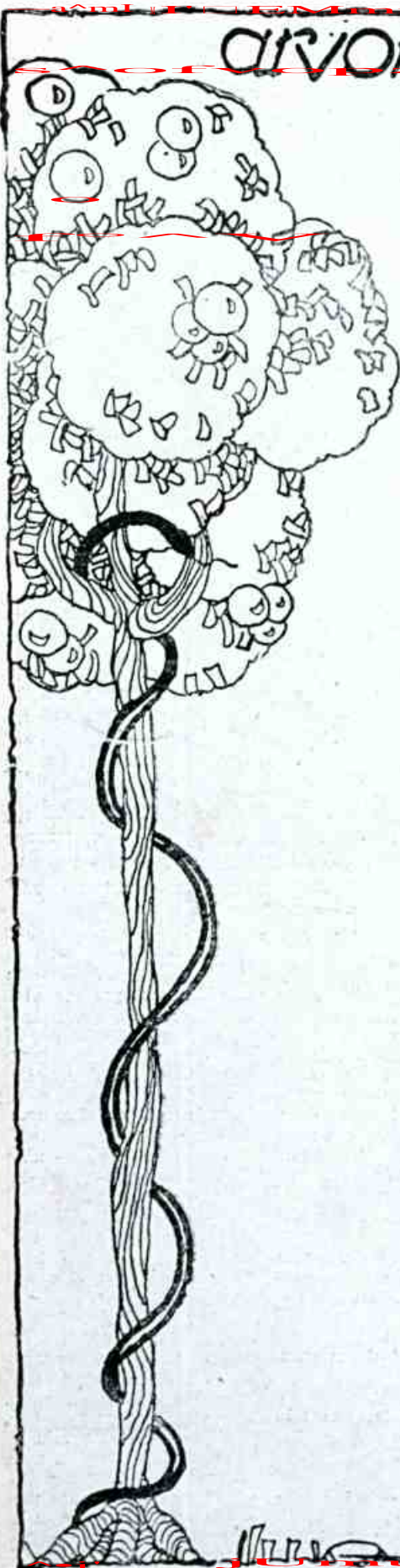
arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Desprezo

TODOS os que amam juram amor eterno. E' uma das mais interessantes illusões de amor. Nada menos eterno e, por isso mesmo, nada mais delicioso. Entretanto, quando as circumstancias, a sociedade, a propria volubilidade apagam a divina fogueira que Eros accendêra, sempre resta alguma coisa no coração — ara em que ella queimou votivamente. Alguma coisa: a cinza perfumada da saudade, a doçura dum perdão, mesmo o calor do odio...

Mas ha amores, que, embora duradouros, devorantes, intensos, depois que passam, nada absolutamente nada deixam no fundo da alma. E' que, nesses, se descobriu no caracter da pessoa amada um lameiro tão infecto, que somente o nojo dominou tudo. E esse amor morreu asphyxiado pelo desprezo.

Desprezo! Palavra terrivel. Bofetada silenciosa e inapagavel. Sentença irrecorrivel. Fim de todo sentimento, até da piedade. Morte moral por excellencia. Sudario de chumbo com que se envolve tudo aquillo que a consciencia nos diz que antes nunca tivesse sido...

Helena de Magalhães Castro, a joven e festejada declamadora brasileira, visitou a Associação dos Artistas Brasileiros na tarde em que ali foi recebido Antonio Bragaglia, o grande renovador do theatro italiano, que na presente photographia apparece entre o pintor Navarro da Costa e o nosso companheiro Renato Palmeira. Vê-se tambem ahi a nossa talentosa patricia Helena de Magalhães Castro, que partilhou, merecidamente, das homenagens prestadas ao eminente artista italiano.

Henrique Sálvio, desenhista e decorador de traços que marcam a feição pessoal de sua arte, inaugurou, segunda-feira, no Palace Hotel, uma exposição dos seus ultimos trabalhos, em numero approximado de quarenta, e que tem despertado o maior interesse entre os admiradores do joven artista brasileiro. A solennidade da abertura da exposição de Henrique Sálvio teve um cunho finamente elegante, pela presença de muitas senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade. Didi Caillet, a joven artista tantas vezes applaudida em nossos salões, foi a galante madrinha da cerimonia, e ahi apparece quando inaugurava aquelle salão de arte. Henrique Sálvio está, na primeira photographia, entre a senhorita e a senhora Caillet.

Baton Rouge

A CANÇÃO DA PRIMAVERA

MEU amor, o sorriso azul do céo e o sorriso claro e luminoso do sol descem sobre a terra, coroada de flores, para a glorificação da fada Primavera.

Ha, na natureza, nas coisas, na vida, cicios de petalas que se cruzam, cochichos de flores que se amam e trocam beijos castos, cheirando a violetas róxas, a cravos vermelhos, a rosas frescas.

Querida, a Primavera chegou e a Natureza toda abre seu seio fecundo e cheio de fragrancias subtis para a magnificencia da sagração floral com que acolhe e saúda a suave e linda Fada do Amor.

No seu carro triumphal, vestida de azul do céo, com a gaze translucida tecida de raios de sol que lhe descia da linda cabeça coroada de flores, como um manto real, ella — a Primavera — tomo se parecia com você, suave e luminosa Primavera humana do meu amor!

A Primavera chegou com o seu sorriso de rose que se desflora, com o olente encanto de sua graça de mulher-flor.

A terra toda rescende amor.

No espaço ha espreguiçamentos de corpos elicitosos de mulher e palpitação de beijos castos nas azas dos passaros que o cortam, no pipio dos ninhos quentes escondidos nas frondes farfalhantes da matta illuminada, toda em festa, tomada de espasmo pagão, de exaltação amorosa.

E eu me sinto tão só, tão abandonado, no meio desse delirio floral com que os corações acolhem e saúdam a Primavera que chegou, a sorrir para todos, para todos, menos para mim...

Porque você não veiu ainda... Você que é a abençoada Primavera humana que faz a festa da primavera do meu coração...

FRAGONARD

«Flor do asfalto...» Pode parecer, á primeira vista, que esse é o titulo de um film, sobre a vida de uma creaturinha galante. Mas é, apenas, a epigraphe de um poema de Harold Daltro, poeta moderno, por excellencia, não só pelos seus motivos de um lyrismo novo e colorido, mas ainda porque nas suas estrophes elle procura reflectir o que o seculo XX possue de mais actual. Fluente, rendilhado, harmonioso, o verso de Harold Daltro é desses que se fizeram para o encanto das mulheres, que o lêem com esse prazer de quem saboreia «bonbons». E', sobretudo, um livro de imagens fascinantes, que fica bem nas mãos das «jeunes filles» que sonham com os «Jazzs», os «bungalows» e os «princes charmants».

O dr. Zopyro Goulart, illustre scientista e escriptor, que acaba de publicar o bello livro intitulado «No século da hygiene», sobre cujos méritos já tivemos occasião de nos pronunciar em nossa edição de sabbado passado.

Em cima, o dr. Miguel Salles, novo director do Instituto Medico Legal, entre os seus collegas e amigos, antes do almoço que os mesmos lhe offereceram, domingo ultimo, no restaurante do Jockey Club, em regosijo pela sua recente nomeação para aquelle cargo.

. . .

Em baixo, um flagrante da solenne installação dos trabalhos da «Reunião Educacional», que, sob os auspicios da Federação Nacional das Sociedades de Educação e da União dos Escoteiros do Brasil, se está realizando nesta capital, prolongando-se até o primeiro dia de outubro proximo, e cuja finalidade é examinar a situação do paiz em materia de educação e ensino. Nessa assembléa, tomam parte os directores da instrucção publica nos Estados e os delegados sanitarios escolares. Juntamente com a «Reunião Educacional», realiza-se uma Concentração Escoteira.

A glorificação da Arvore

COM a entrada da Primavera, para a sagração floral da terra, realizou-se, a 21 do corrente, no Horto Florestal da Gavea, a festa symbolica da glorificação da Arvore.

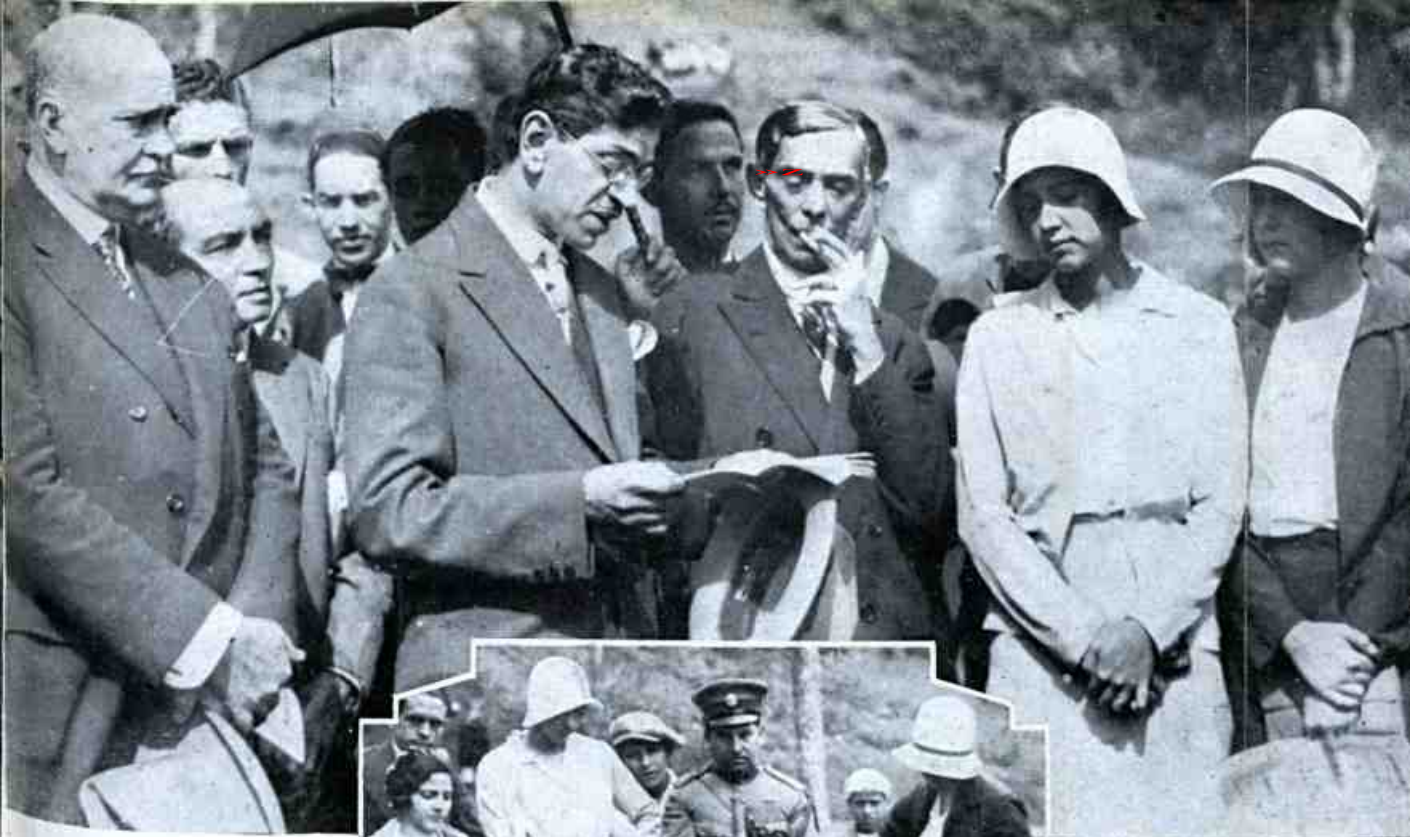
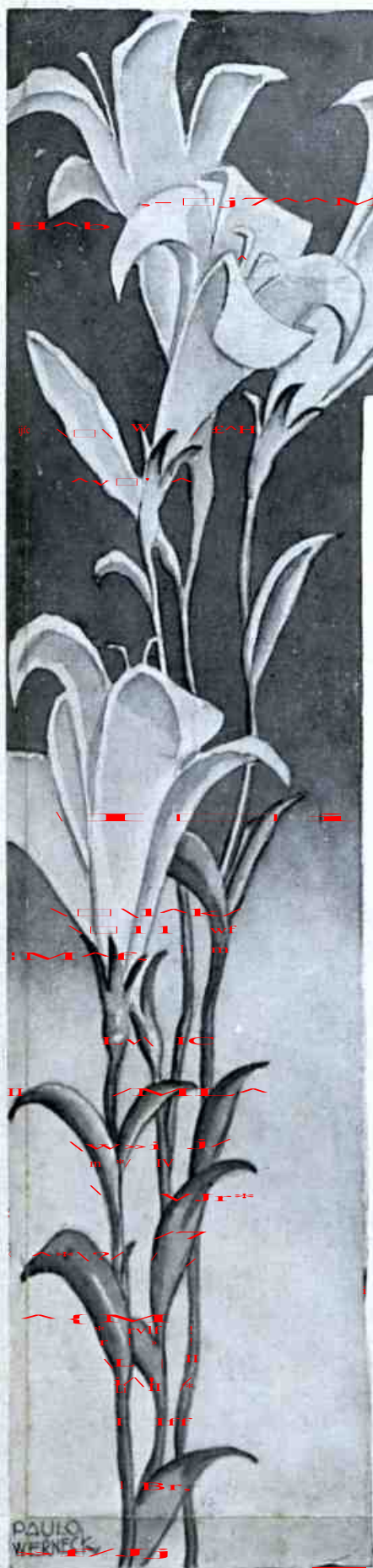
Uma cerimonia singela, tocante, commovedora, essa com que a mão do homem, plantando uma arvore, abençôa e bemdiz a terra fecunda e bôa, amiga e generosa, que carreia e condiciona, na profundeza de suas entranhas ferazes, o mysterio concepcional da natureza.

Nessa glorificação das raizes, e dos caules, e das copas verdejantes e frondosas das arvores, o homem glorifica a propria Vida, nas fontes mesmas da sua eterna immanencia — Deus.

E, no culto humano da Arvore, no gesto de carinho de quem a planta, como na mão que semeia, ha alguma coisa de quem ora para dar graças a Deus.

Bemditas sejam as Arvores agazalhadoras e amigas, que nos dão sombra, que nos dão fructos, que nos dão flores e nos dão a musica dos ninhos humildes, sempre em festa!

* * *

Esta pagina fixa dois expressivos detalhes da cerimonia symbolica da festa da arvore, realizada, domingo passado, no Horto da Gavea, vendo-se, ahi, o dr. Francisco Iglesias e os representantes das altas autoridades.

O deputado Mauricio de Medeiros fazendo o elogio da arvore, na festa do Horto Florestal, e dois outros flagrantes muito expressivos dessa linda solennidade com que foi celebrada, na manhã de domingo, a entrada da Primavera.

A' Flavita

Senta-te junto a mim, dá-me tua mão,
E ouve: Tens tudo para ser feliz!
Roseira em flôr, mergulhas a raiz
Em um terreno são:
Tens saúde, nobreza de alma, coração
E, ainda, (o que teu pae nem sempre diz)
Sympathia, belleza,
Intelligencia, cultura...
Ao lado de uma bôa natureza,
Uma alma bôa e pura...

Conserva, pois, e aprimóra
Tudo que em ti existe agora;
Mas, sobretudo,
Guarda comtigo pela vida a fóra
Essa doçura de velludo,
Essa alegria calma,
Essa energia sã,
Essa expressão suave e ao mesmo tempo altiva,
Essa belleza de alma,
Essa bondade activa,
Esse esplendór e essa frescura de manhã.

A mulher, minha filha,
Nas horas bôas ou nas horas afflictivas,
Avulta e brilha
Por suas qualidades affectivas.

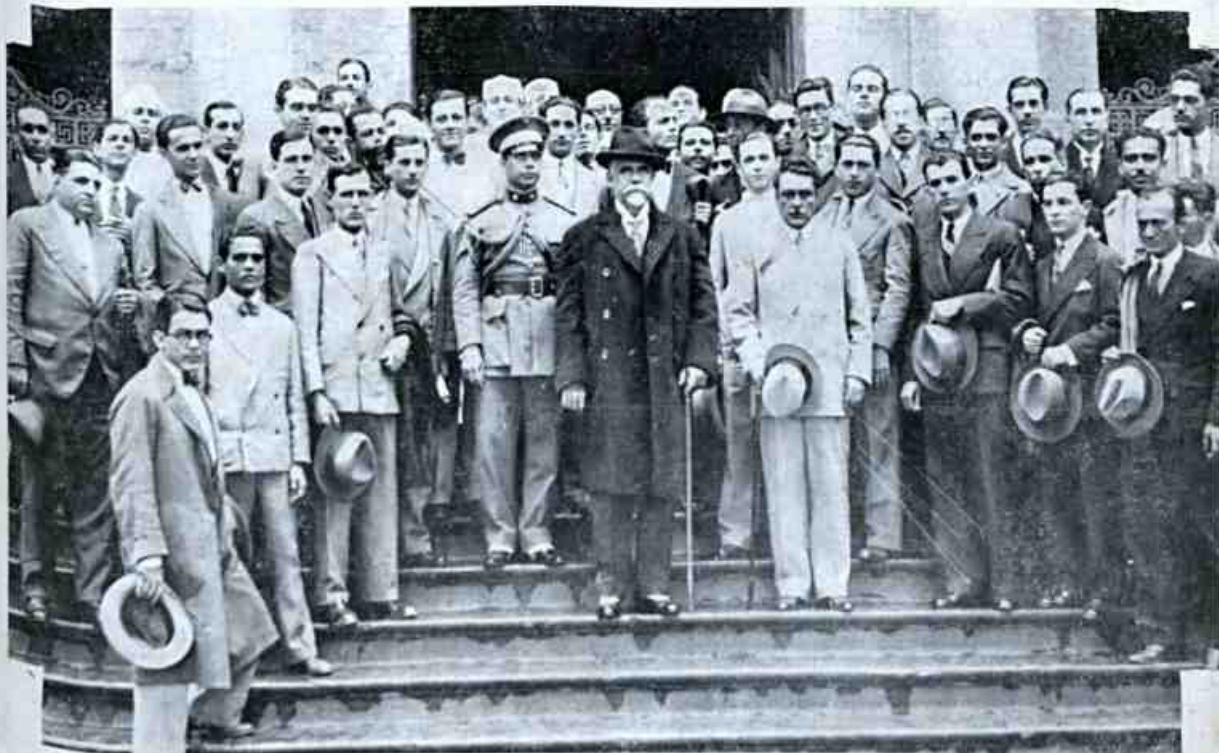
Forja em virtude e integra doçura
O teu escudo.
Não te baste a certeza de que és pura:
Mostra-o constantemente e em tudo.

Só na pureza e na bondade
A mulher se abroquela.
E' sua propria dignidade
Que impõe respeito em torno della.

Feliz ou não, em tua vida
Faze do bem e da affabilidade —
Reflexo de ternura honesta e recolhida —
Uma constante caridade.

Sente! A virtude, apenas,
Seria orgulho mão ou incolór
Se não fosse expressada em palavras serenas
E não fosse a piedade o aroma dessa flôr,
Que orna as almas e os poemas,
Desabrochando nas extremas
Culminancias do Amór!

FLAVIO da SILVEIRA

Com a presença do sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, e do ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, além de outras autoridades e de vários membros illustres da classe medica, realizou-se, sabbado ultimo, a solennidade inaugural das novas installações da clinica cirúrgica do professor Brandão Filho, na Santa Casa da Misericordia. A cerimonia foi simples, mas expressiva. Falaram o professor Brandão Filho, o professor Abreu Fialho, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; o professor José Arce, notabilidade da cirurgia argentina, presentemente entre nós, e que fôra especialmente convidado para o acto, e, por fim, o dr. Washington Luis, cujo discurso constituiu um elogio espontâneo á sciencia do dr. Brandão. Estão nesta pagina dois detalhes photographicos da solennidade.

FILIGRANAS

Votando em branco, muitas vezes, Victor Hugo e alguns amigos que o acompanhavam, conseguiram barrar a entrada da Academia Franceza a diversos penetras e forçal-a a eleger entre outros Alfredo de Vigny. Certo dia, em que, aproveitando o impasse dum escrutínio, elle cabalava em favor de Balzac, Dupin disse-lhe com o maior espirito:

— Que diabo! Balzac entrar assim de cara na Academia. Você não reflecte. Isso é impossivel Aposto que você ainda não pensou numa cousa que impede isso totalmente...

— Qual?

— E' que elle tem merito...

COCAINA

Duas condições necessita á mulher para se fazer amada: ser bella... e estupida.

*

A mulher é a obra prima do Diabo.

*

Nós só conhecemos o ridiculo dos outros...

MARION

ROSAS de VELLUDO

O nosso primeiro beijo...

UM papel qualquer, que muita gente bota fóra, por imprestavel, vale, ás vezes, tanto na nossa vida... Vale mais do que todos os papeis do mundo. Sem valer dinheiro, vale uma fortuna para determinada ou determinadas pessôas.

Eu tenho um papel assim, que guardo com o carinho e o cuidado do avarento cioso do seu oiro. E' um programma de cinema. Verde como os seus olhos, meu amor. Mas elle não me lembra apenas os seus olhos verdes. Lembra-me, na sua fôlha côr de esperança, toda a sua figurinha de sonho: seus cabellos de topazio, seu sorriso triste e deslumbrante, sua voz penetrada de doçura, seus encantos luminosos de princeza do meu coração... Recorda-me, ainda, aquella fascinação imponderável que você possue, e que só eu sei distinguir entre as suas outras fascinações: a sua ternura saturada de melancolia e que faz tanto bem ao meu amargo scepticismo. Sobretudo isso é que me recorda o papel verde do programma de cinema.

Foi numa noite fria da sua cidade verde de serras que as suas mãos brancas me deram esse papel. Nós entravamos no cinema... para não vermos a fita. Era um pretexto amavel de passarmos duas horas juntos, conversando baixinho. Greta Garbo, na tela, contorcia-se, indolentemente, na sua volúpia escandinava, beijando um galã que talvez fosse John Gilbert, ou Lewis Stone, ou outro qualquer... Não me lembro. E nós dois, na platéa, ao lado um do outro, não nos contorciamos de volúpia, nem nos beijavamos, mas suffocavamos com os olhos, languidamente sonhadores, os nossos desejos bons daquella hora...

E você, querida, deante de um beijo mais nervosamente sensual da protagonista do drama cinematographico, beijou o programma verde e m'o entregou... Eu traduzi esse seu beijo como o symbolo da promessa de outro beijo, não mais sobre o papel verde do programma e sim sobre meus lábios sequiosos do vinho capitoso dos teus lábios..

Decorreram assim, impregnadas das melhores e mais lindas emoções para a nossa inquieta e ardente sensibilidade, as duas horas do drama sentimental de Greta Garbo, naquelle cinema imponente da sua terra mineira.

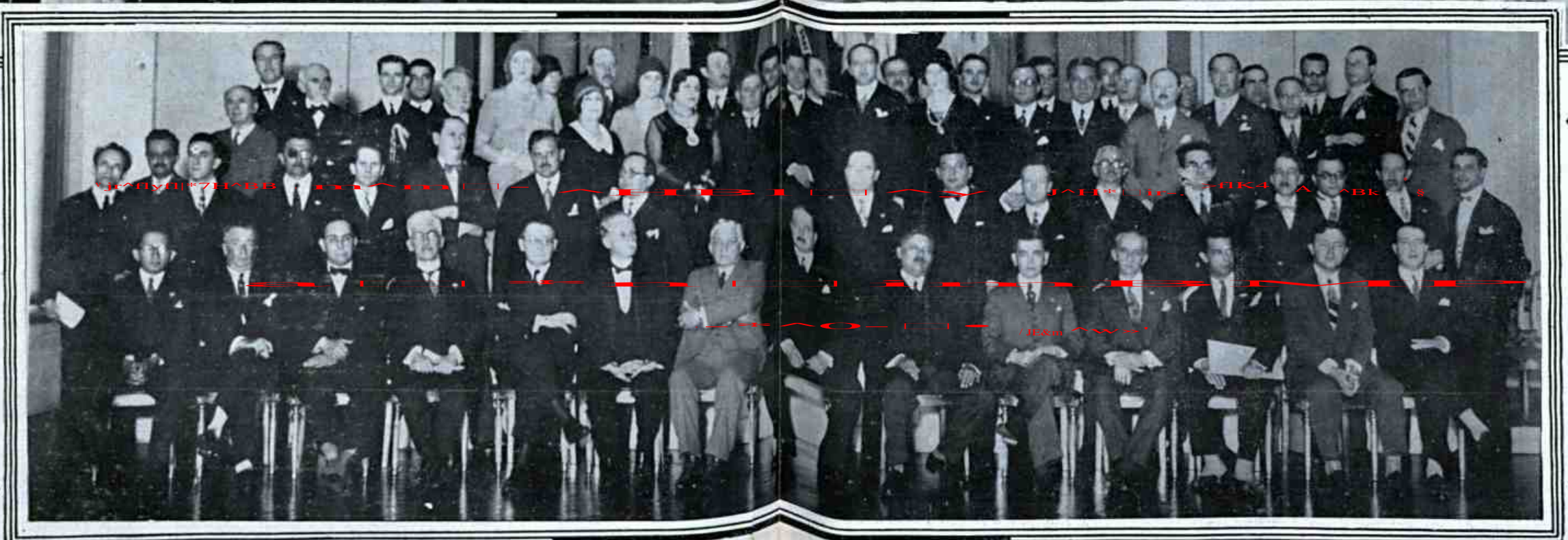
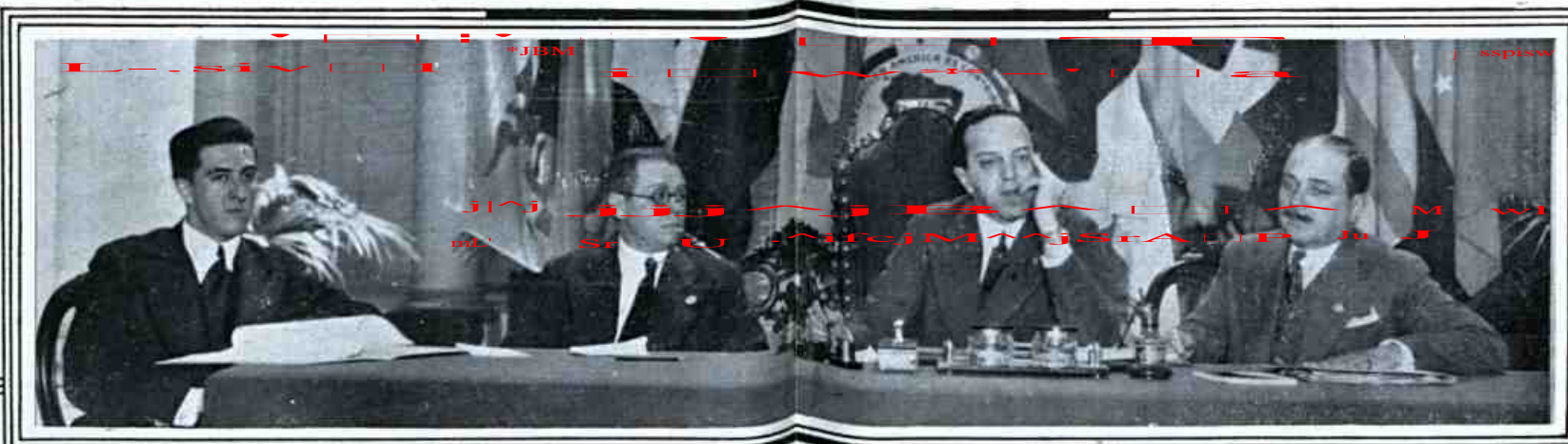
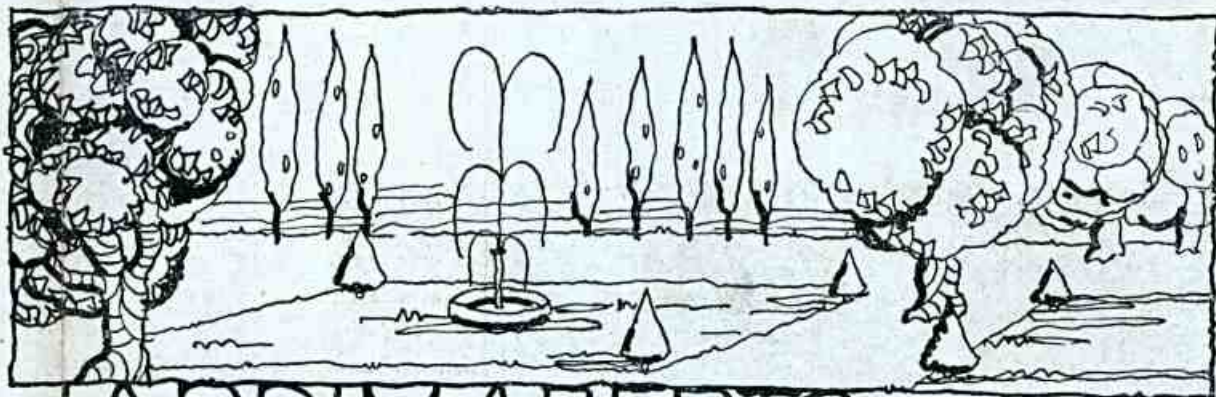
Não vimos bem o film romântico, mas sentimos perfeitamente o tumulto silencioso das nossas affinidades vibrando dentro de nós como uma gloriosa e impressionante symphonia de amor...

Acabado o cinema, ficou-nos a saudade da segunda noite do nosso romance, da qual eu conservo, como lembrança querida, o papel verde do programma que guarda, inconsciente e feliz, o nosso primeiro beijo...

Mauro de Alencar

Encantadora, sob todos os aspectos, foi a festa de arte que se realizou, no Copacabana Palace, sob o patrocinio e orientação do dr. Christovam de Camargo, presidente do Congresso Sul-americano de Turismo. Organizada por um grupo de damas da nossa «élite», a cuja frente se encontravam os nomes illustres das senhoras Marques Couto, Gomes de Mattos e Guerra Duval, o lindo festival teve um brilho verdadeiramente invulgar. O programma, que offerecia todas as seducções, foi cumprido á risca, e nelle tomaram parte os nomes mais brilhantes da nossa alta sociedade e dos nossos meios artisticos. Foi uma noite cheia de encanto e fulgor. O producto da festa reverteu em favor da «Pró Matre». São flagrantes expressivos dessa «soirée» de fina espiritualidade que a nossa pagina offerece.

ASPECTOS DO CONGRESSO DE TURISMO

O Terceiro Congresso Sul-Americano de Turismo, que, por iniciativa do Touring Club do Brasil e sob a presidencia do dr. Christovam de Camargo, se realizou nesta capital, de 6 a 17 do mez corrente, teve os seus trabalhos encerrados na cerimonia da penultima quinta-feira, no salão do Automovel Club do Brasil, onde o sr. ministro da Viação, dr. Victor Konder, presidiu á ultima sessão da notavel assembléa internacional. Na vespera, porém, dessa solennidade, realizou-se uma das mais importantes e expressivas festas do Congresso de Turismo, e que foi o banquete offerecido pelo dr. Christovam de Camargo, em nome do governo da Republica, aos delegados nacionaes e estrangeiros no mesmo Congresso. Esse ágape revestiu-se de grande cordialidade e elegancia e afastou-se do protocollo commummente observado em reuniões idênticas, pela nota inédita que offereceu a presença do elemento feminino na figura de distinctas damas do nosso «grand-monde» e da alta sociedade dos paizes representados no Congresso. O dr. Christovam de Camargo, que é um antigo jornalista e uma fina sensibilidade de homem de letras, soube, aliás, com a sua visão de artista, imprimir um cunho da mais fina espiritualidade e bom gosto a todas as festas do Congresso de Turismo, excluindo das mesmas velhos preconceitos, que só serviam para tornar monotonas e sem elegancia as reuniões dessa natureza. Foi o que aconteceu com o banquete do Copacabana Palace, no qual tomaram parte as pessoas que formam o grupo da photographia do centro. A photographia do alto é a mesa de uma das sessões ordinarias do Congresso de Turismo, e a de baixo fixa um detalhe da solennidade de encerramento do certamen.

COMMENTARIOS DE VICTOR HUGO

No pateo do Museu Historico, existe um velho canhão portuguez, historiado e brazonado, que os paraguayos carregaram do forte de Coimbra, raiaram e utilizaram, que retomámos, quando nos apoderamos de Humaytá e que tem escripto na culatra este mote latino: Ultima ratio justitiae.

Sempre que olho esse canhão, recordo-me do que conta Victor Hugo duma recepção em casa de Guizot, no anno de 1846. Elle reconstitue, num dos capitulos de Choses Vues, a conversa que teve com o dono da casa, Lagrenée e o visconde de Flavigny. Em certo ponto, disse Hugo: "Tous les gouvernements ont de temps en temps violé tous les droits, à commencer par le droit des gens. Les canons s'appelaient l'ultima ratio."

A peça do Museu Historico prova-o.

* * *

O presidente da Republica resolveu não abrir este anno os salões do Guanabara como costumava, para solennizar com um grande baile a data de sete de setembro. A crise que assoberba o mundo e que dolorosamente repercute na nossa vida economico-financeira traz o povo de máu humor. A chinfrinceira da politica cria e entretem a agitação nos espiritos. O chefe do Estado tomou uma medida prudente. Terá elle conhecimento daquella admiravel reflexão do poeta da Legende des siécles a proposito do baile do duque de Montpensier: "Il semblerait pourtant que cette féerie n'eût rien d'impolitique et ne pouvait rien avoir d'impopulaire; au contraire, M. de Montpensier en dépensant deux cent mille francs a fait dépenser un million. Voila dans cet instant de misère douze cent mille francs en circulation au profit du peuple; il devrait être content. Eh bien non. Le luxe est un besoin des grands états et des grandes civilisations; cependant il y a des heures ou il ne faut pas que le peuple le voie..."

* * *

Como os cupins fazem com a madeira, os communistas vão solapando aos poucos os alicerces da sociedade. A agitação das almas por toda a parte lhes é favoravel e os meus receios pelo futuro augmentam dia a dia. Que quer o operariado nos nossos dias? Victor Hugo responde por mim. Embora velho de tres quartos de seculo, seu pensamento palpita de actualidade. "Non, il veut, lui aussi, non le travail, non le salaire, mais du loisir, du plaisir, des voitures, des chevaux, des laquais, des duchesses. Ce n'est pas du pain qu'il veut, c'est du luxe. Il étend la main en fremissant vers toutes ces réalités resplendissantes qui ne seraient plus que des ombres s'il y touchait. Le jour où la misère de tous saisit la richesse de quelques-uns, la nuit se fait..."

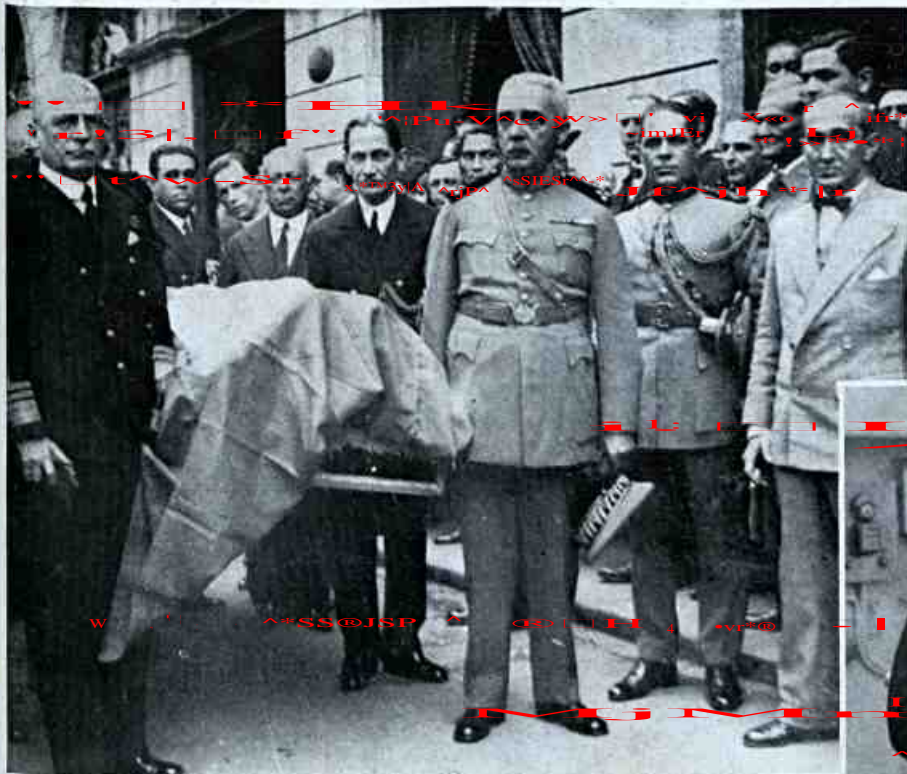
A Russia é o exemplo vivo dessa noite. E é ella que me apavora...

O joven publicista e advogado dr. Helvecio Lopes, que acaba de ser distinguido, pelo futuro governador de Pernambuco, com um convite para secretario do governo, vae, por esse motivo, receber, dos seus amigos e admiradores, a homenagem de um almoço de despedida, que se realizará dentro de alguns dias, num dos nossos principaes hoteis.

OS NOSSOS ARTISTAS

Leopoldo Gottuzzo, cuja exposição, aberta ao publico, constitue um notavel exito, é um dos grandes mestres da arte brasileira. Os seus aspectos de Portugal e Brasil são prodigios de côr e desenho, revelando-nos um Gottuzzo tão magnifico na paizagem como já o era na figura.

O COMMANDANTE ELEAZAR TAVARES

POR MARIO POPPE

O féretro do commandante Eleazar Tavares, ao sahir do Arsenal de Marinha, na tarde de sabbado ultimo, e a mais recente photographia daquella grande figura da Armada. No detalhe do enterro, sobresaem o sr. ministro da Guerra, general Nestor Sezefredo dos Passos, o almirante J. M. Penido, chefe do estado maior da Armada; o representante do sr. presidente da Republica, o almirante chefe da Missão Naval Americana e outras altas patentes militares.

OS que assistiram, na tarde de 20 de setembro, aos funeraes do commandante Eleazar Tavares, indagaram, surpresos, a razão da imponência, da majestade da cerimonia, quando o nome desse official da nossa Marinha de Guerra nunca apparecera nos jornaes, como autor de qualquer façanha militar.

Era, realmente, de impressionar, o espectaculo da Marinha congregada em torno do cadaver de um official moço.

A totalidade dos officiaes e a maruja, compungidas, prestaram ao companheiro inerte a sua ultima homenagem, perfilando-se e descobrindo-se, ajoelhando-se outros para uma prece, olhos marejados, o coração varado pela dôr augusta.

O povo tinha razão para o seu espanto, porque só a Marinha comprehendia a significação das homenagens que rendia ao commandante Eleazar, tão prematuramente roubado ao convívio dos vivos.

Mas, a imprensa tem o dever de trazer ao conhecimento publico alguma coisa da vida desse militar, um dos mais completos, senão o mais completo, da Marinha Brasileira, pelo preparo technico, pela bravura, pelo caracter, pela lealdade, qualidades raras nos tempos que correm.

Eleazar Tavares era um official que faria honra a qualquer marinha de elite, e disto deu provas quando esteve em cruzeiro de guerra, embarcado em um dos mais possantes navios da esquadra norte-americana.

Era, positivamente, um vulto de excepção, um animador de energias, que soube se impôr á estima da sua classe, superiores e inferiores.

Toda a sua vida foi consagrada á Marinha, que imaginara, não como ahi está, mas como deveria ser.

A Marinha digna do Brasil, forte, possante, capaz de impôr o respeito alheio ao que é nosso.

E, para realizar o seu sonho, não descansou um dia, não esmoreceu um instante, estudando, trabalhando, espalhando lições de patriotismo no seio da sua classe, entre officiaes e praças, que o respeitavam.

Eis a razão por que os funeraes desse official moço tiveram uma imponencia nunca vista entre nós; eis o motivo por que até hoje nunca um official de patente intermediaria recebeu, depois de morto, as homenagens a que tinha direito, e a que, pela sua modestia, sempre se esquivara em vida.

Quando se escrever a historia da Marinha do Brasil futuro, nella o nome de Eleazar Tavares ha de apparecer como um nobre exemplo militar.

Porque o seu nome terá uma projecção fóra da orbita estreita dos valores de cartaz, conquistados á custa dos reclamos de encommenda.

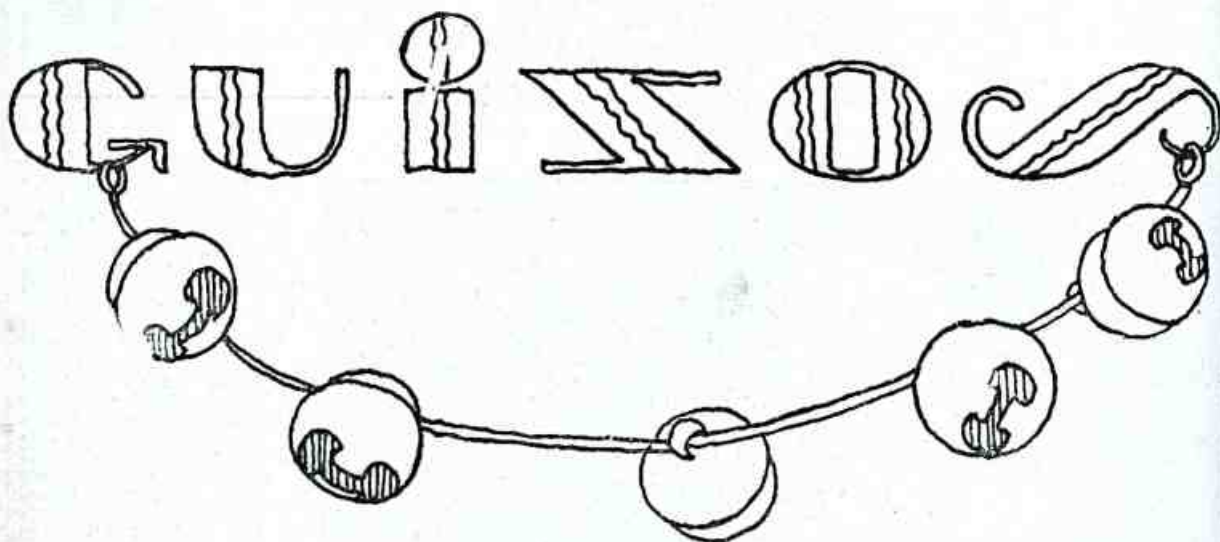
Os marinheiros da estirpe de Eleazar Tavares não se fazem; nascem, de quando em quando.

Era um guia, até mesmo para os officiaes superiores; sua voz tinha a magia oracular.

Esta verdade a nossa Marinha de Guerra proclamou-a pela palavra de alta patente, á beira da sepultura do commandante Eleazar Tavares.

Esta verdade estava no coração da propria maruja, que, em multidão, correu ao cemiterio, disputando o caixão que encerrava os despojos do mallogrado official moço, para leval-o á sua derradeira morada, coberta de flores.

Esta verdade deve sentil-a o publico, agora que sabe quem foi o commandante Eleazar Tavares, que encontrou morte súbita dentro de um automóvel, bem em frente á estatua do glorioso almirante Barroso, quando pronunciou as suas ultimas palavras ordenando ao chauffeur: «Pare ahi»...

Singular destino ligou dois homens do mar, e que nos faz pensar não ser a morte um absurdo.

LEI SECCA...

FOI apresentado, á Camara, um projecto prohibindo o uso de bebidas alcoolicas nas festas officiaes. Embora se tratasse de uma lei secca, o deputado achou de bom aviso fazer acompanhar o projecto de uma justificação. Ahi, então, o autor do projecto aproveitou a occasião para dizer umas tantas coisas interessantes. Acredita que, si não partir de cima, o exemplo não fructificará.

Não seria justo legislar para o povo, impondo-lhe restricções no uso do alcool, sem o governo demonstrar tambem, por actos, a sua consciencia pleno da possibilidade de banil-o dos nossos habitos, dada a sua nocividade para a saude do corpo e para a hygiene da alma. Depois, era preciso montar guarda aos cofres publicos...

Havia economia, porque a administração nada mais terá de despender com champagne e outras zurrapas estrangeiras em moda; renda, porque, sem duvida, passaremos á usança dos refrigerantes e digestivos nacionaes, como acontece já na America do Norte.

Gasta cada um, do proprio bolso, o que se não lhe possa impedir, com os prazeres do vinho; não permitta a Camara, porém, por mais tempo, que a Nação subvencione uma pratica facilmente abandonavel, e já de muito abolida, entre nós mesmos tambem, pelos respectivos regulamentos, nas festas do Exercito e da Marinha.

Perfeitamente!

Estamos de pleno accordo com os fundamentos do projecto, isto é, com a defesa da saúde do corpo, a hygiene da alma e a defesa da renda do Thesouro.

Com a usança dos refrigerantes tambem concordamos, pois o Brasil é, realmente, um paiz quente, até mesmo no inverno official...

Mas... o illustre autor do projecto ha tambem de concordar que o champagne é o melhor digestivo do mundo, principalmente ao fim de um banquete de pratos esquisitos e complicados...

Champagne frappé, não ha quem resista, pois, além de digestivo, tem poder tonico, sendo até receitado, pelos grandes medicos, para levantar forças dos clientes ricos, já se vê...

E' essa historia de gastar, cada um, do proprio bolso, é muito engraçada.

Champagne é coisa cara, que custa muito dinheiro.

A nós só restava um consolo: bebêl-a nas festas officiaes...

Agora, si vier a lei, como vae ser?!

Não, meu caro deputado, v. ex., com a mania de concertar as rendas do Thesouro, vae é estragar o paladar da gente...

CITE O AUTOR, SEU ALVARO.

FON-FON é uma revista muito apreciada, pois, não raro os titulos das suas secções apparecem reproduzidas por ahi além, sendo as mesmas tambem grosseiramente imitadas.

Haja vista o que acontece com Trepações...

De maneira que, para matar o tempo dos nossos amaveis leitores, com o risco de nos tornarmos neurasthenicos, nós temos de dar tratos á bola, fantasiando, criando, e certos cavalheiros entendem que devemos servir de modelos ás suas modestas locubrações literarias...

Mas, já não se contentam os pobres de espirito em imitar o que é nosso.

Copiam tambem.

Copiam e mettem o nome por baixo, esquecendo-se da honesta declaração: confére com o original...

Espantoso!

A mim coube a singular surpresa de verificar que os meus guizos estão sendo reproduzidos no interior da Bahia, com a assignatura de um audacioso qualquer.

Nunca tive o máu gosto de usar dois nomes para apparecer em publico, como não sou igualmente bifronte.

Assim, está claro que Alvaro de Oliveira Borges que no O Campesino subscreve os meus guizos, é outro.

E' um pelintra que pretende a gloriola de literato de roça, á custa do alheio...

Fica-lhe muito bem o gesto escamoteador, porém ouso pedir um favor ao nobre literato.

Não borre as copias com commentarios idiotas de permeio, tratando de politica, com votos de condolencias á familia de mortos illustres.

Respeite ao menos os defuntos.

E quasi estou a propôr um negocio decente, ao Alvarus.

Copiar custa caro..., mas, por isso, não deve o Campesino ficar privado do seu assiduo rabiscador.

Posso offerecer coisa original, absolutamente gratis, para que não se apague a estrella do emerito copiador.

Fabricarei filigranas por encommenda, tratando de qualquer assumpto, excepto, é claro, sobre a arte de furtar.

E' um negocio que ficará entre nós dois...

Por que prefiro concorrer para plantar a herma do genial literato, na praça publica, em São Gonçalo dos Campos, do que vêr estragada a fama dos meus guizos sonóros... — MARION

A Mulher Chic

· Blusa de setim azul-celeste. · Jean Patou ·

· Especial para "Fon-Fon" ·

COCAINA

O cão é o fiel amigo do homem. O homem é o maior inimigo do cão. Um, é irracional; o outro, racional!...

MARION

«Miss Universo» esteve, domingo passado, no estadio do Club de Regatas Vasco da Gama, onde assistiu ao jogo Vasco-Bangú e á cerimonia do juramento á bandeira pelos novos reservistas do Tiro de Guerra 307, pertencente áquelle gremio sportivo. A senhorita Yolanda Pereira, num requinte de gentileza para com os moços reservistas, fez, pessoalmente, a entrega, aos mesmos, das respectivas cadernetas. Fizeram-se representar nessa solennidade as altas autoridades da Republica, e o estadio de São Januario encheu-se de uma assistencia que vibrou de enthusiasmo deante da belleza de «Miss Universo» e dos aspectos emocionantes da tarde sportivo-militar.

FILIGRANAS

— Um epigramma em máus versos contra ti! disse-me um amigo, á mesa do almoço, no club, passando-me um jornal.

Li e sorri.

— Vais responder? perguntou.

— Oh! nunca! Ha vinte annos recebo desses pequenos coices e nunca me dei ao trabalho de castigar os donos das patas. Sou como Thiers: "Je dédaigne. C'est une des choses les plus difficiles et les plus nécessaires de la vie que d'apprendre à dédaigner. Le dédain protége et écrase." Ora, meu caro, aprendi de tal forma a desdenhar que, si me não mostram certas cousas, eu as não leio...

A senhorita Yolanda Pereira («Miss Universo»), no estadio de S. Januario, os reservistas do Tiro de Guerra prestando o juramento á bandeira, e um aspecto da entrega das cadernetas aos moços militares.

FILIGRANAS

O outro dia, em conversa, dizia-me um ministro de Estado, homem por signal intelligente, o que é raro nos tempos que correm, ser para elle verdadeiro martyrio o dia de despacho. E eu me lembrei do que dizia o rei Luis Felippe de seu conselho de ministros: *on quitte le conseil comme un enfant sort de classe*. O prazer de se libertar desse constrangimento era tão grande, que o duque de Broglie deu pinotes de satisfação no dia em que foi demittido... Essas lições da historia augmentam o amor da minha liberdade.

Um grupo de portuguezes admiradores da nossa linda patricia senhorita Yolanda Pereira, e elementos de destaque na colonia, offereceu a «Miss Universo» uma valiosa joia, cuja entrega se realizou, em brilhante solennidade, no Gabinete Portuguez de Leitura, segunda-feira, á tarde. «Miss Universo» recebeu a lembrança da colonia portugueza das mãos do sr. visconde de Moraes que alli se vê ao lado da senhorita Yolanda Pereira e entre outras figuras illustres presentes á expressiva homenagem.

Um aspecto da linda exposição dos premios da Tombola do Abrigo Thereza de Jesus, que tem attrahido grande numero de pessoas ao edificio do largo da Carioca, 14, onde funcciona.

Qual dos nossos leitores não desejará ficar com sua vida segurada por

10:000$000?

No louvavel proposito de beneficiar UM dos leitores de "Fon-Fon" ou "Selecta" com um premio util e vantajoso, de facil acquisição, esta Empreza resolveu combinar com a importante Companhia

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

a instituição de um sorteio, que constará de uma **apolice daquella companhia de seguros sobre a vida, saldada e emittida independentemente de exame medico, no valor de dez contos de réis (10:000$000),** *ficando estabelecidas as seguintes condições:*

Quem tomar uma assignatura ANNUAL de qualquer das nossas revistas, FON - FON ou SELECTA, ficará habilitado a concorrer, com o numero do seu recibo de assignante, ao referido sorteio, cujo premio corresponderá ao numero do 1.º premio da PRIMEIRA LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL, a extrahir-se em MARÇO DE 1931.

A importancia de Rs: 48$000, equivalente á assignatura, deverá ser-nos enviada, por vale postal ou carta registrada, indicando o endereço completo e a revista que desejar.

Para maior facilidade, os nossos leitores que quizerem distinguir com a sua assignatura poderão encher o coupon abaixo, e para quaesquer informações que desejarem, dirigir-se á

Empreza Fon-Fon e Selecta S./A.

Rua Republica do Perú, 62 — Rio de Janeiro

ou pelos Telephones 2-4136 e 2-0377

COUPON DE ASSIGNATURA

Nome ....

Rua ....

Estado .... Cidade ....

Uma assignatura annual da revista ....

Idade (de interesse para a apolice de seguro) ....

TREPAÇÕES

Armando, filhinho do casal Armando d'Almeida.

ESTAMOS com grande pena do nosso amigo, ameaçado de ser comido por uma perna pela portugueza de olhos de amendoa...

Pacato, revelando sempre qualidades elogiaveis como *homem da familia*, perdeu, repentinamente, o contrôle de si mesmo, entrando a praticar tolices que o comprometteram definitivamente.

Depois de algumas *cabeçadas* mestras, está em vesperas de praticar a mais louca aventura da sua vida, seduzido pelos encantos da morena de olhos de amendoa.

Ella domina-o inteiramente, trazendo-o subjugado aos seus caprichos de mulher que sabe se vender por muito dinheiro, e que não tem escrupulo de arrancar a ultima camisa aos incautos cavalheiros que foram á sua porta supplicando a graça de um beijo e o divino amplexo dos seus braços fortes...

O nosso amigo está fascinado e não comprehende a vida sem a interessante lusitana.

E, ou muito nos enganamos, ou então, breve, mais cêdo do que suppomos, elle estará sem nickel e sem a portugueza de olhos de amendoa...

O omnibus é um vehiculo util. Util e barato. Incorporado aos habitos da cidade, o omnibus presta serviços inestimaveis, principalmente a certa casta de maridos que adoram as esposas, não dispensando a pandega discreta que, no entender delles, nenhuma relação tem com a familia, nada prejudicando á mesma.

E' justamente de um marido dessa especie que nos occupamos, e que tem a mania de operar dentro dos omnibus, imaginando, talvez, não ser observado, em se tratando de um vehiculo publico.

Pois o nosso heroe, pelo cahir da tarde, ali está plantado em frente ao Club Naval, escolhendo e aguardando pacientemente que appareça um palmo de cara bonita e um banco propicio de omnibus, para uma viagem alegre até o fim da avenida Beira-Mar.

E, ao termino da viagem, elle quasi sempre tem feito um conhecimento agradavel, para uma patuscada longe do seio calmo e tranquillo da familia.

O omnibus vae assim prestando optimo serviço ao nosso pandego, que, apesar dos quarenta janeiros, seguros, alimenta os mesmos habitos da sua vida de rapaz, conseguindo illudir a esposa, que o considera um *marido exemplar*...

Octacilio, galante filhinho do casal Americo Silveira Lessa.

O interessante casal, sempre que apparecia nas ruas, nos theatros e cinemas, estava acompanhado do amigo certo, insinuante, de optimas apparencias.

Ao amigo incumbia a funcção de pagador da tropa, pois, em frente aos *guichets*, tinha de se explicar, porque o marido não tugia nem mugia...

Emfim, a gente não lastimava a sorte do pagador, que parece bem installado na vida e mais porque a mulher do amigo é digna de todas as homenagens da parte de um homem de bom gosto.

Mas, sem o caso ter ficado sufficientemente esclarecido, de um momento para outro, o amigo do casal desappareceu, deixando, entretanto, um substituto.

Estaria fatigado de pagar, ou teve necessidade de novos ares?!

Mysterio!

O certo é que o *pagador* agora é outro: um amigo novo do casal, um cidadão de aspecto bisonho, que não parece contente com o papel que representa em publico...

MADAME é doida por cinema. O deputado tambem o é...

Por isso, talvez, é que ambos são vistos quasi sempre juntos, lado a lado, na sala escura onde os *films* sensacionaes são exhibidos em primeira mão, para o encanto da cidade.

Madame deve estar fatigada da comedia da vida; por isso, volta a sua attenção para os dramas da téla, que, afinal, divertem...

O deputado pensa do mesmo modo.

Juntos sahem do cinema e tomam, invariavelmente, um *taxi* para vencer uma distancia que, a pé, seria um magnifico passeio hygienico.

Saltam do *taxi* juntos e... o resto da historia fica para depois...

Milton e Dirce, filhos do sr. Daniel Martins Ferreira e de d. Ermelinda Martins Ferreira, de S. Paulo.

— Tu, por aqui, Lila?

A pergunta era feita, em tom alegre e prazeiroso, por uns appetitosos lábios de morango e sêda. Carmen sahia de uma casa de modas, aonde fôra comprar os últimos petrechos para o seu vestido de noiva, quando esbarrara, na porta, com a figura elegante de Lila, antigamente a sua melhor amiga. Surprehendidas e alegres, pois havia muito tempo não se viam, depois de uma saraivada de beijos e perguntas, fitaram-se com essa curiosidade tão feminina, procurando cada uma encontrar no rosto da outra os traços de doçura e belleza que os caracterizavam no passado. Lila envelhecêra. Ainda era a mesma mulher bonita e elegante, com os seus bizarros olhos esverdeados e scintillantes, o seu corpo de linhas tentadoras e esculpturaes. Mas, nas suas faces, se cavaram, impiedosas, duas rugas de ironia e amargura, perfeitamente visíveis á luz clara do sol, mau grado a camada de pó e creme que lhe cobria o rosto. E a sua bocca não tinha mais esse sorriso franco e seductor, proprio das jovens que são felizes; antes, escandalosamente pintada, se entreabria com sarcasmo e magoa.

Carmen, esta em nada mudara. E, no emtanto, era somente dois annos mais nova que a amiga. Seu rosto moreno, adornado por dois diamantes negros e formosos, tinha a expressão tranquilla e satisfeita de um rosto de criança. Era noiva. Amava e era amada. Como não se considerar, pois, a mais feliz das creaturas?

De braços dados, sorridentes, as duas amigas se embrenharam por entre a multidão cosmopolita que se agitava nos passeios.

— Tens destino certo?

— Não; estou andando a esmo. Tenho a tarde toda á minha disposição. São duas horas; portanto, Lila, posso consagrar-te tres, pelo menos. Vamos por aqui?

— Sim... Sentar-nos-emos naquelle banco. Tenho tanta coisa a contar-te...

O jardim, quasi vazio áquella hora, parecia convidar, no seu silencio, ás longas confidencias. Sentaram-se num banco, perto dum repuxo, cujas aguas cahiam em filetes delgados e espumantes.

— Como estás linda, Carmen! Parece-me estar vendo a minha companheira de internato, a deliciosa Carmenzinha de doze annos... Nada mudaste, querida!

— Nem tu, Lila.

A outra teve um sorriso de tristeza.

— Não mudei? Tu dizes isso para consolar-me. Sinto-me tão outra, Carmen! Sei que estou envelhecida... Não, não protestes. Tambem, tem sido tão ruim a minha vida...

E seus olhos garços se fixaram, dolorosos, no fio claro da agua do repuxo.

Carmen tomou-lhe as mãos.

— Não és, então, feliz, querida? Pois me contaram que fizeste um tão bello casamento!

— Sim, eu me casei muito bem. Hélio foi, até certo ponto, um marido adoravel...

Seus olhos verdes fitaram, agora interrogativos, os olhos negros da amiga.

— Mas não sabes o que aconteceu, Carmen? Ignoras o que houve?

A amiga espantou-se.

— Si estavas tão longe, lá nos confins do Paraná!... Que houve, querida?

— Oh! Si tu soubesses... Tenho razão de estar envelhecida assim. Escuta-me: Hélio, que durante dois annos foi o melhor dos maridos, mudou completamente de proceder. E a causa foi uma miserável mulher, uma cantora de «cabaret», que o perdeu inteiramente. Depois de fazer-me soffrer todas as vergonhas e todos os martyrios, elle acabou fugindo com a amante, deixando-me na miséria, quasi. E com um filho pequenino para sustentar. Felizmente, sou moça e corajosa. Esquecendo o miseravel, a quem agora detesto de todo o coração, comecei a lutar pela minha subsistencia. Empreguei-me numa casa de modas. O que aconteceu depois é que foi verdadeiramente horrivel, Carmen...

Suas mãos enluvadas apertaram com mais força as mãos da amiga.

— Ouve-me... Por esse tempo, eu conheci um homem, que me adorava com loucura. E elle era tão bom, tão nobre, tão generoso... Mas, profundamente honesta, recusei-lhe o meu amor. Eu era casada. Apesar do meu marido me ter abandonado, não queria manchar o seu nome e, consequentemente, o nome do meu filhinho innocente. Fiz-me surda ás suas palavras. E elle, louco de amôr, propoz-me tanta coisa, a que só seria capaz de resistir um coração de pedra... Pois o meu coração tornou-se de pedra. Amava-o, immensamente, doidamente. Mas o outro era o élo que me prendia e do qual eu não me podia livrar, legalmente. Ahi começou a minha vida de torturas. Não queria ceder, pela minha honestidade. Mas o coração me gritava, bem alto, que eu era uma louca, recusando a única felicidade para mim possivel neste mundo... Não quiz ouvil-o. E um dia, friamente, disse ao homem, a quem amava como a um deus, que me esquecesse, que eu nunca, nunca seria sua! Desesperado, elle abandonou a cidadesinha onde morava e veiu para o Rio, tentando esquecer-me no tumulto e na vertigem da vida daqui...

E, exaltada:

— Depois da sua partida, Carmen, é que eu vi o quanto o amava. Louca, incapaz de resistir á saudade, arrumei, então, o que era meu, chegando aqui com o fito único de encontral-o, para dizer-lhe que sou sua, que nada mais me deterá: nem preconceitos, nem remorsos... Repelleme, Carmen, mas eu o procuro para atirar-me nos seus braços! Amo-o! Si serei feliz com elle, por que ouvir a voz de minha consciencia, que me dita a desventura e o abandono? Embora o mundo murmure, Carmen, que importa? Si eu viverei somente para o meu mundo interior? Tu, que és minha amiga e tão generosa, me comprehenderás... Não me censuras, pois?

Carmen pensou um segundo. Viu-se no caso da amiga, allucinada, morta de saudades, sequiosa de amor... E, mulher, ella lhe abriu os braços, commovida.

— Não, eu não te censuro... Sê feliz, si puderes, com o teu amor. São, ás vezes, tão erroneos os ensinamentos do mundo a respeito da felicidade! Minha pobre amiga...

As duas abraçaram-se, chorando. E um instante bateram juntos aquelles dois corações de mulher, um, quasi a cahir no peccado, no dizer maldoso do mundo, outro, perdoando-lhe já esse mesmo peccado, porque sabia bem o que era um grande amor...

E, em frente, como uma lagrima, rolava do repuxo um filete de agua espumante, muito branco, muito branco, como um véo de noiva ou a petala de um jasmim...

Balcão Florido

MINHA encantadora amiga — Você é mulher e, como mulher, terá naturalmente, mesmo que o não queira, algo de felinamente delicioso.

Não sei porque, ao iniciar, hoje, esta pagina do meu balcão em flor, senti-a sorrir para mim, manhosamente, com um sorriso de gata displicente.

Sim. Displicente. Porque as gatas, minha suave amiga, são as "mulheres" mais displicentes deste mundo.

Astuciosas e sonsas, mesmo quando amam, têm ellas, por um capricho que ainda não consegui bem comprehender o habito, docemente felino, de corresponder, com unhas em franca belligerancia, aos primeiros gestos de carinho do seu "amoroso" companheiro.

Por que?

Sei lá, minha amiga, porque as gatas são, assim, tão parecidas com as mulheres, com você — uma gatinha que tem um ron-ron de beijos na garganta, mas, mas...

Ora! Mas.. que não quer comprehender, que se finge indifferente ao amor do seu "gato"..

Veja você como esta vida é um verdadeiro sacco de gatos que não se entendem, que fazem não se entender, até em materia de amor!

Agora mesmo, os telhados da minha casa estão em festa, para não dizer em barulhento litigio.

São os gatos, minha doce amiga, ou, melhor, um simples casal de gatos que se gostam e que, sem a menor consideração pela tranquillidade alheia, fazem esse sarilho infernal.

Tudo isso, por causa e em nome do amor, que é a coisa mais maluca deste mundo. Mais maluca, mas, tambem, a unica que ainda vale o sacrificio de viver-se...

Mlle. Elza Buttel, uma galante silhueta paulista.

E eu penso em você, displicente "gatinha" do meu coração de felino. Em você que, apesar da distancia, de vez em vez se põe em guarda contra ás minhas arremetidas galantes, mostrando-me, sob as luvas perfumadas, a felina caricia de suas unhas de "judiasinha" impiedosa, que quer e que não quer...

Um sorriso de gata, meio fidalga, meio selvagem, aflora-lhe, agora, aos labios. No calor das suas pupillas, que refulgem, ha caricias velludosas como a maciez da sua farta pelle de Angorá de alto trato.

— Meu... lucilante amor! Le ciel c'est quand on aime... — cochicho-lhe ao ouvido.

— Miáu!

E você toda se encrespa, fechando-se num ron-ron que não comprehendo, emquanto eu recúo, amedrontado, deante do brilho — perdôe-me — diabolicamente máu dos seus olhos amarellos.

Porque você ha de ter, forçosamente, os olhos amarellos, côr de laranja queimada, ma petite chatte adorée...

As gatas?!...

Meu amor, perdôe-me, mas um sorriso e uma caricia solerte da gatinha que, dormitando num tapete, junto á minha mesa de trabalho, depois de erguer-se e espreguiçar-se, está, agora, a passar e repassar pelas minhas pernas, é que evocou em mim sua alma de gata, de gatinha côr de cinza, côr de garôa, tiritante de frio, mas que tem medo do borralho agazalhador e amigo do meu coração, feito para o carinho vagabundo de todas as gatas deste mundo.

Se você me conhecesse melhor!

Eu sou um gato tão pacifico, tão camarada e tão seu amigo!

Vou dormir. Dormir pensando em você...

A festa do amor, lá em cima, no telhado, já silenciou o seu barulhento jazz-band.

Meu pobre leito de solitario, de só, de gato meio velho e vagabundo, sem borralho certo!...

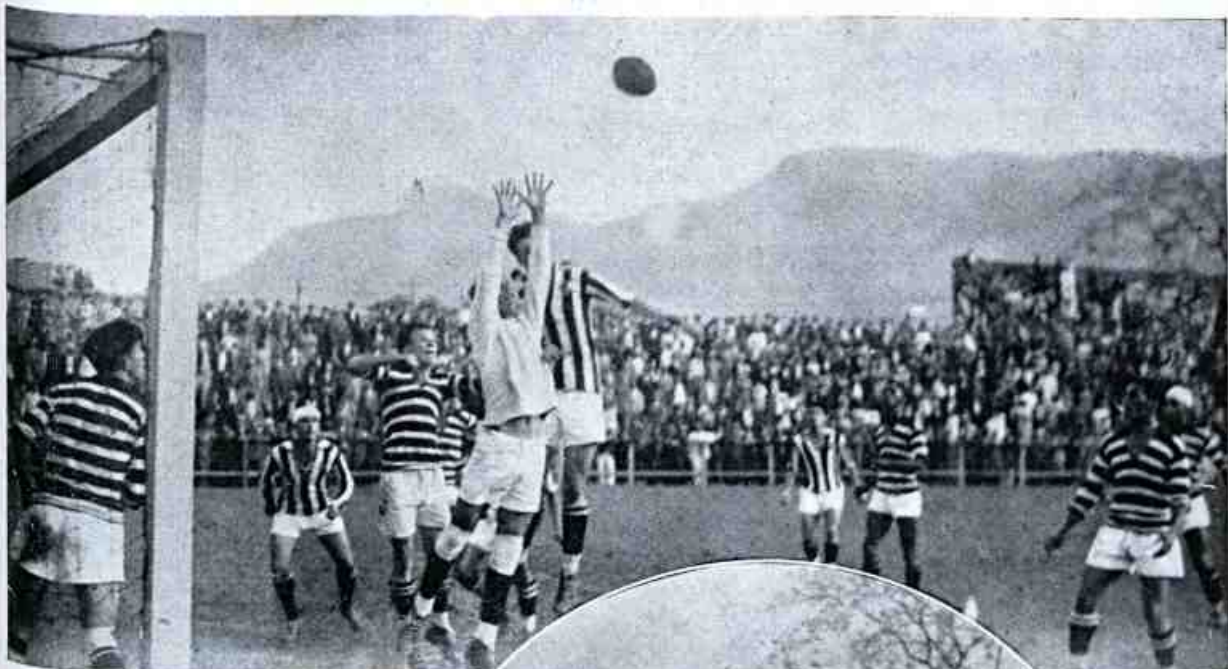
Estiro-me sobre elle num estremunhamento felino e adormeço, felinamente, a sonhar com você, gatinha borralheira e má do meu coração!

Desperto. O mesmo sol que doirava Ipanema, quando eu lá morava, doira agora o collo sinuoso da praia de Botafogo. Um collo de mulher bonita.

Ha um estremeção de amor na natureza, nas coisas, na vida, que desperta.

Pardaes amorosos cantam uma canção doida de alegria, como a dizerem, na exaltação da sua symphonia, que le ciel c'est quand on aime...

Um bemtevi estridula, marôto e sarcastico:

— Bem-te-vi!

O CAMPEONATO DE
FOOT-BALL
DA CIDADE

Tres empolgantes detalhes photographicos do encontro de domingo ultimo, entre as «équipes» do Botafogo e do Syrio Libanez, no campo do S. Christovão A. C.

Alto - falante

"FLOR DO ASPHALTO"

NA ordenada "*desordem*" da minha mesa de trabalho, alguns bons livros, que li com o maior agrado, depois do *prazer* espiritual que me proporcionaram, *parece*, estão a solicitar minha attenção para elles, reclamando uma *palavra* amiga, uma *referencia qualquer* através do meu "*alto-falante*".

E, no carinho com que envolvo a todos, fico sem saber que fazer. São tantos!

Dos fundamentos da poesia brasileira, de *Sylvio Julio*, passo á linda e melhorada 3.ª edição da A Costella de Adão, *de Berilo Neves*, a Borba Sangue, *de Neves Manta*, a Flor do Asphalto, de *Harold Daltro*, a Calendario, de *C. Paulo Barros*, o *grande poeta de* Muirakitãs, a Cortina de Renda, *de Luiz Paula Freitas*, uma *curiosa e fina organização de artista*, etc.

Por onde começar?

Appello para a "sorte" e ahi vem a figura berrantemente "monocular" do poeta das figurinhas de Wateau, esguias e vaporosas, que enfeitam os nossos salões elegantes, que enchem de alvoroço as nossas praias, que espalham pela cidade a graça do seu sorriso irradiante e o resplandor de toda a sua irresistivel fascinação.

Harold Daltro é um poeta d'a plomb, a disfarçar o continuo pisca-pisca de seus olhos de myope através de um monoculo que elle entala com a mesma elegancia e habilidade com que tece um madrigal a uma "romantica" de Copacabana, a uma menina do "Sacré-Cœur", a uma "boneca de porcelana", ou á "menina da boinasinha branca"...

De dentro do farpado negro das pestanas,
pintadas levemente de "rimmel",
seus olhos me sorriem e esse sorriso
é mais doce que a uva moscatel!

E vae, por ahi a fóra, o poeta enamorado da Flor do Asphalto, *a ver "figurinhas da moda" por todos os lados.*

A tarde passa, de peplum de arminho,
como as mulheres, de ar fascinador...
Cruzam olhares embriagantes como o vinho,
e suaves como poemas lyricos de amor!

Procuro um para mim... Pela cidade
ha tantos olhos: coração não te acceleres...
"A's vezes, a nossa felicidade
não existe nos olhos das mulheres..."

Mais adeante, porem elle já canta "a confissão dos olhos della", com um enthusiasmo de galã amado:

Ella hoje me olhou com olhos de namorada!
Ella gosta de mim!

.. ..

O seu olhar foi como uma palavra mansa,
uma clara promessa, uma revelação...
Eu fiquei a sorrir, igual a uma criança
com o coração batendo louco de emoção...

E ahi está como o brilhante artista da Legenda Interior *se fez* l'enfant gaté *das figurinhas de* biscuit *que lhe fazem vibrar as cordas do coração em unisono com as da lyra.*

POETAS DO NORTE

Peryllo Doliveira, autor de «Canções que a vida me ensinou» e «Caminho cheio de sol», acaba de publicar «A voz da terra», poema lindo e cheio de sentimento patriotico, todo elle vasado em versos modernos, mas perfeitamente dentro do criterio da belleza e da arte, porque não chegam a ser modernistas ou futuristas. Melancolia e doçura são os dois traços que caracterizam as estrophes de Peryllo Doliveira.

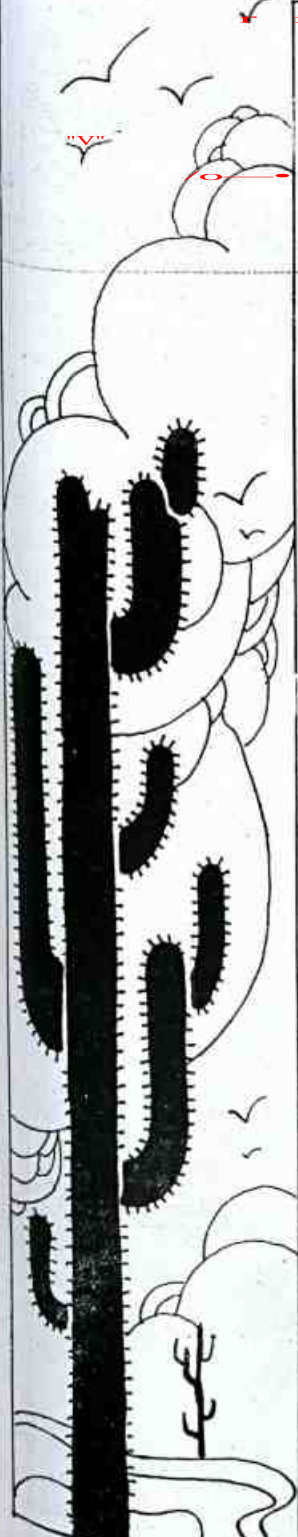
NOTAS INTELLECTUAES

O padre Assis Memória, figura de prestigioso relevo nos circulos intellectuaes do paiz e autor de algumas obras literarias consagradas pela critica, será recebido, hoje, na Academia Carioca de Letras, onde occupará a cadeira «Odorico Mendes», para a qual foi, recentemente, eleito. O nome do padre Assis Memória dispensa quaesquer outros elogios, tal a significação da sua victoria naquelle cenaculo de letras. Saudará o novo academico o sr. Modesto de Abreu.

E poucos, como elle, terão mais "engenho e arte" para cantar o "lado côr de rosa da vida" — na phrase subtil de Bastos Portela — a vida frivola, florida, em que até os espinhos têm o seu encanto e o seu perfume...

Como poeta de amor, eu canto amores
e as cousas lindas e fugazes...
Vida menor que um dia de esplendores
terão, quem sabe! todas estas phrases...

— "E' um poeta banal, para as mulheres"...
hão de dizer de mim... Pouco me importa!
Desfolho versos como malmequeres...
O amor é o unico bem que nos conforta!

* * *

A apparecer, na proxima semana, Você me conhece? — o livro, já annunciado, de Mario Poppe, o luminoso e bizarro chronista da Cidade do Amor.

MAX LINDER.

Legenda

Na meia-noite de minha insomnia,
o mundo é um grande deserto — immenso.
Deserto immenso,
sombrio horto;
deserto immenso sob o céo morto.

Em torno, em torno,
o ar é oppressão — e é tudo morno!
tudo tão langue!
tão taciturno!
só cardos florem — flores de sangue
de febre e de ansia
e pela distancia
os astros abrem olhos de sangue
na indecisão do céo nocturno...

Em tal distancia!

Cactus enorme, planta esquisita,
Eu — vegetal,
longas raizes
como tentáculos,
tu me abrigaste na sombra fria
e me transfundiste, Melancolia,
todas as maguas dos infelizes,
todo o veneno desse teu mal.

Dois infelizes,
neste deserto, neste meu horto,
as tuas flores me envenenaram
e estrangularam-me as tuas palmas.

E embalde erguemos flores e almas,
palmas e braços, para o céo morto...

RUBEY WANDERLEY

Girandola

LÉO-FABIO

Salada de misses...

GLORIOSO destino, sem duvida, o de cada miss, indigena ou internacional: porque não ha, talvez, gloria mais suave que a da belleza acclamada e proclamada.

Verdade é que ha certos inconvenientes — festas, pedidos, autógraphos, homenagens, varias e multiplas, que acabam fatigando. Por isso mesmo, já um incorrigivel *blagueur* glosou aphoristicamente:

"Miss" *acclamada*,
"Miss" *acamada*.

Foi o que aconteceu á primeira e á segunda "Miss Brasil", que tiveram de adoecer, com tantos chás e festas de homenagem ou beneficio.

De qualquer fórma, porém, é uma bella gloria — bella, posto que ephemera — a de ser *miss*, ainda que só o seja do seu Estado ou municipio, despertando, com a laurea da sua belleza, o enthusiasmo ou o bairrismo de um mundão de cavalheiros basbaques...

Mas...

Até nas "misses" se encontra
A differença da sorte:
Umas cavam seu consorte
E outras, bussola sem norte,
Cáhem na vida bilontra.

Explico. Duas ou tres das *misses* estaduaes de 1929 são hoje esposas dignas e encantadoras Miss Libano e Miss Turquia foram a São Paulo, desembarcaram solteiras e reembarcaram noivas.

Ao mesmo tempo, entretanto, em telegrammas garrafaes, a imprensa annuncia (falta de gentileza da imprensa!) que uma das "miss Estados Unidos", parece que a de 1929, está sendo processada por offensa aos bons costumes (êta farra grossa!)...

Sim. Porque offensa aos bons costumes, nos Estados-Unidos, deve ser mesmo um caso sério: pelo menos *bilontrice* aguda e contagiosa, com *delirium tremens* de charlestons, e black-bottons e outras "agitações" corporaes igualmente estarrecedoras...

Até nas "misses" se encontra
A differença da sorte:
Umas vivem "p'ró" consorte,
Outras vivem "p'ró" e "contra"...

Ha outra *trouvaille* que, no genero, não deixa de ser interessante (apesar do ignobil "jogo verbal").

Duas irmãs sáhem de casa, uma, com um *loulou* ao collo, outra, com um livro de missa á dextra. A do livro, cabisbaixa e commedida. E alguem commenta:

— Miss Agua-Mórna...

E a do *loulou*, nervosa, torcicolante, attrahente, grácil, mobilissima.

— Miss... Sal Attico.

Viram a differença? A que não tinha livro de missa, Miss Sal... Attico.

E a que não tinha *loulou*, miss... ericordia!

E... peço desculpas.

Superstições e feitiçarias

DE HUGO FIRMEZA

OS sertões do Brasil, onde o trabalho, já por si lento, da civilização é retardado pela propria indole do povo e mesmo pela situação das regiões afastadas em que elle vive, ainda conservam, de épocas immemoriaes, aquellas superstições absurdas que nos legaram os indios e os africanos. O feiticeiro rabujento e horrendo dos selvagens e o "mandingueiro" astucioso dos negros deixaram no sangue do nosso povo o pavor que o domina ao se lhe depararem embrulhos mysteriosos que lhe collocam á porta ou o que elle chama o "caipóra", o "maldito", o "lobishomem". E o sertanejo forte, bravo, audacioso, treme, apavorado, ante as corridas loucas e os assobios penetrantes do "caipóra" e as apparições fantasticas que lhe tomam o caminho ás caladas da noite. E foge, acovardado, sem olhar para traz, crente de que é perseguido pelo "lobishomem", pelo "espirito maligno".

E, num contraste interessante, aos domingos veste o seu melhor fato e parte, alegre, para a igreja, rezar, contrito, fervoroso, sincero. E' que elle "está na phase religiosa de um monotheismo incomprehendido, eivado de mysticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do indio e do africano. E' o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo credulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas", diz-nos o grande Euclydes, em "Os Sertões".

O nosso incomparavel Bilac, em uma conferencia sobre "O Diabo", pronunciada em 1905, diz-nos que "a credulidade, a superstição, a pratica da feitiçaria, o culto do diabo nasceram das mesmas causas: o soffrimento e o mêdo"; e Le Dantec, em sua magnifica obra "As Influencias Ancestraes", affirma que a "influencia prolongada" do medo deixou na "hereditariedade do homem vestigios difficeis de destruir".

"O dominio humano do medo — diz ainda Dantec — reduz-se, de dia para dia, á medida que cresce a sciencia". Apesar disso, porém, apesar do evolver constante da sciencia, ainda encontramos homens cultos e cheios de intelligencia dominados por superstições — que têm por causa o medo, como diz Bilac — apresentando-se-nos como exemplo o nosso tão conhecido Eça, conforme escreve José Agostinho no seu livro de critica "Eça de Queiroz".

Não é só o sertanejo rude, pois, que tem horror ao feitiço e se deixa dominar facilmente por superstições absurdas e sem razão de ser. Tambem os grandes homens — no dizer de José Agostinho — são geralmente supersticiosos e, em centros mais ou menos adeantados, ainda ha quem acredite no feitiço e quem o pratique com a maior sinceridade.

Na capital da Bahia, por exemplo, o povo, especialmente o das classes media e baixa, com a sua crença inabalavel em Deus e e sua submissão incondicional á Religião Catholica, ainda conserva um pouco daquella superstição terrivel, lá deixada pelos escravos e mantida, de geração em geração, até hoje.

João do Rio, nas suas brilhantes reportagens, enfeixadas mais tarde em "As Religiões no Rio", diz: "Feitiço pega sempre, sentencia o illustre Oloô Tetê, com a sua pratica veneravel. Não ha corpo fechado. Só o que tem é que uns custam mais. Feitiço para pegar em preto é um instante, para mulato já custa e então para cahir em cima de branco a gente súa até não poder mais. Mas pega sempre". E á vista disso, a camada inculta do povo, facilmente credula, deixa-se apoderar pelo medo de que nos fala Dantec, o medo que vem atravessando seculos nas cellulas nervosas de cada um e repontando aqui, ali, nos cerebros mediocres, cultos ou ainda immersos nas trevas da ignorancia e exteriorizando-se pela superstição e pelo horror ao feitiço.

Na época em que estivemos na Bahia, ha uns dois annos atraz, foi-nos dado observar de visu factos curiosos e interessantes, casos de superstição e de feitiçaria, que, associados a outros, bem estudados, bem observados, bem interpretados e bem desenvolvidos, dariam uma obra que contribuiria efficazmente para a historia das religiões no Brasil.

Não é raro se encontrarem nas ruas de S. Salvador, á porta da casa de alguem que cae no desagrado de outrem, ou mesmo nos passeios, embrulhos mysteriosos, de que todos se afastam, receiosos, pois, dizem, quem nelles pisar será para sempre perseguido pelo *Espirito do Mal*.

Um episodio interessante mostra-nos o quanto o bahiano acredita em feitiço, ao mesmo tempo que, com a mesma sinceridade e com toda a devoção, adora o Senhor do Bomfim. Um dia, amanheceu, bem em frente á casa onde moravamos, um grande embrulho, deixando apparecer somente umas pernas, que pareciam ser de uma ave gallinacea. Os transeuntes passavam assustados, desviando-se do estranho e mysterioso embrulho, e alguns, que se distrahiam, quando nelle não pisavam, pulavam por cima, com o nome da Virgem Maria nos labios. Curiosos, resolvemos desvendar o segredo e, ao abrirmos o tal embrulho, se nos deparou aos olhos uma "misturada" de causar nojo: um gallo morto, folhas de alface, feijão cozido, arroz, milho, farinha, ovos pôdres e azeite de dendê — era um "bozó rico". A' noite, o "bozó" ainda continuava no mesmo logar, exhalando uma fedentina insupportavel. Os lixeiros passavam, e, embora com um riso galhofeiro nos labios, não se atreviam a pegar no feitiço. Foi preciso que, para retirar aquillo dali, alguem offerecesse a um delles um "trago" da afamada "meladinha" de Santo Amaro para "fechar o corpo".

Todo aquelle que residir nas immediações de uma "republica" e merecer a consideração e a amizade dos estudantes, pode se considerar feliz, porque, do contrario, a sua vida seria um inferno, perseguido todo dia e a todo instante pelos risos, pelas troças, ás vezes pesadas e até, quando a antipathia chega ao extremo, pelas pedradas dos moços — tudo isso para obrigal-o a mudar-se e desoccupar o logar para outro mais "camarada" e que tenha filhas bonitas...

E foi por não gostarem de uma velha vizinha e de suas filhas solteironas, que os rapazes de uma "republica", querendo fazer-lhes medo, lhes jogaram, á noite, á porta, um "bozó pobre", composto somente de pipocas e azeite de dendê. Logo ao amanhecer do outro dia, a velha, ao mesmo tempo que lavava a frente da casa, na extensão de uns vinte metros e, com um cabo de vassoura, jogava para longe o "bozó", espalhando creolina no chão, dizia: "Sae dahi, feitiço do diabo! Você não pode commigo; eu sou é de Deus".

Presenciámos tambem na capital bahiana um outro facto curioso, que se enfileira perfeitamente no quadro das superstições: é o "romper da alleluia". A's nove horas da manhã, o povo rompe a alleluia, num movimento unico, dando-nos a impressão de que fôra previamente combinado: de repente, fere-nos os tympanos um barulho ensurdecedor, produzido pelas mulheres em casa e os garotos em passeatas nas ruas batendo em latas velhas, ao mesmo tempo que de dentro das casas jogam para a rua carvão em braza e em cima deste, provocando fumaça, lançam tres pequenos jactos dagua, formando uma cruz, afim de "expulsar o cão (o diabo) de casa".

Ahi está um aspecto do sentimento religioso do povo bahiano. A sua religião "é indeterminada e varia. E', como elle — mestiça". Não se veja, porém, nesse terror pelo feitiço, nessa superstição terrivel e nessa adoração ao Senhor do Bomfim, alguma coisa de hypocrisia, porque o bahiano, como o sertanejo, é, nas suas crenças religiosas, tão sincero e tão fervoroso como qualquer outro. O que succede com elle é o mesmo que acontece ao sertanejo e que tão bem soube observar aquelle talento formidavel que foi o immortal Euclydes.

Um grupo de galantes veranistas em S. Lourenço, Minas. São ellas: senhoritas Carolina Britto, Augusta Medeiros, Dalila Medeiros, Esther Britto, Fernanda Medeiros, Jandyra Mendonça, Isabel Dauzacker, Eponina Dauzacker e Sebastiana Britto.

O Milagre da Sympathia

A mãe de Yole Marly dizia frequentemente á filha:

—Arranja sempre amigas menos bellas do que tu, filhinha, para que realces entre ellas.

Seguindo os conselhos de tão habil mãe, Yole Marly travára amizade com Luciana, moreninha insignificante, que quasi desapparecia ao seu lado.

Yole Marly era uma belleza classica, loura como uma Colombina vaporosa, quasi etherea.

Luciana — um typo vulgar, sem attractivos physicos.

A' tarde, costumavam passear pelas ruas proximas.

E o contraste resaltava dolorosamente.

Para Yole Marly, eram os olhares lubricos da rapaziada elegante.

Para Luciana, o olhar timido do caixeirismo pobre.

Em breve, era Luciana querida no bairro.

Falava com todos.

Não desprezando o botiquineiro ou o açougueiro, conversava com os estudantes e com os rapazes ricos da vizinhança.

Sorria aos admiradores da amiga.

E a belleza prosaica de Yole Marly ia ficando esquecida.

E Luciana ia, sem perceber, monopolizando os seus admiradores.

E todos diziam, admirados:

—Luciana é bem sympathica!

—E agradavel.

—Risonha.

E os comentarios choviam a seu favor.

—A companheira é bastante orgulhosa.

Em casa, Yole Marly dizia, invariavelmente, á mãe:

— Com Luciana não corro perigo, mamãe. E' tão feia, tão sem graça, a pobresinha...

Mas os admiradores de Yole Marly começaram a se afastar, aborrecidos da sua soberbia.

E o milagre da sympathia fôra realizado:

Luciana, aos olhos de todos, estava bella.

CONCHITA CID

O dr. Grinauro Vaz de Loureiro, delegado do Tribunal de Contas em Victoria, em companhia de seus filhos Aida, Giselda e Osman.

Notas de Arte — Oscar D'Alva

MARIA APPARECIDA FRANÇA — Convidados a assistir ao recital de piano da senhorita Maria Apparecida França, diplomada pelo I. N. M. em 1929 e laureada com o 1.º premio e medalha de ouro, tendo apenas 12 annos, lá fomos, apenas com a esperança de ir ouvir mais um talento precoce, uma auspiciosa promessa de artista. Mas fomos surprehendidos com a apresentação de uma pianista que, para ser grande, falta apenas crescer. Se ainda não revela todos os esplendores da sua arte, se ainda não vive em toda a plenitude os autores que interpreta, não lhe provém a falta, do talento e do estudo, mas da carencia de idade. Entretanto, a sua interpretação já pode figurar, sem favor, entre as de muitas pianistas já feitas. Mostrou-o no seu recital da penultima jovedia, quinta-feira, 18 do corrente, quando executou, além de dois *extra* — *Estudo*, de Chopin, e *Rêve d'amour*, de Liszt — o seguinte programma: I) Bach — *Prelúdio e fuga XXII*; Beethoven — *Sonata*, op. 27, n. 2 (*Ao luar*); II) Schumann — *Novellotte*; Debussy — *La plus que lente*; *H. Oswald* — *Estudo* n. 1; Rubinstein — *Estudo V*; III) Wagner-*Liszt* — *Morte de Isolda*; Chopin — *Estudo* n. 3; Liszt — *Rhapsodia* n. 12.

Ouvindo a juvenissima pianista, não pudemos assignalar o genero em que mais agrada, pois pareceu-nos igualmente elogiavel tanto como interprete dos classicos, como dos romanticos e modernos. Dentro da relatividade do seu temperamento de menina quasi adolescente, soube ser grave e séria no *Preludio e fuga*, de Bach, como expansiva e romanesca na *Sonata* de Beethoven, na *Morte de Isolda* e no *Rêve d'amour*, de Liszt, e vibrante e impetuosa, no *Estudo V.*, de Rubinstein, e na *Rhapsodia* de Liszt.

Justamente enthusiasmado, applaudiu-a o auditorio com muitas palmas e muitas flores.

Se não nos enganamos, conta o Brasil, em Maria Apparecida França, mais uma pianista que se candidata á celebridade.

Um dos originaes scenarios dos celebres Bailados Russos, que brevemente estrearão no theatro Lyrico, e que estão sendo ansiosamente esperados pelo nosso publico.

SOUZA LIMA — Precedido dos applausos do publico e da critica de varias cidades da Europa, como Paris, Roma, Milão, Berlim, appareceu no theatro Municipal, na tarde do ultimo domingo, o pianista brasileiro Souza Lima, tocando, além de meia duzia de *extra*, os numeros deste programma: I) *Toccata em dó maior*, de Bach-Busoni; II) *Fantasia e fuga sobre o thema B. A. C. H.*, de Liszt; III) *Jeunes filles au jardin*, de Monpou; *Faunesse dansante*, de R. Hahn; *Laideronnette*, de Ravel; *Doctor Gradus ad Parnassum*, de Debussy; IV) *Scherzo*, op. 39, *Estudo*, op. 10, n. 4, *Valsa*, *Polonaise em lá bemol maior*, de Chopin.

Foi uma serie de triumphos. Revelou-se em tudo artista completo. Era de ver-se a minucia, a nitidez com que interpretava os autores, mesmo quando arrancava do teclado catadupas sonoras. Sob este aspecto, a unica restricção a fazer concerne á execução da *Polonaise em lá bemol*, em que nos pareceu não ter o pianista mantido a mesma admiravel alliança entre a nitidez e a sonoridade. No emtanto, pelo que ouvimos a veteranos da critica musical, parece ter sido impressão toda subjectiva; veiu mais de nós que do executante. Como quer que seja, ainda admittida a restricção, não deixou de ser mesmo a *Polonaise* prova eloquente das qualidades primaciaes do artista: grande mecanismo e excellente poder expressivo. Este ultimo predicado mostrou-o muito especialmente nas *Valsas* de Chopin. Mas a interpretação impar do concerto foi a *Fuga* da *Toccata*, de Bach-Busoni, onde não se soube que mais admirar, se a perfeição technica ou a magia da expressão sentimental. Souza Lima deu-nos a impressão de estar ouvindo um grande, um invulgar pianista.

Parece-nos que o nosso illustre patricio pode figurar entre os primeiros pianistas de ambos os sexos com que se honra o Brasil, e um dos mais notaveis do seu tempo.

VIDA DOS CAMPOS

Informes fornecidos pelo Departamento de Publicidade da SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

RETORNANDO...

AFASTADOS do trabalho effectivo, em commissão de estudos agricolas para a Sociedade Rural, vimo-nos na contingencia de ficar em falta com os leitores de "Vida dos Campos", que, a julgar pelo numero de pedidos de informações que temos recebido, dos mais variados e longinquos recantos do paiz, augmentam gradativamente.

Isto nos satisfaz, por ver que a agricultura desperta o interesse dos brasileiros que desejam o seu bem-estar e o progresso da Patria e reanima-nos a continuar na tarefa que encetámos pelas columnas amigas do veterano e conceituado FON-FON.

Retornando, pois, á senda antiga, estamos certos de que os benevolos leitores habituaes desta secção nos relevarão a falta involuntaria a que fomos obrigados por deveres profissionaes.

Antes de entrar em outros assumptos, permittimo-nos, ainda, alguns esclarecimentos, para que os nossos serviços sejam de melhor effeito e utilidade, como é a sua finalidade.

Mantemos, na Sociedade Rural, um Departamento Technico de Consultas, sobre todos os motivos da vida rural. Não é possivel que dentro do espaço de que dispomos, gentileza que aqui consignamos e agradecemos, sejam abordados todos os assumptos, de per si numerosos, que as explorações agro-pecuarias apresentam.

Para este fim, exactamente, é que se destina o "coupon" abaixo. Pedindo-se alguma informação, este deve ser destacado e annexo á consulta, que deverá ser o mais detalhada e minuciosa, afim de se poder fazer um perfeito diagnostico ou recommendar as medidas mais acertadas possiveis. — *M. H.*

Horto Florestal — Bello Horizonte.

NOTAS DE AVICULTURA

1 — Na distribuição de ração de grãos ás aves, ha muita vantagem que tal ração resulte da mistura de varias sementes ou grãos. Uma mistura de milho quebrado, aveia, trigo ou centeio, constitue uma boa ração.

2 — Uma vez por semana será muito util distribuir um pouco de cebolas e alhos, tudo bem picado.

3 — A carne deverá ser ministrada depois de cozida e bem picada e misturada á farinha e cebolas ou alhos bem moidos.

4 — As verduras, alfaces, couves, tomates, pimentas e pimentões, não devem faltar, inclusive boa quantidade de folhas de alfafa.

5 — Não se deverá abusar de alimentos amilaceos, como é o arroz e a mandioca.

6 — A criação de aves em plena liberdade dispensa o alimento carneo e até os alimentos vegetaes, mas a ração de grãos é sempre necessaria.

7 — A criação de aves nos pomares é muito conveniente, porque estes animaes, além de aproveitarem as frutas que caem das arvores, tambem destroem os insectos que são nocivos.

8 — Ha grande vantagem em acostumar as aves soltas a acudirem á chamada, habituando-as a receber nessa occasião a ração predilecta, que deverá ser substancial. Essa chamada será feita á tarde, ao recolhel-as ao gallinheiro.

9 — Os ossos moidos, em fórma de farinha grossa, são utilissimos ás aves. Prefiram-se os ossos crús, quando se tiver certeza de que não provêm de animaes mortos ou atacados de molestias contagiosas.

10 — Deve-se lembrar que a alimentação das gallinhas deverá variar de accordo com a funcção economica que se tem em vista explorar, ovos ou carne.

11 — A's aves destinadas á producção de ovos, convêm, especialmente, os alimentos azotados e ricos de saes mineraes. São alimentos azotados as carnes, os insectos, os grãos de leguminosas e de outras plantas, o leite, a alfafa e os trevos, etc. São ricos de saes mineraes os ossos, os crustaceos, os molluscos (conchas marinhas) e os compostos ricos de sal.

12 — Para a ave de engorda preferiram-se os alimentos gordurosos e amilaceos.

13 — O carvão, na alimentação das aves e dos suinos, tem demonstrado que produz effeitos surprehendentes.

Nas experiencias realizadas, juntando uma quinta parte de carvão á ração de patos, marrecos e suinos alimentados com batatas e outras substancias, notaram-se magnificos resultados.

Assim, pois, na ração desses animaes, pode-se juntar até 200 grammas de carvão vegetal para cada kilo de alimento. Convem que o

FON-FON

"Vida dos Campos"

Nome ....

Endereço ....

A

Sociedade Rural Brasileira

Rua Libero Badaró, 45

São Paulo

Erro esclarecido

V. Ex. repara
Que velha de linda cara
Vae ali de guarda-sól...
Pensa que ella em seus recatos
Gasta custosos extractos?
Qual o quê... Usa Eucalol.

Estação sericicola de Cordeiro: Amoreiras podadas e plantação de estacas.

carvão seja finamente pulverizado e bem misturado ás substancias alimenticias.

PARA OBTER SEMENTES DE REPOLHO

Antes de tudo, convém fazer a cultura á parte, em solo bem amanhado, cultivando as variedades precoces.

Cultivam-se dispensando a essas plantas toda a attenção e quando chegar a época da floração, o horticultor fará um córte em cruz, mais ou menos profundo, na cabeça do repolho, afim de facilitar a sahida de brotos floraes.

Este córte só será feito quando a cabeça do repolho estiver formada e em época que mais convirá ao horticultor, o que deverá ser na primavera, afim de se favorecer a floração com um tempo propicio a essa funcção da planta.

Quando os brotos floraes forem tomando maior desenvolvimento, deve-se atal-os a um tutor, que constará de uma vara de um metro de altura, pouco mais ou menos.

Aos repolhos de Bruxellas costuma-se cortar os brotos apicaes, afim de favorecer o crescimento dos brotos lateraes.

Chegada a época da maturação das sementes, convirá cortar toda a inflorescencia e pendural-as á sombra de um galpão bem arejado, para que ahi se complete a referida maturação.

Colhidas as sementes e, estando bem seccas, guardam-se em local enxuto. — *L. Granato.*

AS LARANJAS NA ALIMENTAÇÃO DE CARNEIROS

Segundo "Los Angeles Examiner", as laranjas transmittem ás pessoas que as ingerem nutrição e alegria. Com os carneiros nota-se, tambem, a particularidade de lhes augmentar a gordura e o comprimento da lã. Pode-se, pois, dizer que os grossos "paletots" que levamos ás costas são laranjas transformadas em lã de Suffoldtz e Hampshires, assim como as camisas são amoreiras transformadas em seda.

Na recente Exposição de Animaes de Los Angeles, um dos concorrentes á "Fita Azul" compunha-se de individuos de diversos rebanhos de carneiros, alimentados exclusivamente com laranjas.

Diz-se que um especialista em dietetica de carneiros reconheceu que as laranjas são mais nutritivas que a cevada, produzindo ellas mais carne e de melhor qualidade. E a lã, por sua vez, é mais longa e grossa.

Tal descoberta foi feita casualmente.

Tendo-se introduzido alguns carneiros num laranjal com o fim de adubal-o, estes demonstraram verdadeira voracidade pelos frutos ca-

Aspecto de uma cultura de laranjeiras, no municipio de Limeira, S. Paulo.

Vida dos campos

(Conclusão)

*
* * *
*

hidos pelo vento, comendo-os com casca e tudo. Estes animaes prosperaram com isso, tendo a analyse verificado o maior valor de sua lã.

Resta, agora, aos citricultores verificar o que mais lhes convem: si aproveitar as laranjas cahidas em sub-productos, ou si transformal-as em costelletas e luvas de lã...

AMOREIRA

Adubação, colheita e producção

Na cultura intensiva, tambem a amoreira requer uma adubação racional, para que se restituam ao solo só materiaes que as plantas lhe subtraem.

Sabemos que as amoreiras cultivadas, para a producção de folhas, absorvem do solo, annualmente, certa porção de substancias, que as constituem; e a adubação, naturalmente, está subordinada á composição desses orgãos.

Si admittirmos que uma amoreira bem desenvolvida produz, em media, uns 50 kilos de folhas, cada planta absorverá do solo, e por anno, aproximadamente:

	Grammas
Azoto	850
Anhydrido phosphorico	150
Potassa	500
Cal	360
Total das cinzas	2.355

Para reparar o empobrecimento do solo com a producção indicada, será sufficiente dar, a cada planta, boa dose de estrume organico por anno.

Naturalmente, a adubação organica pode ser feita de vez em quando, recorrendo-se, mais frequentemente, á adubação chimica ou mineral, dando-se a cada planta de 500 a 1.000 grammas das substancias que constam da formula seguinte:

Phosphato de cal.

Chloreto de potassio.

Nitrato de potassa.

Colheita e producção — Tendo-se em vista obter da amoreira a folha como unico producto, para a alimentação do bicho da seda, citaremos o que mais nos interessa conhecer sobre o assumpto.

Em primeiro logar, diremos, ainda uma vez, que jamais devemos colher as folhas das amoreiras muito novas, porque as amoreiras, despidas da sua folhagem, se enfraquecem sensivelmente. As folhas das amoreiras novas, além disso, mal se prestam para a alimentação do bicho da seda, por serem muito aquosas e pouco nutritivas.

Faz-se a colheita das folhas subindo na arvore por meio de uma escada e fazendo-se correr a mão da base para o extremo do ramo, o que evita maltratar as gemmas axilares.

O bom criador do bicho da seda deve colher a folha antes que se dissipe o orvalho, que em sua superficie distinguimos pela manhã.

O colhedor, para facilitar a operação, poderá fazer uso de um sacco, em que irá depositando a folha, conservando-o aberto por meio de um arco de barrica.

A colheita da folha da amoreira é feita annualmente: entretanto, haverá grande vantagem para a planta em poupal-a, de vez em quando, dessa desfolha, para que ella readquira novo vigor.

Quanto á producção, naturalmente, ella virá segundo a natureza da cultura e, sobretudo, segundo a idade da planta.

As plantas novas podem dar dois, cinco e dez kilos de folha, porém as adultas produzem muito mais, citando-se dados de plantas bem desenvolvidas, que se elevam a 60, 80 e mais kilos de folhas por arvore.

Citam-se medias de producção de amoreira de 30 a 40 kilos; entretanto, a idade da planta, a natureza do solo cultivado, o methodo de póda, as lavras do terreno e outros trabalhos culturaes, inclusive a adubação, são elementos que influem, e de um modo muito decisivo, sobre a producção.

O que nem todos sabem

O microscópio acromático foi inventado no anno de 1823, pelos irmãos Chevalier.

* * *

Os caprichosos desenhos dos leques e biombos japonezes têm sua historia. As flores e os animaes encerram sempre um symbolismo. Por exemplo, um grupo de gralhas voando indica desejos de felicidade e longa vida para a pessoa a quem se entrega o leque. Uma teia de aranha, pelo contrario, significa tristezas e luto.

* * *

Quando se deprecia uma pelle vulgar, dizendo-se que "é uma pelle de gato", se emprega uma phrase que nem sempre é justa. A pelle de chinchilla, uma das mais caras e [illegible] pelas elegantes, não é mais do que o couro de um gato persa que tem esse nome.

* * *

O camaleão, especie de lagarto, que tem a propriedade de mudar de côr, segundo a idade, o clima, o mêdo, a colera e os differentes estados de seu corpo, da pelle transparente, offerece uma particularidade mais: pode permanecer muito tempo sem comer. Dahi o se costumar dizer que elle se alimenta de ar.

* * *

Weichselbaum descobriu, no anno de 1887, o meningococo, agente pathogenico da meningite cerebral epidemica.

* * *

As escolas de arte culinaria de Berlim, que se estabeleceram primeiramente para o ensino de mulheres apenas, foram, ultimamente, adoptadas para que os homens aprendam a cozinhar. Grande numero de solteiros e de casados passa por essas escolas, onde se explica o segredo de fazer os mais appetitosos pratos.

* * *

Uma franceza, muito excentrica e original, filha do marquez de Beyargue, ha alguns annos contrahiu nupcias com um millionario americano, e teve o capricho de exigir que seu futuro esposo lhe desse como dote uma quantia que representasse o seu peso em ouro. Como lhe resultassem escassos os mil e duzentos contos (em moeda franceza) que accusava o prato da balança, se fez pesar até vinte vezes pelos criados, até que, afinal, humilhada por essa especie de venda, pediu ella propria que cessasse a operação e deixou a balança com um dote de quatro milhões.

Talento e gordura...

ELLA sempre o havia chamado assim. "Meu gordo." Era uma expressão de carinho: uma dessas expressões que o amor transformou em synonimos de "meu querido", "meu amor", etc. Na realidade, não era gordo. Quando ella o conheceu, sob o nome de Frévol, elle fazia os *compères* e os galãs, papeis que exigem uma linha pura e um ventre liso. "Não tem muito talento — dizia della. — Mas é tão elegante!" Pois bem: um dia, ou pela idade, ou pela predisposição natural para a obesidade, Frévol teve difficuldade em abotoar o collete. Primeiro, lançou a culpa para o alfaiate e para o camiseiro; mas depois teve que se render á evidencia: engordava. A gravidade dessa comprovação tirou-lhe o appetite. Elle não tinha o direito de engordar.

A pureza de linhas constituia seu meio de vida. Comer, era expôr-se a morrer de fome.

No emtanto, continuou comendo, mas com methodo e disciplina tão rigorosos, que, quando se aproximava de um restaurante, mudava de calçada, para evitar o desejo de comidas prohibidas...

Mas, nem o regimen nem os exercicios conseguiram conter o mal: o tecido adiposo ganhava terreno. Em scena ainda conseguia illudir, graças á cinta, ao collete e á habilidade de seu alfaiate. Mas nada podia dissimular sua decadencia aos olhos de Clara, sua querida. "Meu gordo" pouco a pouco, deixava de ser uma expressão de ternura para se tornar uma definição geometrica de volume.

Um dia, Frévol, que deplorava essa mudança, teve o desatino de dizer em presença della: "Meu coração está ficando gordo." Ella estalou em uma gargalhada. Acabou-se: nunca mais poude tomál-o a sério.

Aquella humilhação foi para elle uma advertencia. Deixou o theatro, afrouxou a cinta e abandonou o regimen. Afinal, podia viver a seu gosto, dormir á vontade, comer segundo seu appetite, beber de accordo com sua sêde. Tanto que elle se felicitava por ter encontrado em sua liberdade o premio da remuneração theatral. De que escravidão acabava de escapar! Quanto nos escraviza o desejo de gostar! Soffrer por ser bello, que simplicidade! E soffrer por ser feio, que fraqueza!

Uma noite, um antigo companheiro, chegado a director, o reconheceu apesar de sua gordura e lhe offereceu um papel... Oh!, não um papel de namorado, por certo. Não tinha silhueta para isso. Frévol acceitou por necessidade, mas por amor proprio mudou o nome-

De PEDRO CHAINE

Os cartazes annunciaram: "Senhor Dick..." "Que triste fim!" — suspirou.

Estava enganado. Era o principio.

A partir das primeiras replicas, elle descobriu toda a força comica com que sua barriga dava relevo aos menores chistes. Cada gesto, cada palavra passava as gambiarras... Elle caminhava: o publico ria. Sentava-se: o publico ria. Dizia "quero-te": risos. Chorava: gargalhadas na platéa.

Havia, por fim, encontrado sua carreira. Bastava-lhe conservar suas fórmas e, possivelmente, augmental-as.

Por um regimen apropriado conseguiu obter facilmente seu exito, que augmentou com o peso em razão do quadrado do volume.

Escreveram para elle sketches, em que apparecia de bailarina, de bebé, de toureiro e em todos os trajes que podiam valorizar sua deformidade. Depois veiu a consagração da cinematographia e a viagem á America do Norte.

Na volta de Hollywood, encontrou no cáes de desembarque varios jornalistas e um emprezario.

Os jornalistas chamaram-no "rei dos comicos!", "palhaço genial!", etc., etc., e o emprezario immediatamente entabolou negociações para obter a exclusividade de sua actuação em um grande *music - hall* de Paris.

Clara, sua amiga de outr'ora, era actualmente uma mulher da moda, e, ufana, dizia a todo o mundo ter conhecido a chrysalida de onde havia sahido tão grossa mariposa.

Na noite da estréa, no Olympia, ella estava em um camarote.

Elle appareceu e foi um delirio. A desenvoltura de seu andar e a precisão de seus movimentos contrastavam com o volume de sua silhueta, de tal fórma, que dava a impressão de estar cheio de gordura imponderavel. Em sua cara enorme, as menores caretas appareciam augmentadas e deformadas como através de uma lente exotica.

"Prodigioso, unico, formidavel!" — exclamavam os vizinhos de Clara. Arrastada pelo enthusiasmo, ella já não o achava ridiculo. Até não podia imaginal-o differente. Como repartirei o exito entre seu talento e sua gordura? Talento e pança eram seus e contribuiam igualmente para sua gloria. Portanto, succedeu que, quando Dick, depois de doze chamados, voltou a seu camarim, lá encontrou uma mulher envolta em um riquissimo agazalho de pelle, que o estava esperando com impaciencia.

Era Clara, tão emocionada, que apenas poude balbuciar duas palavras: "Oh, meu nenen!"

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E... DETESTAVEL

PARAMOUNT EM GRANDE GALA

Da Paramount

Cinema CAPITOLIO — A algum mais exigente é natural que occorra affirmar que não estamos em presença duma grande revista, das que causam o assombro das platéias. Mas ninguem terá autoridade para negar que se trata dum trabalho delicadissimo, duma finura, duma elegancia, duma arte, que raro se attinge nos studios de Hollywood neste genero de trabalhos. Não se visa nesta revista cinematographica tão sómente a exhibição de plasticas femininas, as vozes tonitruantes dos cantores de fama, a futilidade vasia e carecedora de sentimento idéalista. Ha arte, a arte que cabe dentro do genero. *Paramount em grande gala* é uma revista elegantissima, architectada por homens de gosto para plateias de *élite*. A musica, a escolha de motivos, o trabalho technico, é superior. Seria difficil apontar um quadro melhor que outro. Mas se tanto fôsse preciso fazer, apontariamos o quadro romantico inglez, dos casacos vermelhos, um mimo de bom gosto e de espiritualidade. Sem sombra de exagero, poderemos affirmar que todas as pessoas de educação artistica sahiram do Capitolio com a alma satisfeita.

Cotação — MUITO BOM

O CANTAR DO MEU CORAÇÃO

Da Fox

Cinema ODEON — Fica-se hesitante ao tirar conclusão da exhibição desta pellicula. Sob o ponto de vista estrictamente cinematographico, não podemos fugir a considerar o seu argumento fragil e mediocre. Entretanto, somos levados a affirmar que se trata duma encantadora obra de arte, valiosissima sob o ponto de vista musical e com uma delicadeza encantadora nas scenas leves que servem de pretexto aos numeros cantados pelo famoso artista Mac Cormack. O ponto culminante da acção amorosa está fóra do film. O enredo é apenas uma consequencia. Pontilha-o um certo numero de scenas campezinas da Irlanda, graciosas e delicadas. Em resumo, o publico não viu propriamente um filme, mas passou uma hora de prazer artistico ouvindo os trechos musicaes daquelle eminente artista, transportados á pellicula com uma perfeição inexcedivel, que honra os laboratorios da Fox.

Cotação — BOM

DANÇA REDEMPTORA

Da Columbia

Cinema ELDORADO — Dramalhão de traço grosso, não obstante o ambiente moderno. Roubos, assassinios, almas perversas e situações tragicas. Consequencia: pouco interesse por parte do espectador, que não chega a emocionar-se. Este genero de filmes, á força de sêr explorado o seu objectivo, tornou-se banal. Só se salva quando os interpretes attingem um grande poder emocional. Nesta pellicula tudo não passa duma vulgaridade lamentavel, quer por parte dos interpretes, quer por parte da direcção. A sequencia no argumento é fraca, inverosimil, nada logica, nem natural. Emfim, não obstante ser uma pellicula de recursos dramaticos, e talvez por isso mesmo, o publico fica ansioso que aquillo acabe.

Cotação — SOFFRIVEL

O VELEIRO DE SHANGAY

Da Metro

Cinema GLORIA — Um drama de ambiente maritimo, sem novidade de maior nem excepcional merecimento a não sêr alguns nomes de notavel relevo, que ornamentam o *cast*. Um argumento passado a bordo, em mares orientaes, com mulheres formosas, um moço romantico e um homem máu, é materia que está fartamente gasta. As situações, no emtanto, são bem aproveitadas, ou melhor, bem vividas.

Cotação — SOFFRIVEL

A VALISE ROUBADA

JOSÉ M. BRAÑA

ESTAVA o celeberrimo Sherlock Holmes adormecido sobre um tratado de natação, pois tambem elle havia cahido na mania de atravessar o canal da Mancha a nado, quando se apresentou em seu gabinete seu secretario Watson, que o sacudiu violentamente para despertál-o.

— Mas, amigo Holmes! Que se diga que adormeces em plena tarde, tu, que, em geral, não pregas os olhos!

— Tens razão. Mas é que esta noite não pude dormir por causa de uma terrivel dôr de dentes. Que ha?

— Uma coisa muito importante... Espera-te, no *hall*, um casal que diz ter muito interesse em ver-te.

— Que acontece com esse casal?

— Pelo que pude deduzir, foi-lhe roubada uma valise em um vagão de estrada de ferro, entre as estações N. e R.

— Continha muitos valores essa valise?

— Isso é o que não sei.

— Manda-os entrar.

Um momento depois, compareceram deante do celeberrimo detective os esposos Worowoll. Elle, *mister* Williams, era um desses typos esqueleticos, sobrios de palavras, que não têm outra paixão além do whisky. Ella, *mistress* Hilda, era tão esqueletica como seu esposo, embora ainda mais sóbria do que elle, pois nem siquer abria a bocca para se queixar de suas dores, quando lhe acommettia alguma. A uma indicação de Sherlock Holmes, tomaram assento deante delle. Mister Williams foi o unico que respondeu ás perguntas do *policeman*.

— De maneira que, segundo acaba de informar-me meu secretario, lhes foi roubada uma valise?

— Sim, senhor.

— Continha a valise objectos de valor?

— Nada absolutamente, senhor Holmes. Continha apenas duas mudas de roupa interior, sujas e velhas, uma de minha esposa, outra minha. Além disso, a valise estava em um estado tão deploravel, que não sei, francamente, como poude despertar a tentação de algum delinquente.

— Ora! E por uma valise velha, que só continha duas mudas de roupas sujas, vêm incommodar-me? Pensam que eu — o mais genial dos detectives de todos os tempos — póde perder seu precioso tempo em procurar semelhantes coisas inuteis?

— Permitta-me o senhor — atalhou o fleugmatico *mister* Worowoll. — Apesar de seu estado, essas peças têm, para nós, um valor incalculavel. Um valor infinito. E veja o senhor si não é assim. Essas duas mudas, gemeas das que trazemos, neste momento, comnosco, que, como póde ver o senhor, tambem não se acham em muito bom estado, nos foram presenteadas por um tio carnal de minha esposa, um velho solteirão e enfermo. Ao nol-as dar, nos recommendou que deviamos conserval-as, fazendo-as durarem emquanto dure a sua vida, constando em seu testamento que não herdaremos nem um só de seus vinte e tres milhões si na occasião de ser aberto o mesmo não exhibirmos os dois pares de mudas, que somos obrigados a usar diariamente, sob o sevéro controle de nosso tio, que não deixa de fiscalizar-nos a todo momento.

— Pois é muito original a lembrança desse tio solteirão e enfermo! — exclamou Sherlock Holmes, trocista.

— Si é original! — apoiou seu secretario.

— Com effeito — continuou *mister* Worowoll — é original. Mas eu a comprehendo. Nosso tio tem a mania da economia e da conservação. Diz que, si não soubermos *usar* as duas mudas que nos offereceu, não saberemos depois fazer *uso* de seu dinheiro, e não nol-o deixará.

— Agora comprehendo que se sobresaltem pelo roubo de tal valise. Pois bem: constituirá o maior de meus triumphos o encontral-a. O senhor diz que lha roubaram no trem?

— Sim, senhor Holmes.

— Viu quem lha roubou?

— Não, senhor.

— Entre as pessoas que viajavam em seu carro, havia alguma que os conhecesse e que pelo menos os fizesse suspeitarem que conhecia a excentricidade desse tio solteirão e enfermo, e quiz despojal-os de uma das mudas de roupa para que perdessem a herança?

— Que nós saibamos, não. Quasi diriamos que nenhum de nossos companheiros de viagem nos conhecia.

— E em que circumstancias notaram a falta da valise?

— Ao voltarmos do carro-restaurante. Olhámos para a rêdezinha onde, juntamente com nossos chapéos, a tinhamos deixado, e não a encontrámos.

— Deve tel-a levado, certamente, algum viajante que desceu, emquanto os senhores se achavam ausentes.

— Impossivel, porque o trem não parou em nenhuma estação, emquanto jantavamos, o que fizemos rapidamente. O mais provavel é que um dos viajantes que nos acompanhavam, pois notámos a falta de um sem poder precisar qual, uma vez que apenas os haviamos olhado no rosto, — o mais provavel é que um dos viajantes tenha tomado a valise e passado a outro carro.

— E diz o senhor que isso occorreu em...?

— Entre as estações de N. e R.

— Bem. Não me diga mais nada. Comprometto-me a encontrar a valise.

* * *

DOIS dias depois, Sherlock Holmes cumpria a sua palavra. Punha nas mãos dos esposos Worowoll a valise com as duas mudas de roupa sujas e velhas. A' pergunta admirativa de *mister* Williams de como havia dado com ella, respondeu:

— Ora, da maneira mais simples do mundo. Como o senhor sabe, eu sou muito amigo das deducções. De uma a outra deducção cheguei á conclusão de que alguem se havia apoderado da valise, suppondo que continha joias, e que, ao verificar que ella só encerrava trapos velhos, a teria atirado pela janella do trem, desdenhosamente. Convencido disso, percorri a via-ferrea entre as estações de N. e R., e ahi está o resultado, como vê: mais uma vez triumpharam minhas deducções!...

Adelgaçar

é um gôsto com as

"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem perjudicar a saúde.

Chama-se: "Pilules Galton".

Papada, bochecha, quadris, barriga, miningoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra C., de Perpinhão, escreveu-nos:

« Com um só frasco de "Pilules Galton" *perdi nove centimetros de cintura; além d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto »*

O Snr. E. B., de Montbard:

« Tenho emmagrecido tres kilos dentro de 17 dias com as "Pilules Galton". *Depois tenho obtido resultados muito notaveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de fórma alguma. »*

Assim, pois, quem quizer emmagrecer não deve hesitar: ha de tomar **"Pilules Galton"**; o uso de um frasco bastará para convencêl-o do resultado deveras assombroso. (Composição exclusivamente vegetal.)

Appr. D.N.S.P. em 26-6 1917 sob o Nº 88

J. RATIÉ, Phᶜⁿ, 45, Rue de l'Echiquier, Paris X°

Agente Geral: **A. de COURNAND**

118, Rua da Alfandega, **Rio de Janeiro.**

A' venda em todas as pharmacias e drogarias

Cuidai da vossa beleza como cuideis da vossa saude; o vosso rosto é uma delicada obra prima que deveis proteger.

O CREME SIMON

fabricado segundo formulas experimentadas, liberta a pele de todas as suas imperfeições, conservando-lhe a beleza, a frescura e o aveludado. Da-lhe brancura e pureza impedindo a formação de rugas.

PÓ & SABONETE SIMON

Paris

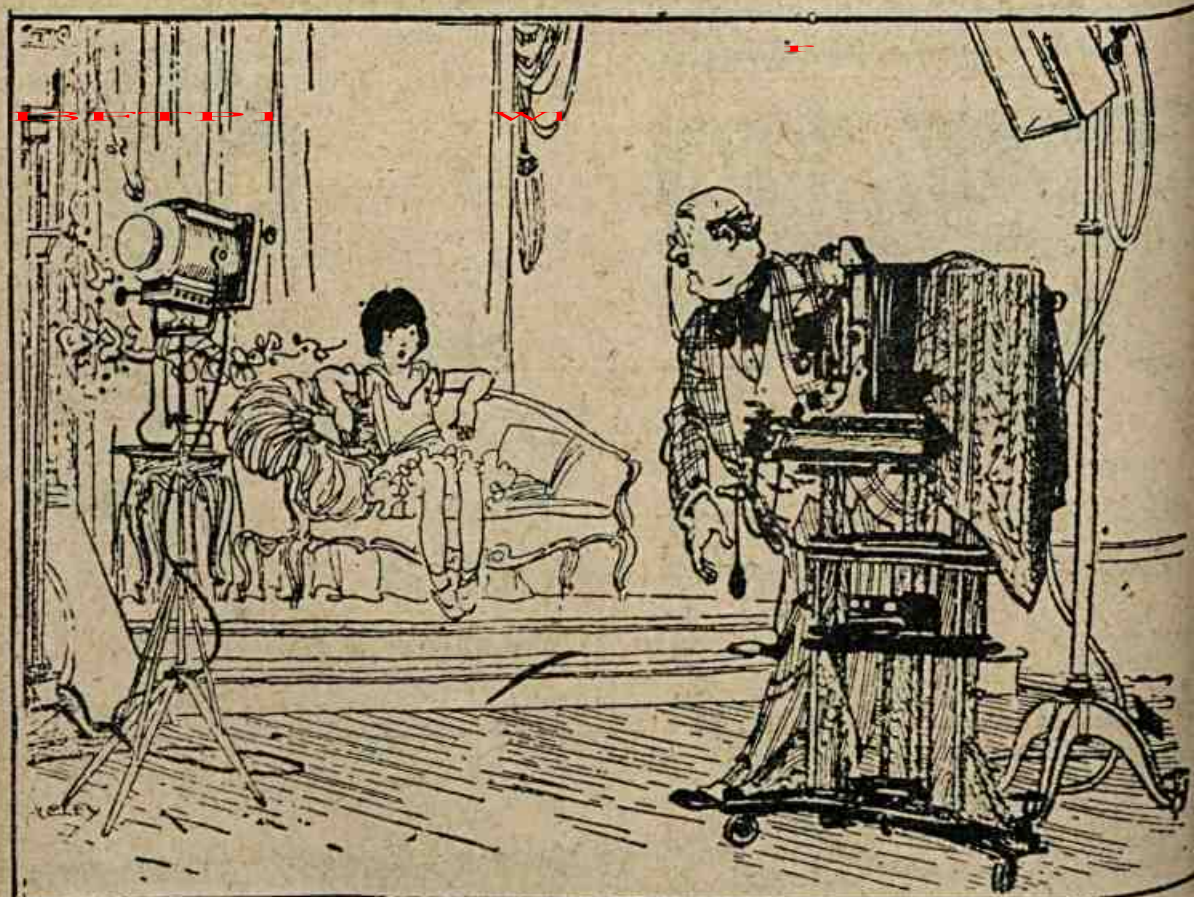
O Môlho de

PARA TODOS OS PRATOS COM EXCEPÇÃO DOS DOCES

ESPIRITO ALHEIO

UMA PSYCHOLOGA

— Estou aqui pensando o que será que o Jorge me vae trazer, esta noite.
— Hoje é anniversario de teu casamento?
— Não..., mas, de manhã, tivemos uma grande briga...

— Dizem aqui que vão abrir uma subscripção para o monumento de Cervantes.
— Sim, sim... Mas fôra preferivel que déssem o dinheiro á sua pobre viuva.

O photographo. — Espie bem aqui, filhinha, e verá sahir um passarinho.
A menina moderna. — Ora, não seja ridiculo. Tire-me o retrato, e não diga asneiras...

O BASTARDO

(a Bastos Portela)

COMMODAMENTE refestelado numa poltrona, Mauricio Leinburn apreciava, da terrasse de sua encantadora vivenda, a praia, lá em baixo. Crepusculava, depois de um dia formidavelmente cálido, e a brisa vesperal muito fresca era um convite irresistivel ao passeio á beira-mar. Assim, regorgitante de todos os typos, na polychromia das vestes de banho, a praia apresentava um aspecto garrido. Aqui, um grupo de jovens athletas entregava-se ao "foot-ball". Alli, diversas "young-ladies" impulsionavam uma peteca, fazendo-a descrever repetidas curvas no ar. Acolá, um casal, deitado na areia, construia castellos com pingos de terra molhada. E todos riam contentes, gozando a aragem refrigerante do mar.

Mauricio olhava tudo aquillo, mas a sua attenção estava voltada para um grupo de tres pessôas que conversavam alegremente, ajoelhadas sobre a areia branca. E os seus labios murmuravam, de instante a instante: "Como é linda a minha Lourdes! E' ella a razão da minha vida. Sem ella"...

E subitamente, como si um máo presentimento lhe atravessasse o cérebro, cerrou os labios e estremeceu.

* * *

Mauricio Leinburn, em tempos remotos, fôra capitão de um barco mercante. As surpresas do tempo e do oceano, que sempre constituiram os mais terriveis imprevistos da navegação, tinham concorrido fortemente para que elle fosse o que éra: inflexivel, impulsivo e máo. Raramente falava. Tambem os que o conheciam, o preferiam calado. A unica pessôa capaz de arrancar aquella expressão de rancor daquelle rosto, era Lourdes, a sua filha estremecida, porque talvez lhe trouxesse recordações gratas do passado longinquo quando fôra feliz por algum tempo. Filha de uma senhora franceza, de quem o capitão se enamorára numa das suas frequentes escalas no Havre, ella herdára as mesmas qualidades daquella que lhe déra o ser. Docil, carinhosa, muito tratavel e, sobretudo, formosa, conquistára um grande circulo de relações naquella estancia balnearia, onde o velho capitão se tinha refugiado, ao que se murmurava, para esquecer desgostos intimos. Nos cinco annos que já viviam ali, a vida tinha decorrido monótona e tranquilla para o velho, que já mais abandonava a *terrasse* para se não privar do panorama que dali se descortinava. A vasta esteira esmeraldina do mar, onde passaros pousavam de quando em quando, um barco passando ligeiro, vela erguida como um capúz branco, e até mesmo transatlanticos navegando ao longe na curva do horizonte, a espalhar laivos de fumo negro pelo céo azulado. Mas Lourdes, não! Raras vezes passava em casa apreciando, da *terrasse* esses panoramas tão do agrado de seu pae. "Sua mãe tambem fôra assim — dizia-lhe o pae; — gostava dos passeios ao ar livre... Mas, ao lembrar-se de sua mãe, uma nuvem de tristeza lhe empanava o rosto. Não, não devia pensar nella, porque seu pae lh'o prohibia... E ella ficava scismando, scismando perdida num mar de conjecturas, sem, no emtanto, encontrar justificativas áquella prohibição. Entretanto, os mais antigos creados da casa contavam uma historia muito comprida, que ella nunca tinha ouvido, e onde appareciam amores criminosos de sua ama com um elegante official do Exercito, emquanto o capitão navegava mares em fóra... Depois, um filho, dois annos após o nascimento da menina, a consequente tempestade da colera do marinheiro e a expulsão dos dois: mãe e filho. Mas Lourdes era chamada novamente á realidade da sua vida elegante de festas, de "garden-partyes", de caçadas, etc., e as vagas recordações, que tanto a affligiam, se esfumavam...

* * *

— Walter!

— Lourdes!

— Oh! Como vae você?... Ha tanto tempo que não nos vêmos.

— E eu já estava com muitas saudades de você. Marcio me havia dito que vocês agora moravam aqui. E eu aproveitei as férias annuaes para tomar uns banhos...

— Só uns banhos?!

— ... e conversar com você assumptos de grande importancia. Quero que saiba que já estou formado desde o anno passado, e agora sou engenheiro de uma grande empresa norte-americana.

— ...?

— Como vê o "sizudo" dos bancos escolares não perdeu seu tempo.

— Pois se confirmaram as minhas previsões. Sempre me afastei dos que procuravam ridicularizal-o. Bem sabe disso. Quantas vezes não o encorajei eu?

— Tem razão, Lourdes. E é justamente por isso que nos encontramos agora. Porque eu tenho tanta necessidade de palavras animadoras como outróra.

— Isso é preludio de declaração...

E o dialogo se prolongou pela tarde a dentro. Passados dias, o capitão Mauricio julgou observar que alguma coisa extraordinaria se estava passando com a sua Lourdes. Ficava durante horas inteiras scismando, emquanto o seu semblante ia se tornando melancolico, com duas rugas a vincar-lhe a fronte. No entanto, resolveu esperar até que ella propria se lhe abrisse, como sempre fizéra depois de qualquer pendencia com alguma de suas amiguinhas. Mas a situação continuava a mesma. Por uma manhã esplendente de luz, e em que o mar, de tão calmo, mais parecia uma enorme mancha azul, o capitão resolveu descer até a praia. Vagarosamente, ia atravessando por entre as barracas armadas examinando os grupos, pesquizando, com os olhos, as ondas pontilhadas de cabeças. Mas nada.

Depois de muito procurar sem melhores resultados, já se dispunha a voltar, quando distinguiu um vulto de mulher estendida na areia, junto a um barranco.

— E' ella! — exclamou, cheio de jubilo...

E tão depressa quanto lhe permittiam as pernas tropegas, dirigiu-se para junto da sua querida Lourdes. Esta, completamente absorta, traçava com um pedaço de seixo, na areia branca, um nome masculino: Walter. E o capitão Mauricio que havia estacado, ao ler aquelle nome, tornou-se livido. Sentiu que a areia se movia sob os séus pés. Quiz falar e não poude. Tudo rodava á sua volta. Só aquelle nome tragico, mysterioso, chave do enigma de uma vida, permanecia firme nas suas pupillas: Walter. Fez um esforço inaudito, levantou os braços para os céos, como a implorar misericordia, e cahiu pesadamente ao sólo...

DEMETRIUS

PELLICULA

... o perigo para os dentes.

A SCIENCIA fez uma descoberta importante. O que torna os dentes turvos e descórados é também a causa principal dos graves males que affectam os dentes e as gengivas. E essa causa é a tenue pellicula que se forma sobre os dentes.

V. S. pode sentir a pellicula, ao passal-a com a lingua,—uma camada viscosa e escorregadia. Agarra-se aos dentes, penetra nas suas cavidades e ahi permanece. Absorve a coloração do fumo e dos alimentos, privando a sua côr natural e brilho. Os germens nella se multiplicam aos milhões e são elles, alliados ao tartaro, que constituem a causa principal da pyorrhéa.

Para remover a pellicula por completo, os Dentistas recommendam Pepsodent, o dentifricio especial para a sua remoção. A sua acção encrespa a pellicula, tornando facil á escova retiral-a de todo.

Pepsodent não contem pedra pomes ou abrasivos damnosos. É [...]acia que os dentistas a recommendam para limpar os tenros dentes infantis. Comece hoje. Compre o Pepsodent em qualquer boa pharmacia.

Pepsodent

O dentifricio especial para a remoção da pellicula

Approvado pelo D. N. S. P. Rio de Janeiro 29 de Maio de 1924, sob o No. 2620

MAIS DOIS EXCELLENTES PRODUCTOS "SQUIBB" LANÇADOS NO RIO

Por intermedio da Empresa Americana de Publicidade Ltda. recebemos algumas amostras do Creme Dental Squibb e do Creme Squibb para barbear, dois excellentes productos de E. R. Squibb & Sons, de Nova York.

Têm uma solida e antiga reputação que vem do meiado do seculo passado, os productos chimicos que a firma E. R. Squibb espalha por todo o commercio mundial. O seu Creme Dental, preparado com leite de magnesia Squibb, apresenta-se como um dentifricio de primeira ordem, e o Creme é um verdadeiro tonico da pelle e magnifico succedaneo do sabão para barbear.

Os srs. M. Barbosa Netto & Cia., conceituados negociantes desta praça, que são agentes geraes dos referidos productos, organizaram lindos mostruarios dos mesmos, para apresental-os ao distincto publico carioca.

Licções de lingua Italiana

pelo Profr. EUGENIO ORFEO

Rua Leopoldo Miguez 139

(Copacabana)

Tel. 7-2407

SELECTA — A RAINHA DA ARTE MUDA

PREÇO 4$000

FRANQUEZA!

DE HORMINO LYRA

CASOU-SE Manoel Carêta e, auxiliado pela mulher, muito trabalhadeira, muito economica e muito sua amiga, conseguiu fazer fortuna. Não obstante ser de ignorancia crassa, era intelligente e trabalhador. Intelligencia e vivacidade não lhe faltavam, tanto assim que se conduziu na vida de modo a enriquecer pelo trabalho, pelo esforço, pelos bons negocios realizados e, para elle, muito licitos.

A vida corria-lhe serena, sem tropeços, quando perdera estupidamente a boa companheira.

Manoel mandara um amigo tratar do enterro, na Santa Casa. Tudo quanto fosse bom, especial, queria no enterro: não olhasse despesas. Eram as ultimas homenagens que rendia á mulherzinha... Tudo bom, tudo muito especial.

Depois de lhe sahir de casa o cortejo funebre, entrou Manoel num automovel, seguiu para a fazenda perto de Jacarépaguá, acocorou-se debaixo de um carro de boi, sem querer de lá sahir por forma alguma.

Delirio sem febre que se apoderou delle, mania como outra qualquer.

Os filhos, uns formados, outros collocados no commercio, e todos independentes e bons cidadãos, iam até lá, rogavam, imploravam ao pae vir para casa; e Manoel Carêta, nada! Alli continuava firme, chorando sempre, sempre a chorar!

Aconteceu, no dia seguinte, chegar isso ao conhecimento do compadre Antonino, o seu melhor amigo. Foi o afilhado quem lh'o contou e lhe pediu ver si dava um geito, si conseguia convencer o pae de vir para casa. Alli poderia adoecer. Parecia um penitente; entanto, não tinha elle que fazer penitencia, nem se arrepender de culpa alguma, porquanto fôra marido exemplar.

Tranquillizou-o Antonino, e este e o afilhado seguiram rumo á fazenda. Lá foi aquelle até o carro de boi.

— Como é isso, compadre? Não póde você continuar assim!

Abraçou-o, exhortou-o, lembrando-lhe ter a comadre feito grande falta, era verdade, fazia grande falta, mas ninguem se póde revoltar contra os designios do Omnipotente.

Ouvia Manoel tudo aquillo e continuava de cabeça baixa a chorar, sempre a chorar.

Continuou o compadre na exhortação. Falou, gesticulou, ora animando-o, ora convencendo-o de sahir dalli; e o outro, nada: chôro para a frente!

Estava quasi desanimado: a sua rhetorica não dissuadira Manoel do intento delle. Então, timidamente, arriscou estas palavras innocentes:

— O compadre enviuvou ainda moço... póde ainda se casar...

Ahi, Manoel Carêta levantou a cabeça:

— Já me lembrei disso, seu compadre...

E, abanando a cabeça, com desanimo:

— Ah! mas encontrar uma companheira como aquella creatura que se foi tão cedo... não é nada facil.

— Com vagar, com vagar, compadre...

E o compadre tranquillizou-se e abandonou o carro de boi!

Tendo em vista os conselhos de Antonino, Manoel Carêta deixou a fazenda e, depois da missa do ultimo dia, não quiz condemnar-se a viver só, como cão sem dono. Os filhos estavam collocados; nenhum precisava do pae; viviam todos por si; e filhas não tinha... Não quiz condemnar-se a viver só e resolveu, positivamente, contrahir segundas nupcias. Para isso não lhe faltariam moças e bonitas! Não iriam atraz delle pela sua bonita cara, que dizia bem com o appellido, mas viriam atraz da isca: os *contecos*, os mil e tantos contos por elle possuidos!

E ria agora, sozinho, e escolhia a menina mais em evidencia no arrabalde. Pensou, matutou... e resolveu mudar de intento: não queria meninas; não, que não era ele cajú! Ia escolher uma senhorinha de quarenta para fóra. Percorreu, de memoria, todas as conhecidas e encontrou: iria pedir em casamento a filha da Baroneza, a qual estava nas condições desejadas.

Barbeou-se, enfeitou-se, entrajou-se e, perfumado, foi até á residencia della.

Desejava falar á "Baronezinha", como era conhecida a filha da Baroneza.

— A's suas ordens, apresentou-se a pretendida.

— "Baronezinha", vim falar-lhe em negocio muito serio...

— E eu, que não entendo de negocios...

— Maliciosa!...

— Não sei por que!

— Innocente!...

— Não o comprehendo!

— Não comprehende... não comprehende... que a "Baronezinha" é moça intelligente; como não comprehende, portanto, o que venha a ser um viuvo sem independente querer falar a determinada moça sem compromissos?...

Mordeu o labio inferior, affectando contrariedade:

— Diga o que deseja, senhor Manoel...

— Estou querendo, "Baronezinha"!

— Querendo o que?

— "Baronezinha", estou querendo...

— Diga...

— Estou querendo casar-me com a senhorinha! Estou rico, ahi! E' coisa do outro mundo?! Eu sou homem e a "Baronezinha" já não é criança; e assim podemos fazer um bom arranjo!

— Nunca pensei em me casar, e não desejo tal...

— Por que?

— Não tenho quéda!

— Não tem quéda para casamento? Ora, deixe disso, bobagem! "Baronezinha" tem esses cabellos assim pretinhos, porque os pinta, mas bem sabe que eu sei não ser a senhorinha uma criança! Vamos acabar com isso! Nós podemos nos casar, e fazer um bom arranjo!

Era a senhorinha da alta sociedade, e não se podia conformar com a incultura e rudeza de Manoel Carêta; todavia, intimamente, se sentia lisonjeada pela preferencia.

— Senhor Manoel, perdôe-me por não poder acceder ao seu pedido de casamento.

— Eu é que tenho de pedir perdão por vir importunal-a, mas acho que perde optima opportunidade. Nós bem podiamos fazer um bom arranjo... Franqueza!

Civilização

De FAUSTO BURGOS

A casa nova era de dois andares. A frente era alta, com janellas lavradas e um escudo de pedra, um escudo antiguissimo dos descendentes da familia de D. Jeronymo Luis de Cabrera, o fundador de Cordova.

A mulher, sentada no humbral de pedra, passou a noite, uma noite de treva, de céo negro coberto pela massa das nuvens.

Uma longa noite, passada ao relento, porque o alto terraço não protege o corpo, ali exposto. Uma noite em que os pobres olhos não tiveram tempo de se cerrarem, nem os membros, o seu ambiente propicio. Não teve tambem um pedaço de pão que lhe enganasse a fome.

Era apenas um vulto que alli estava. Um vulto quieto e medroso.

Ninguem lhe tentara o corpo, durante aquella noite.

A's quatro e meia, os sinos das egrejas começaram a tocar. Chamavam os fieis para a missa. Ella teve um grande desejo de chorar. Nem familia, nem casa, nem leito, nem roupa que pudesse vestir.

Só o seu povoado, alto e longinquo, lhe poderia pertencer. E isso em pensamento.

E para enganar a sua fome, para matar o seu somno, chorou baixinho, devagar, como si o seu pranto fosse para a terra, mãe dos rios, dos bosques, dos mananciaes e dos cerros...

Quando o seu pranto findou, sobreveio uma quietude de alva, um bem estar de oração, uma suavidade de silencio e brandura de somno. Sentiu-se feliz, nesse instante.

Feliz, ali sozinha, coberta de andrajos, faminta, descalça, sem lar, sem mudas de roupa, sem familia, sem nada...

* * *

Uma das irmãs de Maria Auxiliadora abriu a porta da rua. Ainda não havia terminado a sua tarefa, desde a noite anterior.

E um passarinho, no alto na cornija do convento, começou a cantar, alegremente...

Rosa Paukar levantou os olhos somnolentos para mirar a irmã, que vestia habito negro e touca da côr da neve:

— Senhorita!

A india escondeu o rosto, dissimulando o pranto. A irmã tinha os olhos no céo; e a mão branca, suave e branca, misericordiosa mão perfumada de carinho, mão de virgem, de mãe e irmã, acariciou as tranças da india, humidas da soledade nocturna, de frio, da geada.

Era como si a mãe da india se erguesse da sepultura para acariciar a filha, coberta de farrapos e faminta.

Eis o que até então o seu coração moço não havia conseguido: carinho, doce carinho que mata a fome e afugenta o somno.

— Senhorita!

E a irmã continuou na sua tarefa...

— De onde vens? — perguntou a freira, vestida de habito negro.

Rosa disse algumas palavras no seu idioma natal.

— De onde vens filha?

Respondeu com os olhos; os seus olhos negros lhe disseram, num olhar vago, que vinha da muito longe, de uma distante aldeia, onde as nuvens brancas como algodão se derramam sobre as cristas dos montes oxydados e velhos; disseram que ella não possuia nada.

— Senhorita!

Novamente a mão branca, com uma tibia mão maternal, acariciou os cabellos, os hombros, a cabeça da india moça, triste e descalça...

E a porta pesada se abriu, amplamente, apenas a freira acabou a sua tarefa.

— Passa, filha.

A irmã ainda não estava na sua segunda juventude. Tinha uma tez branca e fala carinhosa. Trinta e dois annos, si tanto. Rosa seria tambem sua filha, filha sua e das irmãs companheiras, como as jovens indias a quem ensinava finos trabalhos de agulha, cozinha, etc.

Penetraram no pateo, onde as arcadas mostravam as suas curvas elegantes.

Rosa sentiu o frio das pedras nos pés. Um ar novo, desconhecido, lhe bafejou o rosto. Subiu a escada de pedra, atrás da irmã vestida de negro.

Banhada do silencio da casa nova, a sua alma juvenil se sentia bem.

Algumas raparigas, indias legitimas, vieram conhecel-a e saudal-a. Traziam vestes limpas, ch- ras, asseadas. Os cabellos b- penteados.

— De onde és, rapariga? — P- guntou-lhe uma das moças, Ma- a bordadora, a que havia che- do, havia um anno, de sua te- ra, sordida e faminta, em bu- ca de uma casa, de um carinho, de um ensinamento, de um ex- plo, de um coração.

E Rosa Paukar, a india de P- nús, que não trazia roupa, n- um real, nem um amor na me- ria, respondeu com humildade:

— De Llauri...

Llauri... Cerros... Puna.

— Longe! — exclamou Mari- e olhou em frente, como busc- o panorama que deixara longe.

Joanna Kolke se acercou da recem-chegada. Joanna já ha- aprendido a cozinhar e esque- a vida que deixara nas selv- Elle se revia agora na figura Rosa Paukar, a india joven maltrapilha. E sorria ao reve- na alheia figura...

A Rosa Paukar deram v- novas e limpas; uma cam- ferro, toalhas, escova de de- tudo, emfim, necessario ao asseio. Até então havia dorm- no solo, sobre pelles de ovelh- de lhama...

Recebeu com cara de jubilo pedaço de pão de trigo. Em- estava agasalhada, confortada.

Tinha a sua casa nova. Por encontrara o tecto, o ambien- desejado, o acolhimento prote- Encontrava um coração. E al- sua juventude desabrochou n- sorriso feliz. Pela primeira v- ella teve a idéa vaga de que lado daquelle amor, que era dade, podia florescer um o- que era amor do coração. M- como? Como, si elle, o indio J- ficara na sua aldeia? Aquelle quem dera a sua alma?

Naquelle mesmo dia ella se en- tregou á sua tarefa, convencida de que iria civilizar-se; e o maior bem que poderia dar a J- eram as luzes da civilização que ia receber...

AGUADO REGIMEN DOS ARTHRITICOS

GOTTOSOS — RHEUMATICOS — DIABETICOS

A's refeições

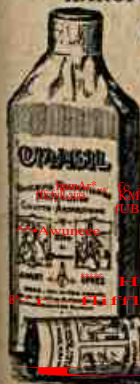
VICHY CÉLESTINS

ELIMINA O ACIDO URICO

Rheumatismos - Dores de Cabeça - Nevralgias Gotta Dores de toda a especie

OMAGIL

XAROPE E PILULAS
ANTI-REUMATISMAL
E
ANTI-GOTTOSO

C. ia FRÈRE
19, rue Jacob
PARIS (França)

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

LEIAM
SELECTA

Extracto de pinheiros maritimos.

O Goudron Guyot é o especifico por excellencia das
VIAS RESPIRATORIAS

CONSTIPAÇÕES - DEFLUXOS
Tosses - Bronchites - Catarrhos
Affecções da Garganta e dos Pulmões
são combatidos com successo pelo

GOUDRON GUYOT

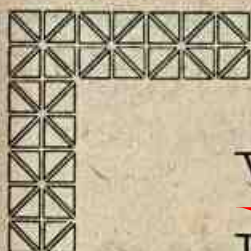
Exigir o verdadeiro GOUDRON-GUYOT e afim de evitar qualquer erro, olhai para o rotulo; o do verdadeiro GOUDRON-GUYOT leva o nome GUYOT impresso em grandes letras e a sua assignatura em trez cores: violeta, verde e vermelho, e em diagonal, assim como o endereço de: Maison FRÈRE, 19, rue Jacob, Paris.

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

GLYCEROPHOSPHATO ROBIN

Latação
Gravidez
Crescença
dos creanças

Laboratorios M. ROBIN, 13, rue de Poissy, PARIS

R. AUBERTEL, ... RIO DE JANEIRO

Sê forte

ANESIO LEÃO

Deixa dessa tristeza. Vive, sonha...
Mata essa historia. Vive e sonha, pois...
— Foi muito, sim, o que houve entre nós dois,
Mas não foi nada de fazer vergonha!

Enfraqueces, esfalfas-te, depois,
Vendo-te assim chorosa, assim tristonha,
Não te lamenta o mundo a dor medonha
Por mais que com razão tu te magôes.

Do teu gemido, cavernoso ou brando,
Com o golpe da paciencia corta o fio
E ainda em vexames apparenta calma!

Faze como eu — Não ha quem saiba quando
Chove nas cabeceiras deste rio
Impetuoso que eu tenho dentro d'alma!

Canção do homem que não amou, podendo amar

(DE SALVADOR MERLINO)

Eu levava no meu cerebro
a propria fatalidade.

Este amor — pensava eu sempre —
algum dia o não será.

Tal pensamento doia
na minha felicidade.

Si o amor ha de acabar-se —
diziam-me que ha de ser?

E transcorreram os dias
sem nenhuma novidade.

Estava o amor em casa
e eu com medo de amar

A velhice encheu de rugas
minha fronte macilenta

E assim se me foi a vida
e eu, cem annos sem amar

Ai, meu cerebro, meu cerebro
tu foste a fatalidade!

Si eu pudesse amar agora,
já não pensaria mais.

ESDRAS FARIAS

Num leque

BENEDICTO CESAR

O leque se abre tatalando
— Aza a que dás o teu perfume,
E o vento vae, perfumeo e brando
Beijar-te o collo, a face, a bocca...
— Ai! Como é triste ter ciume!...
Rival feliz, que a febre louca
Me ateia n'alma, si um momento
Brinca nos teus negros cabellos...
— Ai! si eu fizesse como o vento...
Teu leque mata-me de zelos!

Embora [illegible]

São sete botões de rosa
Os teus annos, pequenita,
Da roseira [illegible]
Da tua idade [illegible]
Botões [illegible] breve.
Serão [illegible]
Pois eu [illegible] deve
Alguns [illegible]